Bertolt Brecht

Teatro Completo

7

O julgamento de Luculus
A alma boa de Setsuan
Dansen
Quanto custa o ferro?

BERTOLT BRECHT

TEATRO COMPLETO

em 12 volumes

PAZ E TERRA

BERTOLT BRECHT
TEATRO COMPLETO
em 12 volumes
VII

O JULGAMENTO DE LUCULUS (1938-1939)
Tradução de Gilda Oswaldo Cruz e Geir Campos

A ALMA BOA DE SETSUAN (1938-1940)
Tradução de Geir Campos e Antônio Bulhões

DANSEN (1939)
Tradução de Marcos Renaux e Christine Roehrig

QUANTO CUSTA O FERRO? (1939)
Tradução de Marcos Renaux e Christine Roehrig

Copyright by Suhrkamp Verlag (*O julgamento de Luculus* e *A alma boa de Setsuan*); Stefan S. Brecht (*Dansen* e *Quanto custa o ferro?*).

Títulos dos originais em alemão:

Das Verhör des Lukullus, © 1957 *by* Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Der gute Mensch von Sezuan*, © 1955 *by* Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Dansen*, © 1966 *by* Stefan S. Brecht; *Was kostet das Eisen?*, © 1966 *by* Stefan S. Brecht. Todos os direitos de *Dansen* e de *Quanto custa o ferro?* reservados para Suhrkamp Verlag.

Coordenação Geral: Christine Roehrig - Fernando Peixoto
Capa Isabel Carballo
Copydesk Victor Enrique Pizarro
Revisão Carmen T. S. Costa

Dados de Catalogação na Publicação Internacional (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecht, Bertolt, 1898-1956.
Teatro completo, em 12 volumes / Bertolt Brecht.
-- Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. -- (Coleção teatro ; v. 9-15)

Tradução de: Bertolt Brecht: Gesammelte Werke in 20 Bänden.
Publicados v. 1-7

1. Teatro alemão I. Título. II. Série.

91-2909 CDD-832.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Século 20 : Teatro : Literatura alemã 832.91
2. Teatro : Século 20 : Literatura alemã 832.91

Direitos adquiridos pela

EDITORA PAZ E TERRA LTDA.
Rua do Triunfo, 177
Santa Ifigênia, São Paulo, SP – CEP 01212-010
Tel.: (11) 3337-8399

vendas@pazeterra.com.br
www.pazeterra.com.br

que se reserva a propriedade desta tradução.

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Índice

O julgamento de Luculus 11
A alma boa de Setsuan 55
Dansen 187
Quanto custa o ferro? 207

O julgamento de Luculus
Peça radiofônica

Das Verhör des Lukullus
Escrita em 1938-1939

Tradução: Gilda Oswaldo Cruz e Geir Campos

Colaboradora: M. Steffin

PERSONAGENS

Arauto
Vozes
Soldados com o Catafalco
Escravos com o Friso
Raparigas 1 e 2
Comerciantes 1 e 2
Mulheres 1 e 2
Plebeus 1 e 2
Carroceiro
Crianças
Voz Cavernosa
Luculus, general romano
Velha Senhora
Voz Tríplice
Locutor do Tribunal dos Mortos
Juiz dos Mortos
Professor
Rei
Cortesã
Rainha
Padeiro
Duas Virgens com uma Tabuleta
Sombras 1 e 2
Peixeira
Legionários 1 e 2
Cozinheiro
Lavrador
Homem da Cerejeira

1

O CORTEJO FÚNEBRE

Ruídos de uma grande multidão.

ARAUTO —

Atenção: está morto o grande Luculus,
O general que conquistou o Oriente,
Que derrubou sete reis,
Que de riquezas cobriu nossa cidade de Roma!
À frente do catafalco
Carregado por soldados
Caminham com os rostos cobertos
Os mais ilustres varões da potentíssima Roma,
E, ao lado dele,
Vão seu filósofo, seu advogado e o seu cavalo.

CANTO DOS SOLDADOS QUE LEVAM O CATAFALCO —

Segurem, companheiros,
Bem firme sobre os ombros:
Para que ele não oscile
Ante esses milhares de olhos,
Agora que o senhor das terras do Oriente
Vai a caminho do Reino das Sombras!
Cuidado, companheiros, para não tropeçar!
O que em metal e carne vamos conduzindo
Foi um dos poderosos deste mundo.

ARAUTO —

Atrás dele vai sendo carregado
Um gigantesco friso
Onde se representam os seus feitos heróicos
E que lhe vai servir de pedra tumular.
Uma vez mais
Extasia-se o povo diante dessa vida fabulosa
De lutas e vitórias e conquistas,
E rememora os seus triunfos de outrora.

VOZES —
Pensem bem no invencível, pensem no poderoso!
Lembrem-se do terror das duas Ásias,
O predileto de Roma e dos deuses
Quando em seu carro dourado
Ele chegava trazendo à cidade
Reis estrangeiros e animais exóticos:
Elefantes, camelos e panteras,
Carroças cheias de damas escravizadas,
Bagageiros repletos de tesouros,
Barcos, quadros e vasos
De precioso marfim, Corinto inteira
Em estátuas de bronze, em meio ao mar,
Do povo em júbilo! Recordem bem a cena!
As moedas lançadas às crianças,
E os vinhos e as salsichas!
Lembrem-se dele, em seu carro de ouro,
Passando pelas ruas da cidade:
Ele, o invicto, ele, o magnífico,
Ele, o terror das duas Ásias, ele,
O predileto de Roma e dos deuses!

CANTO DOS ESCRAVOS QUE CARREGAM O FRISO —
Cuidado, aí, para não tropeçar!
Nós, que levamos o friso
Com as cenas dos triunfos,
Muito embora o suor escorra em nossos olhos,
Não podemos soltar a mão da pedra!
Muita atenção: se ela cair no chão,
Pode ficar reduzida a pó!

RAPARIGA 1 —
O do elmo vermelho! Não, o alto!

RAPARIGA 2 —
É vesgo.

COMERCIANTE 1 —
Vieram todos os senadores!

COMERCIANTE 2 —
E os alfaiates todos, também!

COMERCIANTE 1 —
É, o nosso homem foi longe:
Até às Índias!

COMERCIANTE 2 —
Já não mandava mais, há muito tempo.
Infelizmente, em minha opinião.

COMERCIANTE 1 —
Foi maior que Pompeu!
Sem ele, Roma estaria perdida:
Vitórias formidáveis!

COMERCIANTE 2 —
Questão de sorte.

MULHER 1 —
Meu homem,
Que tombou morto na Ásia, nunca mais
Há de voltar, com essa pompa toda!

COMERCIANTE 1 —
Esse homem
Fez a fortuna de muita gente.

MULHER 2 —
Por causa dele, meu irmão também
Nunca mais voltará.

COMERCIANTE 1 —
Todos sabem o que ele deu a Roma!
Teve uma glória ímpar.

MULHER 1 —
Se não pregassem tanta mentira,
Ninguém iria na conversa deles.

Comerciante 1 —
O heroísmo
Está cada vez mais morto.

Plebeu 1 —
Até quando vão amolar a gente
Com essa história de heroísmo e glória?

Plebeu 2 —
Na Capadócia, de três legiões
Não escapou nem homem nem rato!

Carroceiro —
Posso passar?

Mulher 2 —
Não: aqui a passagem está interditada.

Plebeu 1 —
Quando é um general que se vai enterrar,
Carros de bois podem esperar.

Mulher 2 —
Meu Pulquério foi parar na Justiça:
Impostos atrasados!

Comerciante 1 —
Pode-se dizer mesmo que, sem ele,
A Ásia hoje seria nossa!

Mulher 1 —
O preço do peixe aumentou de novo?

Mulher 2 —
E o do queijo também.
Cresce o rumor da multidão.

Arauto —
Neste momento
Passa o cortejo pelo arco do triunfo

Que a cidade erigiu ao valoroso filho.
As mulheres levantam
As crianças. Os cavalarianos
Contêm os espectadores
Nos cordões de isolamento.
Atrás do cortejo, a rua
Parece que está de luto:
Foi a última vez que viu passar
O grande Luculus.
Diminui o rumor da multidão e afasta-se o cortejo.

2

FINAL RÁPIDO E VOLTA À VIDA DE TODOS OS DIAS

Arauto —
O cortejo passou, e agora as ruas
Voltam a encher-se de transeuntes.
Dos becos apinhados
Começam a afluir carros de bois.
A multidão tagarela volta ao trabalho.
A diligente Roma
Volta aos seus afazeres.

3

NOS LIVROS ESCOLARES

Coro de Crianças —
Nos livros escolares
Lêem-se os nomes dos grandes generais.
Quem os quiser imitar,
Estude bem as batalhas deles
E as suas vidas extraordinárias.
Para podermos ser dignos deles,
Devemos elevar-nos bem acima
Da multidão. Nossa cidade espera
Algum dia também os nossos nomes

Gravar na pedra dos imortais.
Sextus conquista o Ponto
E tu, Flacus, dominas as três Gálias,
Enquanto os Alpes atravessas tu,
Quintiliano!

4

O SEPULTAMENTO

ARAUTO —
Eis que na Via Ápia
Eleva-se um pequeno mausoléu
Construído há dez anos para ser,
Depois da morte, o abrigo
De um grande homem.
Em frente a ele, a turma dos escravos
Chega trazendo o friso triunfal.
À pequena rotunda, cercada de ciprestes,
Chega o morto, afinal.

VOZ CAVERNOSA —
Alto, soldados!

ARAUTO —
Da parede fronteira
Faz-se ouvir uma voz:
Daqui em diante, é a que vai dar as ordens.

VOZ CAVERNOSA —
Virem o estrado! Para além deste muro
Ninguém vai carregado: para além deste muro
Vai cada um com seus próprios pés!

ARAUTO —
Os soldados vão inclinando o estrado.
E o grande general vê-se de novo em pé,
Sem muita segurança. O seu filósofo
Quer ainda fazer-lhe companhia,

Trazendo bem na ponta da língua
Uma palavra de sabedoria. Porém...

VOZ CAVERNOSA —
Fique onde está, filósofo!
Para além deste muro
Tu não irás aborrecer ninguém.

ARAUTO —
Assim falou a voz que dá as ordens.
Quem quer entrar agora é o advogado,
Para lavrar um protesto.

VOZ CAVERNOSA —
Protesto rejeitado!

ARAUTO —
Assim falou a voz que dá as ordens,
E ordena então ao grande general:

VOZ CAVERNOSA —
Transpõe agora o umbral!

ARAUTO —
E o grande general chega ao pequeno umbral,
Detém-se ainda uma vez para olhar em redor
E vê com olhos graves os soldados
E vê os escravos carregando a lápide,
Vê pela última vez
O verde dos ciprestes. Vacila.
Pela estreita passagem entra o vento da rua.
Barulho de vento.

VOZ CAVERNOSA —
Tira o elmo, que a nossa porta é baixa!

ARAUTO —
E o general tira o seu lindo elmo,
E entra, curvado. Aliviados, os soldados
Saem do mausoléu, alegres, conversando.

5

DESPEDIDA DOS VIVOS

CORO DOS SOLDADOS —

Servus Lôuculus, pronto:
Agora, bode velho,
Estamos quites!
Vamos já dar o fora
Desta casa de ossos!
Vamos tomar um trago!
Glória não vale nada,
O que vale é viver!
Quem mais quer vir conosco?
Lá na beira do cais
Há um botequim aberto...
Ficam marcando passo?
Também vou com vocês!
E quem paga? É fiado!
Excelente notícia!
Vou passar no mercado...
Vai atrás da morena?
Então vamos também!
Não, não: três é demais,
E ela já achou ruim...
Pois vamos à corrida
De cães, se é assim...
Mas lá a entrada é paga!
Não para os conhecidos.
Vamos! Mas à vontade,
Sem "ordinário, marche"!

6

A RECEPÇÃO

A Voz Cavernosa do guardião da porta do Reino das Sombras.

VOZ CAVERNOSA —

Desde que entrou, o novato
Está junto à porta, imóvel,

Com o elmo embaixo do braço:
É uma estátua dele próprio.
Outros mortos, também recém-chegados,
Estão sentados no banco, esperando:
Como na vida esperaram
Pela sorte e pela morte,
E na taberna esperaram
Que o vinho fosse servido,
E à beira-rio esperaram
Que chegasse a namorada,
E tocaiados no mato
Mais de uma vez esperaram
Pelas ordens de atacar...
Mas parece que o novato
Não aprendeu a esperar.

LUCULUS —

Por Júpiter! Que significa isto:
Aqui estou eu, de pé, e fico esperando?
Ouve-se ainda a maior cidade do globo
Chorar de luto por mim, e aqui
Não há ninguém para me receber?
Em frente à minha tenda de campanha
Já tive sete reis à minha espera!
Não há ordem, aqui?
Meu cozinheiro Lasus, pelo menos:
Onde é que se meteu?
Até de brisa ele é capaz de fazer
Um excelente prato!
Deviam designá-lo, por exemplo,
Para me receber: ele está aqui
Já faz tempo, e eu assim me sentiria
Mais à vontade... Ó Lasus!
O teu carneiro assado com louro e estragão!
Caça da Capadócia! E lagostins do Ponto!
E os bolinhos da Frígia com recheio de amoras!
Silêncio.
Eu ordeno que me levem daqui!
Silêncio.
E tenho de ficar no meio desta gente?

Silêncio.
Pois eu vou reclamar. Duzentas naus
Encouraçadas, cinco legiões,
Eu punha em movimento com meu dedo mínimo.
Vou reclamar.
Silêncio.

VOZ CAVERNOSA —
Ninguém responde. Fala uma velha senhora,
Também no banco dos recém-chegados:

VELHA SENHORA —
Sente-se aí, novato!
Você tem muita lataria em cima:
Essa couraça, esse elmo pesado...
Sente-se. Você deve estar cansado.
Luculus silencia.
Não teime assim: não vai poder ficar
De pé o tempo que tem a esperar.
Eu cheguei muito antes de você...
Quanto dura o julgamento, lá dentro,
Não sei dizer. E é fácil de entender:
O exame tem que ser muito bem feito,
E é um de cada vez, porque disso depende
Ser alguém condenado às trevas infernais
Do Hades ou chamado
Ao Retiro dos Bem-Aventurados.
Muitas vezes
O julgamento é rápido: aos juízes,
Basta uma olhada, e pronto:
"Esse aí", dizem eles, "teve uma vida limpa
E foi útil aos seus concidadãos".
Pela medida dessa utilidade
É que eles dão as melhores sentenças,
E dizem ao julgado: "Vai em paz!".
Mas já em outros casos
O julgamento pode levar dias,
Principalmente para os que mandaram
Alguém aqui para o Reino das Sombras
Antes de ter chegado a hora certa.

Este que entrou agora, com certeza
Não vai demorar nada: é um padeirinho
Sem maldade nenhuma. Quanto a mim, estou
Um pouco preocupada, mas tenho esperança
De haver entre os jurados, pelo que já ouvi,
Alguns membros mais pobres que bem sabem
Como é difícil para nós a vida
Nestes tempos de guerra.
Eu o aconselho, novato...

VOZ TRÍPLICE *interrompendo* —
Tertúlia!

VELHA SENHORA —
Estão chamando por mim.
Veja como se sai dessa, novato!
Sente-se!

VOZ CAVERNOSA —
O novato está duro junto à porta,
Mas o peso das suas condecorações
E o seu esbravejar
E as palavras amigas da velha senhora
Já o fizeram mudar.
Olha em redor, para certificar-se
De estar sozinho e faz menção de ir
Em direção ao banco.
Mas é chamado antes de se sentar:
A velha senhora fora julgada pelos jurados
Com um simples olhar.

VOZ TRÍPLICE —
Lôuculus!

LUCULUS —
Meu nome é Luculus:
Aqui não sabem como eu me chamo?
Descendo de uma ilustre família de estadistas
E generais. Só na beira do cais
E nos acampamentos de soldados,

Na boca suja dos ignorantes e da gentinha baixa,
É que me chamam Lôuculus.

Voz Tríplice —
Lôuculus!

Voz Cavernosa —
E assim chamado mais de uma vez
Pelo seu apelido marginal,
Vai Luculus, o grande general
Que conquistou o Oriente,
Que destronou sete reis,
Que cobriu de tesouros a cidade de Roma,
Na hora do jantar, quando em cima dos túmulos,
Para comer, Roma se vai sentar,
Vai Luculus, perante o tribunal supremo
Do Reino das Sombras, se apresentar.

7

ESCOLHA DO DEFENSOR

Porta-Voz do Júri dos Mortos —
Perante o supremo tribunal do Reino das Sombras
Apresenta-se Lôuculus, o general
Que diz chamar-se Luculus.
Sob a presidência do Juiz dos Mortos,
Cinco jurados procedem ao julgamento:
Um deles foi lavrador,
O segundo foi escravo depois de ser professor,
O terceiro foi peixeira,
O quarto foi padeiro,
E o quinto foi cortesã.
Estão sentados em cadeiras altas,
Sem mãos para segurar, nem bocas para comer,
E olhos de há muito apagados
E pouco afeitos às pompas do mundo.
Incorruptíveis se mostram

Os jurados de Além-Túmulo.
O Juiz dos Mortos dá início ao julgamento.

Juiz dos Mortos —
Sombra, aqui estás para seres julgado.
Precisas prestar conta da existência
Que tiveste entre os homens:
Se o que fizeste foi bom ou foi mau,
Se a tua face é digna de ser vista
No Reino dos Bem-Aventurados.
Mas tu vais precisar de um defensor.
Tens algum defensor, entre os que pairam
No Retiro dos Bem-Aventurados?

Luculus —
Solicito que seja convocado
O famoso Alexandre da Macedemônia,
Para, como perito em ações militares,
Como foram as minhas, prestar depoimento.

Voz Tríplice *chamando no Retiro dos Bem-Aventurados* —
Alexandre da Macedemônia!
Silêncio.

Locutor do Tribunal dos Mortos —
Ninguém responde.

Voz Tríplice —
No Retiro dos Bem-Aventurados
Não há nenhum Alexandre da Macedemônia.

Juiz dos Mortos —
Sombra, o teu especialista
É desconhecido no Reino dos Bem-Lembrados.

Luculus —
Como? O que conquistou a Ásia até o Indo,
O inesquecível, que deixou na terra
A marca indelével dos seus sapatos,
O poderoso Alexandre...

JUIZ DOS MORTOS —
Não é conhecido aqui.
Silêncio.

JUIZ DOS MORTOS —
Infeliz! Os nomes dos potentados
Não causam nenhum temor aqui embaixo.
Eles aqui
Não assustam ninguém: as frases deles
São lorotas, e os grandes feitos deles
Não merecem registro. A glória deles
Para nós é fumaça, que só serve
Para indicar onde houve um incêndio.
Sombra, a tua postura dá a entender
Que o teu nome talvez deva ligar-se
À realização de estupendas façanhas.
Mas são façanhas
Das quais aqui não se toma conhecimento.

LUCULUS —
Peço então que se traga a este local
O friso do meu túmulo,
Onde, talhada em pedra,
Está a minha carreira triunfal!
Mas, francamente, como
Pode ele ser trazido? Escravos o arrastavam,
Mas com certeza aqui os vivos não entram.

JUIZ DOS MORTOS —
Mas os escravos, sim: a vida deles
É uma espécie de morte.
Pode-se até dizer que eles estão
Só com um pé na vida:
Um passo, apenas,
Ainda os afasta do Reino das Sombras.
Traga-se, pois, o friso!

8

ENTRADA DO FRISO

VOZ CAVERNOSA —
Junto ao muro, os escravos ainda estão
Esperando, indecisos:
Para onde vai o friso?
E eis que através do muro
De repente uma voz se faz ouvir.

JUIZ DOS MORTOS —
Entrem!

VOZ CAVERNOSA —
A essa voz, em Sombras transformados,
Arrastando o pesadíssimo fardo,
Lá vêm eles atravessando o muro
Cercado de ciprestes.

CORO DOS ESCRAVOS —
Da vida para a morte
Levamos este fardo, sem recusa.
Há muito tempo o nosso tempo não é nosso,
Ignoto é o fim do nosso caminhar.
Obedecemos à voz nova assim
Como às velhas: para que perguntar?
Para trás nada deixamos
E à frente nada esperamos.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
E atravessando o muro vão aqueles
Que, não detendo nada,
Tampouco um muro havia de deter.
E o seu fardo depõem
Ante o supremo tribunal das Sombras:
O friso e as suas cenas triunfais.
Reparai bem, jurados de Além-Túmulo:
Há um rei aprisionado de olhar triste,
Uma rainha de olhos esquisitos

E coxas provocantes,
Um homem com uma cerejeira na mão
E uma cereja na boca,
Um deus gordo e dourado conduzido
Por dois escravos,
Duas virgens com uma tabuleta
E nela os nomes de cinqüenta e três cidades,
Um legionário moribundo e erecto
Em saudação ao seu general,
E um cozinheiro segurando um peixe.

JUIZ DOS MORTOS —
São essas, Sombra, as tuas testemunhas?

LUCULUS —
São essas, sim. Mas como
É que elas vão falar, se são de pedra?
Elas são mudas.

JUIZ DOS MORTOS —
Para nós, não. Para nós, elas falam.
Sombras petrificadas, estão prontas
A prestar depoimento?

CORO DAS FIGURAS DO FRISO —
Imagens destinadas uma vez
Para dar testemunho em plena luz,
Somos em pedra as sombras
Daqueles que foram sacrificados:
Tanto sabemos falar
Quanto sabemos calar.
Imagens destinadas uma vez
Para dar testemunho, em plena luz,
Dos humilhados, dos amordaçados,
Dos esquecidos, dos sufocados
Por determinação do vencedor,
Tanto queremos falar
Quanto queremos calar.

JUIZ DOS MORTOS —
As testemunhas da tua grandeza,

Sombra,
Estão prontas a prestar depoimento.

9

O INTERROGATÓRIO

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
O general avança e aponta
O rei de pedra.

LUCULUS —
Aí está um dos que eu derrotei.
Nos poucos dias que vão de uma lua-nova
À lua-cheia,
As tropas dele eu desbaratei,
Com toda a sua cavalaria
E os seus carros de guerra.
Nesses tão poucos dias
O reino dele desmoronou
Como uma choupana batida por um raio.
Quando pisei na fronteira dele,
Desabalou em fuga,
E o pouco tempo que durou a guerra
Foi só o que eu levei para chegar
Até à fronteira oposta
E ocupar todo o reino.
A guerra foi tão curta, que um presunto
Que meu cozinheiro pôs no fumeiro
Não estava ainda pronto
Quando cheguei de volta.
E esse foi só um rei
Dos sete que derrotei.

JUIZ DOS MORTOS —
Verdade, rei?

REI —
Verdade.

JUIZ DOS MORTOS —
Façam suas peguntas, os jurados!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
O jurado que em vida foi escravo,
Mas antes professor,
Curva-se agora sombrio e pergunta:

PROFESSOR —
Como foi que tudo isso aconteceu?

REI —
Como ele disse: fomos atacados.
O camponês que amontoava feno
Estava com o ancinho ainda no ar
Quando a carroça que ele carregava
Lhe foi arrebatada.
A broa que o padeiro pôs no forno
Estava ainda crua
Quando por mãos estranhas foi tirada.
E tudo o que ele disse sobre o raio
Que arrasa a choupana, foi mesmo assim:
A choupana foi arrasada, e o raio
É esse aí!

PROFESSOR —
E você foi, dos sete...

REI —
Apenas um.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os jurados tomam conhecimento
Do testemunho do rei.
Pausa.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Ergue-se agora a sombra da que foi cortesã:
Tem algo a perguntar.

CORTESÃ —
Você também, rainha:
Como é que veio parar aqui?

RAINHA —
Ia uma vez, manhãzinha bem cedo,
Tomar meu banho de rio, em Taurion;
De repente, entre os olivais da margem,
Cinqüenta homens estranhos surgiram
E me cercaram, e fui dominada.

A única arma que eu tinha era a esponja
E meu único abrigo era a água clara;
Só mesmo as armaduras dos soldados
Resguardavam minha nudez, mas não
Por muito tempo. E assim fui dominada.

Ao ver-me em tal pavor, chamei então
Pelas minhas damas de companhia,
Que apavoradas gritavam atrás
De uns arbustos e foram dominadas.

CORTESÃ —
Então, como é que você faz parte
Do cortejo triunfal?

RAINHA —
Ora: para celebrar a vitória!

CORTESÃ —
Vitória sobre quem? Sobre você?

RAINHA —
E sobre a bela Taurion.

CORTESÃ —
E a isso ele dá o nome de triunfo?

RAINHA —
É que o rei, meu marido,

Com todo o seu exército, não soube
Defender seus haveres
Da poderosa Roma.

CORTESÃ —
Irmã, tivemos a mesma sorte:
A poderosa Roma
A mim também não soube defender
Da poderosa Roma.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os jurados tomam conhecimento
Do testemunho da rainha.
Pausa.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
O Juiz dos Mortos dirige-se
Ao general.

JUIZ DOS MORTOS —
Sombra, queres prosseguir?

LUCULUS —
Sim. Estou percebendo que os vencidos
Têm voz adocicada, e todavia
Já foi áspera. Esse rei, que procura
Tocar vossa piedade, era, lá em cima
Dos mais cruéis: não extorquia ao povo
Menos impostos e taxas que eu.
As cidades que dele eu libertei
Nada perderam com isso, mas Roma
Ficou com mais cinqüenta e três cidades.

DUAS VIRGENS COM UMA TABULETA —
Com as ruas, as casas e as pessoas,
Os templos e os chafarizes,
Nós também fazíamos parte da paisagem;
Hoje restam somente os nossos nomes
Em uma tabuleta.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
O jurado que em vida foi padeiro
Curva-se agora sombrio e pergunta:

PADEIRO —
Como foi isso?

DUAS VIRGENS —
Ao meio-dia houve um grande tumulto.
As ruas transbordaram como rios
Com vagalhões de homens carregando
Tudo o que tínhamos. À noite, apenas
Um rolo de fumaça indicaria
O lugar onde uma cidade havia.

PADEIRO —
E o que foi que levou
Quem comandava esse rio de homens
E diz que deu a Roma
Cinqüenta e três cidades?

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os escravos, que vão com o deus dourado,
Começam a tremer e a gritar:

ESCRAVOS —
A nós!
Felizes antes, e agora bestas de carga
Transportando o butim e sendo parte
Desse mesmo butim!

DUAS VIRGENS —
Essa gente erigiu cinqüenta e três cidades
Das quais só restam agora o nome e a fumaça.

LUCULUS —
Expulsei-os, sim: eram
Duas vezes cento e cinqüenta mil
Adversários outrora, já não mais adversários!

ESCRAVOS —
Seres humanos, outrora;
Já não mais seres humanos!

LUCULUS —
Trouxe também, com eles, o deus deles,
Para mostrar
Que o universo dos nossos deuses
Era maior que o de todos os outros.

ESCRAVOS —
E o nosso deus foi muito bem recebido,
Pois era todo de ouro maciço
Pesando mais de cento e vinte quilos.
E cada um de nós valia em ouro
Uma moeda com a grossura de um dedo.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
O jurado que em vida foi padeiro
Em Marselha, cidade à beira-mar,
Tem algo a declarar:

PADEIRO —
A teu favor anotaremos, Sombra,
Apenas isto: trouxeste ouro a Roma.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os jurados tomam conhecimento
Dos que falam em nome das cidades.
Pausa.

JUIZ DOS MORTOS —
O acusado parece fatigado.
Faço aqui um intervalo.

10

ROMA — AINDA UMA VEZ

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Retiram-se os jurados.
O acusado senta-se,
Encostando a cabeça ao batente da porta.
Está exausto, mas atrás da porta
Escuta o que dizem novas sombras
Ali reunidas.

SOMBRA 1 —
Eu morri esmagado por um carro de bois.

LUCULUS *baixo* —
Carro de bois...

SOMBRA 1 —
Vinha cheio de areia, para uma construção.

LUCULUS *baixo* —
Areia... Construção...

SOMBRA 2 —
Já não está na hora de comer?

SOMBRA 1 —
Comer? Eu tinha um pão e uma cebola;
Agora já nem tenho onde ficar.
Essa porção de escravos que eles trazem
Dos quatro cantos do mundo
Estão levando à falência
O ofício de sapateiro.

SOMBRA 2 —
Eu também fui escravo. Costumamos dizer
Que os felizes acabam na infelicidade,
Puxados pelas mãos dos infelizes.

LUCULUS *um pouco mais alto* —
Vocês, aí! Ainda tem vento lá em cima?

SOMBRA 2 —
Escuta:
Alguém está perguntando alguma coisa!

SOMBRA 1 *alto* —
Se tem vento lá em cima? Talvez tenha:
Nos jardins, pode ser...
Nas nossas ruazinhas abafadas
É que não venta nada.

11

CONTINUA O INTERROGATÓRIO

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os jurados retornam.
O julgamento vai recomeçar.
O jurado que em vida foi peixeira
Vai agora falar:

PEIXEIRA —
Era em ouro que estávamos falando.
Vivi em Roma, também,
Mas ouro nenhum eu vi
No lugar onde vivi:
Eu só queria saber
Onde ele foi se meter!

LUCULUS —
Que pergunta! Eu devia sair a campo
Com minhas legiões, para trazer
Uma banqueta nova
Para qualquer peixeira do mercado?

PEIXEIRA —
Para o mercado você nunca trouxe nada,
Mas uma coisa sempre achou de carregar:
A nossa rapaziada!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Vira-se agora a jurada
Para os guerreiros do friso:

PEIXEIRA —
Digam: que foi que ele fez com vocês
Nas duas Ásias?

LEGIONÁRIO 1 —
Eu ia dando no pé...

LEGIONÁRIO 2 —
Foi quando eu caí ferido.

LEGIONÁRIO 1 —
Então eu o carreguei.

LEGIONÁRIO 2 —
E foi ferido também.

PEIXEIRA —
Por que razão você saiu de Roma?

LEGIONÁRIO 1 —
Não tinha o que comer.

PEIXEIRA —
E fora, conseguiu alguma coisa?

LEGIONÁRIO 2 —
Eu, nada.

PEIXEIRA —
No friso, você está de mão erguida:
É em saudação ao seu general?

LEGIONÁRIO 2 —
Não: eu estava só mostrando a ele
Minha mão sempre vazia.

LUCULUS —

Protesto! Eu presenteava os legionários
Depois de cada campanha.

PEIXEIRA —

Mas não os mortos!

LUCULUS —

Protesto!
Quem pode falar de guerra,
Se não entende disso?

PEIXEIRA —

Disso eu entendo: meu filho
Morreu na guerra.
Estava eu vendendo peixe no mercado
Perto do Fórum
E um dia veio a notícia
De que chegavam ao porto os navios
Com os soldados da guerra da Ásia.
Então saí do mercado correndo
E fiquei horas a fio
Às margens do rio Tibre,
Onde eles iriam desembarcar.
À tarde os barcos estavam todos vazios,
E pelas pranchas não desceu meu filho.
No porto havia um ventozinho frio
E à noite eu tive febre, mas com febre
Ainda fiquei procurando meu filho,
Cada vez com mais frio,
Até que caí morta
E vim parar neste Reino das Sombras,
Onde continuei a procurar:
"Fábio", eu gritava, que era o nome dele,
"Fábio, Fábio, filho meu,
Que eu dei à luz e criei,
Fábio, meu filho!".
Por entre as sombras corri, chamando
Daqui e dali, até que um guardião
Do campo de repouso dos que morrem na guerra
Me puxou pela manga e me falou:

"Um momento! Aqui temos muitos Fábios,
Filhos de muitas mães que por eles procuram,
Muitos perdidos, que não se lembram mais
Dos nomes que tinham e que serviram
Para o recrutamento e que não têm
Utilidade aqui; eles nem querem
Olhar mais para as mães
Que os deixaram partir
Para a guerra sangrenta".
Segura pela manga, ali fiquei parada
Com um grito engasgado na garganta.
Depois saí calada e nunca mais
Senti vontade de olhar novamente
A cara do meu filho.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —

O Juiz dos Mortos olha
Face a face os jurados, e anuncia:

JUIZ DOS MORTOS —

O tribunal declara: a mãe do morto
Entende bem de guerra!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —

Os jurados tomam conhecimento
Do testemunho dos legionários.

Pausa.

JUIZ DOS MORTOS —

A jurada ficou emocionada.
Nas mãos dela, a balança da Justiça
É capaz de tremer; precisa de um descanso.

12

ROMA — PELA ÚLTIMA VEZ

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —

De novo o acusado
Senta-se e põe-se à escuta

Das conversas das sombras
Do outro lado da porta.
Mais uma vez, do mundo lá de cima,
Chega até ele um sopro.

Sombra 2 —
Por que você corre assim?

Sombra 1 —
Catando notícias. Agora dizem
Que estão aliciando legionários
Nas tabernas ribeirinhas do Tibre,
Para uma nova guerra no Ocidente:
Estão querendo conquistar as Gálias.

Sombra 2 —
Eu nunca ouvi falar...

Sombra 1 —
Só os graúdos sabem dessas terras.

13

AINDA O INTERROGATÓRIO

Locutor do Tribunal dos Mortos —
O Juiz olha a jurada, sorrindo,
E chama o réu, olhando-o com tristeza.

Juiz dos Mortos —
Nosso tempo se esgota,
E não estás sabendo aproveitar.
É melhor não ficares nos cansando
Com esses teus triunfos.
Será que não arranjas testemunha
De uma fraqueza tua, criatura?
Assim vais mal: tuas grandes virtudes,
Para nós, pouco valem... Mas, quem sabe,
Tuas fraquezas não abririam um claro
Nessa tua cadeia de violências?

Pensa bem nas tuas fraquezas, Sombra:
É um conselho meu!

Locutor do Tribunal dos Mortos —
O jurado que em vida foi padeiro
Vai dizer algo:

Padeiro —
Vejo no friso um cozinheiro com um peixe:
É engraçado! O cozinheiro que nos conte
O que veio fazer no friso triunfal!

Cozinheiro —
Vim apenas mostrar
Que o general, no aceso das batalhas,
Ainda encontrava tempo de inventar
Receitas para bons pratos de peixe.
Fui cozinheiro dele. E ainda me lembro
Dos bons pedaços de carne,
Das aves e das caças que ele mandava assar.
E não ficava só sentado à mesa:
Vivia sempre a me elogiar,
E quantas vezes a meu lado, no fogão,
Ele próprio temperava a comida!
Carneiro assado *à la* Luculus
Foi uma glória da nossa cozinha.
Da Síria ao Ponto, era muito falado
O cozinheiro do general Luculus!

Locutor do Tribunal dos Mortos —
Pede a palavra o jurado
Que em vida foi professor:

Professor —
Que nos importa saber
O que ele mais gostava de comer?

Cozinheiro —
É que ele me deixava cozinhar
A meu gosto: por isso eu lhe sou grato.

PADEIRO —
Eu fui padeiro e posso entender isso.
Quanta vez misturei fubá no trigo,
Por causa dos mais pobres! Ele ao menos
Podia pôr arte no que fazia.

COZINHEIRO —
Graças a Luculus! No friso triunfal
Ele me colocou atrás dos reis,
Em reconhecimento à minha arte:
Considero-o, por isso, muito humano.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Os jurados tomam conhecimento
Do testemunho do cozinheiro.
Pausa.

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
E agora fala o jurado
Que em vida foi lavrador:

LAVRADOR —
Vejo também no friso triunfal
Um homem carregando uma árvore frutífera...

HOMEM DA CEREJEIRA —
É uma cerejeira, que trouxemos da Ásia.
No cortejo desfilamos com ela,
E depois a plantamos nas encostas
Dos Montes Apeninos.

LAVRADOR —
Então, Lôuculus, foi você quem trouxe?
Ah, quantas cerejeiras já plantei,
Sem saber que você as trouxe de tão longe!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Sorrindo amigavelmente conversam
Sobre a árvore, o jurado
Que em vida foi lavrador
E a Sombra do general.

LAVRADOR —
Em pouca terra, ela dá...

LUCULUS —
Mas o vento é que não faz bem a ela.

LAVRADOR —
As cerejas vermelhas têm mais polpa.

LUCULUS —
As pretas são mais doces.

LAVRADOR —
Meus amigos, de tudo o que ele conquistou
Em sanguinárias guerras de odiosa memória,
Aqui está o melhor: uma planta que vive!
Uma árvore nova e companheira
Que se veio juntar à amoreira e à videira,
E crescem juntas e aumentam nossas colheitas,
Trazendo frutos para as novas gerações.
A quem a trouxe, as minhas felicitações!
Quando os restos de todas as pilhagens
Nas duas Ásias se cobrirem de mofo,
Este troféu, dos menores, reviverá
Todos os anos, na primavera,
Oferecendo aos vivos os seus ramos
Cheios de botões brancos
Estremecendo ao vento das colinas.

14

O JULGAMENTO

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Ergue-se agora o jurado
que em vida foi peixeira no mercado:

PEIXEIRA —
Então vocês ainda acharam uma moeda

Nas mãos sangrentas desse bandido?
Esse ladrão vai subornar o tribunal
Com uma parte das coisas que roubou?

PROFESSOR —
Ora, uma cerejeira! Essa conquista
Poderia ser feita com um homem apenas,
Mas ele achou que precisava botar fora
A vida de oitenta mil!

PADEIRO —
Quanto será que se paga
Lá em cima
Por um pãozinho e um caneco de vinho?

CORTESÃ —
Por quanto tempo
Os homens vão ter que vender
A pele, para poderem deitar-se
Com uma mulher?
Ao nada com ele!

PEIXEIRA —
Isso: ao nada com ele!

PROFESSOR —
É isso: ao nada com ele!

PADEIRO —
É isso mesmo: ao nada com ele!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Olham agora para o lavrador,
Ardente defensor da cerejeira:
Que diz o lavrador?
Pausa.

LAVRADOR —
Oitenta mil soldados
Por uma cerejeira?
Não! Ao nada com ele!

JUIZ DOS MORTOS —
Pois seja: ao nada com ele!
Com todas
As guerras e violências,
Só há um reino que sai ganhando:
É o Reino das Sombras.

JURADOS —
E o nosso escuro lugar, cá embaixo,
Já está cheio de vidas mal vividas.
Além do mais, nós não temos aqui
O arado que vacila em mãos aflitas,
Nem as bocas famintas como tantas
Que existem lá por cima.
Quanto pó se poderia juntar
Sobre os oitenta mil sacrificados!
Vocês lá em cima precisam de casas!
Quantas vezes ainda havemos de encontrá-los
Pelos nossos atalhos que não levam
A parte alguma, e escutar as perguntas
Dos seus receios e preocupações:
"Este ano, como serão
O inverno, o outono e o verão?".

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Movimentam-se e gritam
Os legionários do friso de pedra:

LEGIONÁRIOS —
Isso: ao nada com ele! Que província
Vale os promissores anos de vida
Que fomos impedidos de viver?

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Movimentam-se e gritam os escravos
Que carregam o friso:

ESCRAVOS —
Isso: ao nada com ele!
Por quanto tempo ainda ele e os dele

Hão de pisar com desumanidade
Sobre os seus semelhantes e estender
As mãos sujas para lançar em guerras
Sangrentas os povos, uns contra os outros?
Nós e os nossos vamos tolerar isso?

Todos —
É isso mesmo: ao nada
Com ele e com todos da mesma laia!

Locutor do Tribunal dos Mortos —
E das altas cadeiras se levantam
Os defensores do mundo futuro
Que vem com muitas mãos para pegar
E muitas bocas para comer:
Esse mundo futuro
de abundantes colheitas
E vida satisfeita!

INDICAÇÕES DE BERTOLT BRECHT E PAUL DESSAU PARA A ÓPERA *A condenação de Luculus*

A ópera *A Condenação de Luculus* (*Die Verurteilung des Lukullus*) foi escrita com base na peça radiofônica *O Julgamento de Luculus*, que terminaria com estes versos:

Os jurados retiram-se
para elaborar o veredicto.

A cena 14, "O Julgamento", é tirada da peça, conservando-se o subtítulo para maior esclarecimento.

A ópera não inclui os depoimentos das figuras do friso. Em lugar delas, como testemunhas, são chamadas as sombras dos personagens modelados na pedra. Eis como fica a nova cena: (ver página 29)

ENTRADA DO FRISO

Escravos que Carregam o Friso —
Da vida para a morte
Levamos este fardo, sem recusa.
Há muito tempo o nosso tempo não é nosso,
Ignoto é o fim do nosso caminhar.
Obedecemos à voz nova assim
Como às velhas: para que perguntar?
Para trás nada deixamos
E à frente nada esperamos.

Luculus —
Peço aos senhores jurados dos mortos
Que vejam bem o meu friso!
Um rei aprisionado: Tigranes do Ponto!
Sua rainha de olhos esquisitos:
Vejam que coxas lindas ela tem!
Um homem trazendo uma cerejeira
Com uma cereja na boca!
Duas virgens com uma tabuleta
Contendo os nomes

De cinqüenta e três cidades!
Um legionário moribundo e erecto
Em saudação ao seu general!
Meu cozinheiro segurando um peixe!

CORO —
Vejam só como erigem monumentos
Em honra de si próprios,
Estampando na pedra
As suas próprias vítimas
Tão prontas a falar quanto a calar:
Impotentes e tristes testemunhas
Assim expostas pelo vencedor
Para representarem
Os humilhados, os amordaçados,
Os esquecidos, os sufocados,
Por determinação do vencedor
Tanto querendo falar
Quanto querendo calar!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Sombra, os jurados tomaram conhecimento
Do friso que retrata teus triunfos,
Mas sobre esses triunfos eles querem
Saber mais do que o friso quer dizer:
Pedem que seja aqui chamado cada um
Dos que mandaste estampar na pedra.

JUIZ DOS MORTOS —
Que sejam chamadas as testemunhas!
Quem escreve a história dos vencidos
É sempre o vencedor,
E o algoz mostra sempre diferente
A figura da vítima. O mais fraco
É varrido do mundo e em lugar dele
Fica a mentira. Nós, aqui embaixo,
Não precisamos dessa pedra:
Aqui se encontram
Muitos dos que cruzaram teu caminho,

General. Em lugar desses retratos,
Preferimos chamar os retratados:
Em vez da pedra, nós vamos ouvir
As próprias sombras.

LUCULUS —
Eu protesto: não quero
Ver essa gente mais!

VOZ TRÍPLICE —
Atenção, as vítimas do general Lôuculus
Na campanha da Ásia!

Do fundo do palco avançam as Sombras das pessoas cujas imagens aparecem talhadas na pedra, e colocam-se em frente ao friso.

O princípio da cena seguinte precisou ser modificado, como segue:

O INTERROGATÓRIO

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Curva-te, Sombra:
Estão aí as tuas testemunhas!

LUCULUS —
Quero fazer um protesto!

LOCUTOR DO TRIBUNAL DOS MORTOS —
Não são essas as tuas testemunhas?

LUCULUS —
Essas? São contra mim!
Aí está um rei que eu derrotei:
Nos poucos dias que vão de uma lua-nova
À lua-cheia, etc.

Depois do ensaio geral promovido pelo Ministério da Cultura Popular no Teatro de Ópera de Berlim, foram acrescentadas duas passagens sugeridas no decorrer de longas discussões; a primeira explica a razão

pela qual o rei vencido, que na ópera não é apenas uma imagem do friso e sim uma Sombra, sustentou vitoriosamente o interrogatório a que Luculus não soube responder.
Eis o primeiro acréscimo, ainda na cena 9:

LUCULUS —
Sim, estou percebendo que os vencidos
Têm voz adocicada, e todavia
Já foi bem outra. Esse rei, que procura
Tocar nossa piedade, era lá em cima
Muito menos bonzinho: não extorquia ao povo
Menos impostos e taxas que eu.
A prata que ele mandava extrair
Não ia para o povo através dele.

PROFESSOR *para o Rei* —
E por que estás aqui conosco, rei?

REI —
Porque eu construí cidades
E porque as defendi
Quando vocês, romanos,
Vinham tirá-las de nós.

PROFESSOR —
Nós, não: ele!

REI —
Porque, em defesa da pátria, eu gritava:
"Homens, mulheres, crianças,
No campo e no brejo, lutem
Com a foice e com o machado,
Com o ancinho e com o arado,
Seja noite ou seja dia,
Com a fala ou com o silêncio,
Na prisão ou em liberdade,
Em presença do inimigo
Ou em presença da morte!".

PROFESSOR —
Eu proponho que fiquemos de pé

Ante essa testemunha
E em homenagem a todos
Os que lutaram por suas cidades!
Os jurados põem-se de pé.

LUCULUS —
Que espécie de romanos são vocês:
Rendendo homenagem ao inimigo?
Eu não fui lá por iniciativa minha,
Fui lá cumprindo ordens:
Quem me mandou foi
Roma!

PROFESSOR —
Roma! Roma! Roma!
Quem é Roma?
Quem te mandou foram os pedreiros
Que a construíram?
Quem te mandou foram os padeiros
E os peixeiros e os lavradores
E os granjeiros e os boiadeiros
Que a ela dão alimento?
Foram os alfaiates e os peleiros
E os tecelões e os tosquiadores
Que a ela dão vestimenta?
Quem te mandou foram os escultores
E os pintores
Que a ela dão ornamento?
Ou foram os cobradores de impostos
E os usuários e os traficantes de escravos
E os banqueiros que sugam dela
O próprio sustento?
Pausa.

LUCULUS —
Fosse quem fosse que me mandou,
Fiz súditas de Roma
Cinqüenta e três cidades!
PROFESSOR —
E onde é que estão essas cidades todas?

Peço aos jurados que as façam comparecer!
DUAS VIRGENS COM UMA TABULETA —
Com as ruas, as casas e as pessoas, etc...

O segundo acréscimo foi feito no final da última cena, quando os Legionários da campanha da Ásia pronunciam-se pela condenação de Luculus. Aí, em vez de:

LEGIONÁRIOS —
Isso: ao nada com ele! Que província
Vale os promissores anos de vida
Que fomos impedidos de viver?

Leia-se:

LEGIONÁRIOS —
Vestidos de ladrões
Nas patrulhas incendiárias
Desse assassino saqueador,
Tombamos nós,
Os filhos do povo.
É isso mesmo: ao nada com ele!
Como o lobo que entra
No meio do rebanho
Deve ser morto,
Assim fomos nós mortos
Para proveito dele.
Isso: ao nada com ele!
Não devíamos ter continuado
A servir o agressor:
Devíamos ter ido para o lado
Dos que se defendiam.
Ao nada com ele!

A inclusão de mais três novas árias — "Convite à resistência", "Quem é Roma?" e "Canto dos Legionários Mortos" — seria uma forma de compensar certo desequilíbrio que resulta de não ter a parte cantada do tribunal tantas palavras quanto a do acusado.

Brecht/Dessau

A alma boa de Setsuan
Parábola

Der gute Mensch von Sezuan
Escrita em 1938-1940

Tradução: Geir Campos e Antônio Bulhões

Colaboradores: R. Berlau, M. Steffin

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

Wang, o aguadeiro
Operário e Senhores
Primeiro Deus
Segundo Deus
Terceiro Deus
1º Passante
2º Passante
Chen Te, a alma boa
Cavalheiro
Senhora Chin
Velho indigente
Velha indigente
Sobrinho indigente
Desempregado
Carpinteiro
Irmão indigente
Cunhada indigente
Mi Tsu, a senhoria
Avô indigente
Rapaz indigente
Sobrinha indigente
Chui Ta, primo vivido por Chen Te
Policial
Tapeceira
Yang Sun, o aviador
Tapeceiro
Mulherona prostituída
Chu Fu, o barbeiro
Garçom
Bonzo, sacerdote oriental
1º Menino
2º Menino
3º Menino

Cena: A capital de Setsuan, que é meio "europeizada".

PRÓLOGO

NUMA RUA DA CAPITAL DE SETSUAN

Fim de tarde. Wang, aguadeiro da cidade, apresenta-se ao público.

WANG — Eu sou vendedor de água, aqui na capital de Setsuan. É um negócio muito cansativo. Quando a água é pouca, preciso ir longe buscar. Quando é muita, eu fico sem ganha-pão. Mas a pobreza, de um modo geral, campeia em nossa província. O que se diz é que só os Deuses ainda nos podem valer. Para indizível alegria minha, acabo de saber, por um tropeiro muito viajado, que alguns dos Deuses Altíssimos já estão a caminho e que devem ser esperados também aqui em Setsuan. Os Céus devem estar muito intranqüilos, com tantas lamentações que se elevam a eles. Há três dias que espero aqui, na entrada da cidade, principalmente no fim da tarde, para ser o primeiro a dar as boas-vindas aos Deuses. Se deixar para depois, talvez eu não tenha mais oportunidade: estarão cercados de gente importante, e chegar até eles não vai ser fácil. Se eu pudesse ao menos reconhecê-los! É possível que eles não venham juntos: com certeza há de chegar um por um, para não dar na vista... *Wang observa uns operários que passam.* Aqueles lá não podem ser: voltando do trabalho, com os ombros arriados de carregar peso... Aquele outro também não deve ser deus: os dedos dele estão manchados de tinta, há de ser quando muito escriturário da fábrica de cimento... *Passam dois senhores.* Aqueles dois senhores também não me parecem deuses: têm cara de gente bruta, que vive dando pancada, e um deus não tem necessidade disso... Já aqueles três ali: com eles parece que a coisa é outra! São bem nutridos, não têm sinal de ocupação nenhuma, e estão com os sapatos empoeirados como quem chega de muito longe. São eles, sim! Às vossas ordens, Santíssimos! *Wang prosterna-se, curvando-se até o chão.*

PRIMEIRO DEUS *satisfeito* — Aqui nós éramos esperados?

WANG *dando-lhes de beber* — Há muito tempo. Mas só eu tinha certeza da vossa vinda.

PRIMEIRO DEUS — Nós precisamos de alojamento para esta noite. Sabe de algum?

WANG — Algum? Inúmeros! A cidade está aqui para vos servir, Santíssimos. Onde preferis ficar?
Os Deuses entreolham-se.

PRIMEIRO DEUS — Vá à casa mais próxima, meu filho: a gente tenta primeiro o que está mais perto!

WANG — Eu só receio atrair contra mim a inimizade dos poderosos, dando preferência a um em prejuízo dos outros.

PRIMEIRO DEUS — Agora então é uma ordem que estamos dando: vá ao mais próximo!

WANG — Ali é a casa do senhor Fu! Um momentinho!
Wang corre a uma das casas e bate à porta, que se abre, mas vê-se que ele é repelido e retorna hesitante.

WANG — Que coisa! O senhor Fu não está em casa, e os empregados não querem fazer nada sem autorização, porque ele é muito exigente. A raiva dele não vai ser pouca depois, quando souber que não vos acolheram, é ou não é?

OS DEUSES *rindo* — É claro.

WANG — Mais um momentinho só! A casa ao lado pertence à viúva Su: ela vai ficar louca de alegria.
Wang corre até lá, mas também se percebe que é mal recebido.

WANG — Tenho de ir perguntar mais adiante: ela diz que só tem um quartinho pequeno, ainda em obras. Agora eu vou dar um pulo em casa do senhor Cheng...

SEGUNDO DEUS — Mas um quartinho pequeno é o bastante. Diga à viúva que nós já vamos!

WANG — Ainda em obras? Deve estar cheio de aranhas.

SEGUNDO DEUS — Não faz mal: muita aranha, pouca mosca.

TERCEIRO DEUS *amigavelmente a Wang* — Procure o senhor Cheng ou qualquer outro, meu filho: eu tenho um pouco de nojo de aranhas.
Wang bate a outra porta, onde lhe dão entrada.

VOZ *dentro da casa* — Deixe-nos em paz, você com os seus Deuses! Nós temos outras preocupações!

WANG *voltando para perto dos Deuses* — O senhor Cheng está fora de si, com a casa repleta de parentes, e não se atreve a expor-se aos vossos olhos, Santíssimos. Aqui entre nós, acho que é gente bem ruim e ele não quer vos mostrar: tem muito medo do vosso julgamento, isso é que é!

TERCEIRO DEUS — Será que nós somos assim de meter medo?

WANG — Só para gente ruim, não é verdade? Todos sabem que a província de Kuan, por exemplo, vem sendo castigada por inundações há dezenas de anos...

SEGUNDO DEUS — É? E por que isso?

WANG — Ora, é que lá não há nenhum temor a Deus.

SEGUNDO DEUS — Bobagem! Só porque deixaram a represa desabar...

PRIMEIRO DEUS — Pssst! *A Wang* — Ainda tem alguma esperança, meu filho?

WANG — Mas que pergunta! É só eu ir a uma casa mais adiante, para arranjar onde vos acomodar. Todo mundo lambe os dedos para vos dar hospedagem. Até aqui o azar foi meu, haveis de compreender. E lá vou eu!
Wang afasta-se indeciso e pára no meio da rua, sem saber aonde ir.

SEGUNDO DEUS — Que foi que eu disse?

TERCEIRO DEUS — Ele talvez esteja dando azar.

SEGUNDO DEUS — Azar em Chun, azar em Kuan e azar em Setsuan! Já não há mais nenhum respeito aos Deuses: esta é uma verdade nua e crua, que vocês se recusam a enfrentar. Nossa missão fracassou: vocês não podem negar!

Primeiro Deus — Ainda podemos encontrar uma alma boa, a qualquer momento. Não vamos desistir com tanta pressa.

Terceiro Deus — Nosso trato dizia: "O mundo poderá continuar como está, se forem encontradas almas suficientemente boas que possam levar uma existência condigna". Esse aguadeiro, mesmo, é uma dessas almas, se não me engano. *Aproxima-se de Wang, que continua parado e indeciso.*

Segundo Deus — Ele se engana. Quando o aguadeiro estava nos dando água, eu reparei uma coisa no copo dele, que serve de medida: aqui está o copo. *Mostra o copo ao Primeiro Deus.*

Primeiro Deus — O fundo é falso...

Segundo Deus — É um trapaceiro!

Primeiro Deus — Esse, então, risca-se. Mas que importa, se *um* é corrompido? Daqui a pouquinho vamos achar muita gente que atenda a todos os requisitos. Temos de achar alguém! Há dois mil anos se escuta o mesmo clamor: "O mundo não pode continuar como está, ninguém consegue permanecer bom". E desta vez precisamos citar nominalmente pessoas que estejam em condições de seguir nossos Mandamentos.

Terceiro Deus *a Wang* — É tão difícil assim conseguir uma hospedagem?

Wang — Para vós, não! O que é que estais pensando? A culpa de ainda não ter conseguido é toda minha: eu não procurei bem...

Terceiro Deus — Não tem importância. *Volta.*

Wang — Eles já estão começando a desconfiar. *Fala com um senhor que vai passando* — Meu caro senhor, queira desculpar por me dirigir assim a vossa senhoria, mas três dos Altíssimos Deuses, cuja vinda Setsuan inteira dizia aguardar há tantos anos, acabam

de chegar neste momento e precisam de hospedagem... Não vá passando: verifique o senhor mesmo!' Um olhar basta! Aproveite, pelo amor dos Deuses: é uma oportunidade única! Seja o primeiro a acolher os Deuses sob o seu teto, antes que outro os chame e eles aceitem!

O homem prossegue em seu caminho.

Wang *dirigindo a palavra a outro Passante* — Prezado senhor, acho que ouviu o que eu dizia. Não tem talvez um quarto disponível? Não é preciso um salão de palácio: o que vale é a intenção!

Passante — Como é que eu vou saber se esses teus deuses são Deuses mesmo? A gente nunca sabe quem está pondo dentro de casa! *Entra numa tabacaria.*

Wang retorna correndo aos três Deuses.

Wang — Já achei um que está quase garantido.

Wang vê o seu copo no chão, olha para os Deuses encabulado, apanha o copo e torna a sair correndo.

Primeiro Deus — Não é muito animador.

Wang *ao Passante que vai saindo da tabacaria* — Como é que fica a hospedagem?

Passante — E como é que você sabe se eu também não moro numa pensão?

Primeiro Deus — Ele não vai achar nada: podemos riscar, da lista, Setsuan também.

Wang — Eles são três dos Deuses principais! É verdade! As imagens deles nos templos são parecidíssimas! Se o senhor andar depressa e os convidar, eles talvez aceitem...

Passante *rindo* — Vai ver que é para uns grandes vigaristas que você está procurando pousada. *Sai.*

Wang *xingando o Passante* — Pão-duro de uma figa! Não tem respeito aos Deuses? Pois vão ser todos cozinhados em azeite fervendo, por essa indiferença! Os Deuses cagam para vocês todos!

Mas vocês ainda vão se arrepender! Hão de pagar por isso, até à quarta geração! Vocês estão deixando Setsuan coberta de vergonha! *Pausa*. Só falta agora a prostituta Chen Te: ela não pode negar.

Wang chama Chen Te e ela aparece a uma janela alta.

WANG — Eles já estão aí, e eu não estou conseguindo arranjar onde eles se alojarem. Você não poderia ficar com eles por uma noite?

CHEN TE — Wang, eu não sei: estou esperando um freguês. Mas como é que você não encontra hospedagem para eles?

WANG — Isso eu também não sei explicar. Setsuan inteirinha parece um monte de lixo só!

CHEN TE — Eu poderia ficar escondida, quando o freguês viesse: talvez assim ele fosse embora... Vinha me convidar para um passeio.

WANG — E, enquanto isso, a gente já não podia ir subindo?

CHEN TE — Mas só não podem falar em voz alta... A gente pode dizer tudo a eles, abertamente?

WANG — Não! O seu ofício, você não deve dizer! Acho melhor esperarmos cá embaixo. Mas você não vai sair com o freguês, vai?

CHEN TE — As coisas não vão muito bem comigo, e se até amanhã de manhã não pagar o aluguel, eu vou para o olho da rua.

WANG — Também a gente não vai fazer contas numa hora destas!

CHEN TE — Sei lá, sei lá. Infelizmente, o estômago reclama mesmo no dia da festa do imperador! Mas, está bem: eu vou ficar com eles!

Vê-se apagar-se a luz em casa de Chen Te.

PRIMEIRO DEUS — Acho melhor perder as esperanças.

Os Deuses aproximam-se de Wang.

WANG *sobressaltado, ao vê-los às suas costas* — O alojamento já está arranjado. *Enxuga a testa.*

OS DEUSES — Já? Então vamos entrar!

WANG — Não há tanta pressa assim: podem ficar mais um pouco à vontade. O quarto ainda está sendo posto em ordem.

TERCEIRO DEUS — Então é bom nós esperarmos sentados por aqui mesmo.

WANG — Estou achando que aqui tem movimento demais... E se nós fôssemos mais para lá?

SEGUNDO DEUS — Mas nós gostamos de ver as pessoas: é para isso, aliás, que nós estamos aqui.

WANG — Aqui tem vento encanado!

SEGUNDO DEUS — Estamos acostumados.

WANG — Não gostariam, talvez, que eu lhes mostrasse Setsuan à noite? Poderíamos dar uma voltinha.

TERCEIRO DEUS — Por hoje, nós já andamos o bastante. *Rindo* — Mas se você está querendo que nós saiamos daqui, é só dizer.

Os Deuses tornam a afastar-se.

TERCEIRO DEUS — Aqui está bom?

Sentam-se os três nos degraus de uma casa. Wang senta-se no chão, a certa distância.

WANG *tomando fôlego* — Ficareis em casa de uma moça solteira: é a melhor alma de Setsuan.

TERCEIRO DEUS — Isso é bom.

WANG *ao público* — Quando apanhei o copo, ainda há pouco, eles me olharam de um jeito esquisito. Será que notaram alguma coisa? Eu nem tenho mais coragem de olhar para os olhos deles.

TERCEIRO DEUS — Você está muito cansado?

WANG — Só um pouquinho: é de tanto correr.

PRIMEIRO DEUS — A vida é muito difícil para o pessoal daqui?

WANG — Para os bons, é.

PRIMEIRO DEUS *sério* — Para você também?

WANG — Sei muito bem aonde quereis chegar: eu não sou bom, mas minha vida também não é fácil.
Nesse ínterim, apareceu um cavalheiro em frente à casa de Chen Te e assobiou várias vezes. A cada vez, Wang estremecia.

TERCEIRO DEUS *baixo, a Wang* — Agora eu acho que ele foi-se embora.

WANG *embaraçado* — Foi, sim.
Wang levanta-se e sai correndo, deixando para trás seu equipamento de aguadeiro. Nesse meio tempo, aconteceu o seguinte: o cavalheiro que estava à espera foi-se embora, e Chen Te, saindo cautelosamente pela porta, chama baixinho por Wang, descendo a rua à procura dele. Então, quando Wang chama Chen Te, baixinho também, não tem nenhuma resposta.

WANG — Ela me deixou na mão. Foi atrás do dinheiro do aluguel, e eu fiquei sem pousada para os Santíssimos. Eles estão cansados de esperar. Não tenho cara para ir lá de novo e dizer: nada feito! Do lugar onde eu moro, que é um cano de esgoto, nem se fala! Também os Deuses não gostariam de ficar com um sujeito que faz trapaças no negócio, como já descobriram. Eu é que não chego mais perto deles, por nada deste mundo! Mas meu equipamento ficou lá... O que é que eu faço? Não tenho coragem de ir lá buscar. Eu vou cair fora desta cidade: vou me esconder em qualquer lugar onde não possam bater os olhos em mim, já que eu não consegui fazer nada por eles, a quem venero. *Sai precipitadamente.*
Tão logo Wang sai, entra Chen Te: olha por todos os lados e avista os Deuses.

CHEN TE — Os Santíssimos Deuses, sereis vós? Meu nome é Chen Te. Eu me alegraria muito se com meu quarto pudésseis vos contentar.

TERCEIRO DEUS — Mas onde se meteu esse aguadeiro?

CHEN TE — Devo ter-me desencontrado dele.

PRIMEIRO DEUS — Pensou talvez que você não viesse, e não ousou voltar à nossa presença.

TERCEIRO DEUS *apanha o equipamento da água* — Vamos deixar isto na sua casa: ele vai precisar.
Levados por Chen Te, os três Deuses entram na casa.
Escurece e torna a clarear. Na luz do amanhecer, os Deuses saem de novo pela porta, trazidos por Chen Te, que ilumina o caminho com um lampião. Despedem-se.

PRIMEIRO DEUS — Querida Chen Te, agradecemos a sua hospitalidade. Não vamos esquecer que foi você quem nos acolheu. Devolva ao aguadeiro os vasilhames, e diga a ele que também lhe somos gratos por nos ter indicado uma alma boa.

CHEN TE — Eu não sou boa. Tem uma coisa que eu preciso confessar: quando Wang chegou, pedindo para vos dar hospedagem, eu hesitei.

PRIMEIRO DEUS — Hesitar não faz mal, quando afinal se vence a hesitação. Fique sabendo que você nos deu muito mais que um lugar onde passar a noite! Muitos, inclusive alguns Deuses como nós, haviam posto em dúvida se ainda existiriam almas boas. Foi, antes de mais nada, para averiguar isso que empreendemos esta viagem. Agora podemos continuar com alegria, pois uma já encontramos. Até à vista!

CHEN TE — Mas esperai, Santíssimos: eu não tenho certeza de ser boa. Gostaria de ser, mas como hei de pagar meu aluguel? E por isso eu vos digo: eu me vendo, para poder viver, mas nem assim ganho o suficiente, porque muitas precisam fazer a mesma coisa. Estou disposta a tudo, mas quem é que não está? Naturalmente eu ficaria bem feliz se pudesse cumprir os Mandamentos de honrar pai e mãe, só dizer a verdade, não invejar a casa do vizinho... Para mim, seria uma felicidade me afeiçoar e ser fiel a um homem só. Eu também gostaria de não tirar o pão da boca de ninguém e não despojar os desamparados. Mas como posso dar conta de tudo? Mesmo que alguns dos Mandamentos eu não siga, nem assim eu escapo!

PRIMEIRO DEUS — Tudo isso, Chen Te, são as dúvidas típicas de uma alma boa.

TERCEIRO DEUS — Adeus, Chen Te! Apresente também ao aguadeiro meus cordiais cumprimentos: ele foi para nós um bom amigo.

SEGUNDO DEUS — Receio que isso tenha feito mal a ele.

TERCEIRO DEUS — Tudo de bom para você, Chen Te!

PRIMEIRO DEUS — E, antes de tudo, seja sempre boa! Adeus, Chen Te!
Os Deuses voltam-se para partir, repetindo acenos de despedida.

CHEN TE *angustiada* — Mas nem de mim eu tenho certeza alguma, Santíssimos: como é que eu posso ser boa, se as coisas andam tão caras?

SEGUNDO DEUS — Infelizmente, não podemos fazer nada: nós não podemos nos envolver em questões econômicas.

TERCEIRO DEUS — Parem! Esperem um momentinho! Se ela tivesse um pouco mais de dinheiro talvez pudesse mudar de vida mais cedo.

SEGUNDO DEUS — Nós não podemos dar nada a ela: que explicação teríamos lá em cima?

PRIMEIRO DEUS — Mas, por que não?
Os Deuses juntam as cabeças e discutem com agitação.

PRIMEIRO DEUS *a Chen Te, com embaraço* — Pelo que ouvimos, você não tem com que pagar o aluguel. Nós não somos tão pobres, e é natural pagarmos pela noite que passamos aqui. Tome o dinheiro! *Entrega o dinheiro a Chen Te.* Mas não diga a ninguém que nós pagamos: poderiam nos interpretar mal!

SEGUNDO DEUS — Malíssimo!

TERCEIRO DEUS — Mas isto é muito justo: nós podemos pagar tranqüilamente a quem nos deu pousada. Em nosso trato não há nenhuma palavra contra. E agora, adeus!
Os Deuses saem apressadamente.

1

NUMA PEQUENA TABACARIA

A loja ainda não está completamente instalada nem aberta ao público.

CHEN TE *ao público* — Está fazendo três dias que os Deuses foram-se embora. Eles disseram que me queriam pagar pela hospedagem que eu ofereci: e quando olhei quanto me haviam dado, vi que eram mais de mil dólares de prata. Com o dinheiro, eu comprei para mim uma tabacaria. Para aqui me mudei ainda ontem, e agora espero poder fazer o bem a muita gente. Existe a Senhora Chin, por exemplo, antiga proprietária desta loja: ontem mesmo ela veio me pedir arroz para as crianças, e hoje estou vendo mais uma vez, pela praça, ela chegando com sua tigela.
Entra a Senhora Chin. As duas mulheres curvam-se uma diante da outra.

CHEN TE — Bom-dia, senhora Chin!

SENHORA CHIN — Bom-dia, senhorita Chen Te! Como se sente em sua nova casa?

CHEN TE — Muito bem. E os seus filhos passaram bem a noite?

SENHORA CHIN — Ah, numa casa estranha, se é que se pode chamar de casa a um barracão. O menorzinho já está com tosse.

CHEN TE — Que pena!

SENHORA CHIN — A senhorita nem sabe o que é pena: tudo lhe corre bem. Mas ainda vai aprender muita coisa, aqui nesta lojinha. Este bairro é o bairro da miséria.

Chen Te — Ao meio-dia não devem chegar, como a senhora disse, os operários da fábrica de cimento?

Senhora Chin — Mas nenhum deles compra coisa alguma, e os vizinhos tampouco...

Chen Te — A senhora não disse nada disso, ao me vender a loja.

Senhora Chin — Só não me venha agora com reclamações! Primeiro me tirou a minha casa, de mim e dos meus filhinhos, e agora vem dizer que é um barracão e o bairro é uma miséria. Isso é o cúmulo! *Chora.*

Chen Te *depressa* — Agora mesmo eu vou buscar o seu arroz.

Senhora Chin — Eu gostaria de pedir também que me emprestasse um dinheiro...

Chen Te *enquanto põe o arroz na tigela* — Isso, eu não posso: ainda não vendi nada.

Senhora Chin — Mas eu preciso. Vou viver de quê? A senhorita me deixou sem nada! Agora quer me torcer o pescoço? Eu vou botar meus filhos sentados bem na soleira da sua porta, sua avarenta! *Arranca a tigela de arroz das mãos de Chen Te.*

Chen Te — Não fique assim tão zangada: vai derramar o arroz!
Entram um casal de Velhos e o Sobrinho com a roupa em farrapos.

Velha — Ah, minha boa Chen Te: soubemos que você está bem, agora. Passou a ser uma mulher de negócios! Veja bem: nós estamos sem onde cair mortos! Lá se foi a nossa tabacaria... E então nos perguntamos se não podíamos passar aqui ao menos uma noite. Conhece meu sobrinho? Veio também: não fica longe de nós.

Sobrinho *olhando em torno* — Bonita loja!

Senhora Chin — Quem é essa gente?

Chen Te — Quando eu cheguei, da roça para a cidade, foram os meus primeiros senhorios. *Ao público* — Quando acabou o pouco dinheiro que tinha, puseram-me na rua. Talvez agora estejam receando que eu diga não. Ficaram pobres.
Estão sem amigo,
Estão sem lugar,
Precisam de alguém:
Quem pode negar?
Amavelmente aos recém-chegados — Sejam bem-vindos! Eu lhes dou hospedagem, com muito gosto. Mas eu só tenho um quarto pequenino, lá nos fundos da loja.

Velho — Para nós, chega. Não se preocupe.

Velha *enquanto Chen Te traz o chá* — É até melhor ficarmos lá nos fundos: nós não queremos atrapalhar. Você comprou uma tabacaria para se lembrar da primeira casa em que esteve? Nós podemos lhe dar alguns conselhos; foi por isso, também, que nós viemos.

Senhora Chin *desdenhosa* — A esperança é que também venham fregueses.

Velha — Essa piada é conosco?

Velho — Pssst! Já vem um freguês aí.
Entra um Desempregado mal vestido.

Desempregado — Me desculpem: estou desempregado!
A Senhora Chin dá risada.

Chen Te — Em que posso lhe ser útil?

Desempregado — Ouvi dizer que a senhorita vai abrir a loja amanhã, e então pensei que, na hora de abrir os pacotes, talvez pudesse aparecer alguma coisa estragada... Não tem um cigarrinho aí sobrando?

Velha — Mendigar fumo é muita cara-de-pau! Ainda se fosse pão!

DESEMPREGADO — Pão é caro. Eu, com duas baforadas, já me sinto outro homem. Estou acabado.

CHEN TE *dando-lhe cigarros* — O que importa é sentir-se um homem novo. Quero abrir minha loja com o senhor: sei que vai me dar sorte.

O Desempregado acende avidamente um cigarro, dá uma tragada e sai tossindo.

VELHA — Chen Te querida, você acha que fez bem?

SENHORA CHIN — Se é assim que pretende abrir a loja, não dura nem três dias.

VELHO — Aposto que ele tinha dinheiro no bolso!

CHEN TE — Ele disse que não tinha nenhum.

SOBRINHO — E como sabe que não estava mentindo?

CHEN TE *com raiva* — E como sei que ele estava mentindo?

VELHA *abanando a cabeça* — Não sabe dizer não... Chen Te, você é boa demais. Mas, se quiser ficar com sua loja, vai precisar negar a um pedido ou outro.

VELHO — Você diz que esta loja não é sua; que é de um parente seu, a quem você precisa prestar contas com muita exatidão! Não pode?

SENHORA CHIN — A gente pode, quando não quer bancar a eterna benfeitora.

CHEN TE *rindo* — Briguem bastante! Vou pôr vocês todos já para fora, e esse arroz volta para onde estava!

VELHA *espantada* — O arroz também é seu?

CHEN TE *ao público* —
Eles são maus,
Não são amigos de ninguém.

Brigam por uma tigela de arroz.
Só pensam em si mesmos.
Quem é que pode ficar zangado com eles?

Entra um homem baixote: o Carpinteiro.

SENHORA CHIN *ao vê-lo, sai às pressas* — Vejo vocês amanhã de manhã! *Sai.*

CARPINTEIRO *chamando por ela* — Espere, Senhora Chin! É a senhora que eu estou procurando!

VELHA — Ela está acostumada a vir aqui? Você ainda deve alguma coisa a ela?

CHEN TE — Não devo nada, mas está passando fome: isso é pior!

CARPINTEIRO — Ela sabe por que saiu correndo. A senhorita é a nova dona da loja? Ah, já está aí enchendo as prateleiras... que, aliás, não são suas, veja bem! A menos que me pague o preço delas! Aquela coruja que morava aqui não me pagou. *Aos demais* — Eu sou o carpinteiro.

CHEN TE — Mas eu pensei que estivesse tudo incluído na instalação completa, que eu paguei!

CARPINTEIRO — Trapaceiros! São todos uns trapaceiros! Naturalmente fez algum arranjo com essa tal de Chin. Eu vou levar os meus cem dólares de prata, ou não me chamo Lin To!

CHEN TE — Levar, como? Eu não tenho mais dinheiro!

CARPINTEIRO — Então mando botar tudo em leilão! E é para já! Ou paga logo ou vai tudo a leilão!

VELHO *em segredo a Chen Ten* — O primo!

CHEN TE — Não pode ficar para o mês que vem?

CARPINTEIRO *gritando* — Não!

Chen Te — Não seja duro assim, senhor Lin To! Eu não posso atender na mesma hora a tantas exigências.

Ao público —

Um pouco de indulgência e as forças se duplicam.
Vejam bem: o cavalo da carroça parou em frente à
Moita de capim:
Façam de conta que não estão vendo e o cavalo ainda
Puxará melhor.
Um pouco mais de paciência em junho, e a árvore
Em agosto
Se curvará carregada de pêssegos.
Como é possível conviver sem paciência?
É só ter um pouquinho de esperança,
Para alcançar os mais distantes objetivos!

Ao Baixote — Só um bocadinho mais de paciência, senhor Lin To!

Carpinteiro — E quem vai ter paciência comigo e minha família? *Puxa da parede uma prateleira, como se quisesse levá-la.* Ou me paga, ou eu levo as prateleiras!

Velha — Chen Te querida, por que não deixa esse assunto para o seu primo resolver? *Ao Baixote* — Apresente por escrito o que tem a reclamar, e o primo da senhorita Chen Te pagará tudo!

Carpinteiro — Eu conheço esses primos! *Dá risada.*

Sobrinho — Não fique rindo feito um idiota: o primo dela eu conheço pessoalmente!

Velho — É um homem às direitas! Ele vê tudo!

Carpinteiro — Então, ele vai ver a minha conta! *Vira a prateleira no chão, senta-se em cima dela e põe-se a escrever sua conta.*

Velha *a Chen Te* — Ele é muito capaz de lhe arrancar a camisa do corpo, por causa de uma ou duas prateleiras, se você não der logo um basta nisso. Você não deve aceitar reclamação de ninguém, tenha ou não cabimento, do contrário você vai se afogar no meio de tantas reclamações, tenham ou não cabimento. Jogue um pedaço de carne em uma lata de lixo, e todos os vira-latas do bairro virão morder-se, uns aos outros, na sua porta! Para que servem os tribunais?

Chen Te — Os tribunais não vão dar comida a ele, depois de feito o trabalho. O homem trabalhou e não pode ficar de mãos vazias. E ele também tem família. É horrível eu não ter com que pagar! O que é que os Deuses vão dizer?

Velho — Você já cumpriu bem a sua parte, quando nos acolheu em sua casa: fez mais do que o bastante!

Entram um homem capenga e uma mulher grávida: Irmão e Cunhada.

Irmão *ao casal de Velhos* — Ah, vocês estão aqui! Beleza de parentes, que nos deixam em pé sozinhos lá na esquina!

Velha *encabulada, a Chen Te* — Meu irmão Wung e minha cunhada! *Aos recém-chegados* — Sentem-se aí num canto, bem quietinhos, sem xingamentos, para não darem aborrecimento à senhorita Chen Te, nossa velha amiga! *A Chen Te* — Acho que deve receber os dois: minha cunhada está no quinto mês! Você não é da mesma opinião?

Chen Te — Sejam bem-vindos!

Velha *aos recém-chegados* – Agradeçam! As cobertas estão ali atrás. *A Chen Te* — Eles não tinham para onde ir. Ainda bem que você tem esta loja!

Chen Te *trazendo o chá e rindo para o público* — Ainda bem, não é mesmo?

Entra a senhora Mi Tsu, proprietária do prédio, com formulário na mão.

Mi Tsu — Senhorita Chen Te, eu sou a senhora Mi Tsu, proprietária deste imóvel. Espero que nos entendamos bem! Aqui está o contrato de aluguel... *Enquanto Chen Te passa os olhos pelo contrato* — É um momento solene, a inauguração de um pequeno negócio, não é verdade, minhas senhoras e meus senhores? *Olha em redor.* Ainda tem uns espaços vazios nas prateleiras, mas tudo há de correr bem. Pode me dar algumas referências sobre a sua pessoa?

Chen Te — É necessário?

Mi Tsu — Eu não conheço bem a senhorita...

Velho — Talvez pudéssemos ser fiadores da senhorita Chen Te! É nossa conhecida desde quando chegou a esta cidade, e por ela pomos a mão no fogo!

Mi Tsu — E quem é o senhor?

Velho — Eu sou Ma Fu, negociante de fumo.

Mi Tsu — E a sua loja, onde fica?

Velho — Neste momento eu estou sem loja: acabei de vendê-la, veja bem!

Mi Tsu — Eu estou vendo. *A Chen Te* — E a senhorita não tem mais ninguém a quem eu possa pedir referências suas?

Velha *soprando* — O primo! O primo!

Mi Tsu — A senhorita deve ter alguém que me dê garantias sobre quem eu vou pôr em minha casa. Esta é uma casa de muito respeito, minha querida! Eu, sem isso, não posso fazer contrato nenhum com a senhorita.

Chen Te *devagar, de olhos baixos* — Eu tenho um primo...

Mi Tsu — Ah, tem um primo! Aqui? Então vamos logo procurá-lo. Quem é ele?

Chen Te — Não é daqui: mora em outra cidade.

Velha — Você não disse que ele mora em Chun?

Chen Te — É o senhor Chui Ta, de Chun.

Velho — Mas esse eu conheço bem! É um alto, magro...

Sobrinho *ao Carpinteiro* — O senhor também já fez negócio com o primo da senhorita Chen Te: as prateleiras!

Carpinteiro *resmungão* — Estou mandando uma conta para ele: aqui está a conta! *Entrega-a*. Amanhã de manhã eu volto aqui! *Sai.*

Sobrinho *chamando por ele e olhando de soslaio para a senhora Mi Tsu* — Pode ficar descansado, o primo vai pagar tudo!

Mi Tsu *examinando Chen Te friamente* — Então, eu também terei muito prazer em conhecê-lo. Boa-noite, senhorita! *Sai.*

Velha *depois de uma pausa* — Lá se vai tudo! Pode estar certa: amanhã cedo ela já sabe tudo a seu respeito!

Cunhada *baixinho, ao Sobrinho* — Isso não vai durar muito tempo!
Entra o Avô, um homem de cabelos brancos, guiado por um Rapaz.

Rapaz *falando para trás* — Eles estão aqui.

Velha — Bom-dia, Avô! *A Chen Te* — Velhinho bom! Devia andar preocupado conosco. E este menino, não está crescido? Come que nem uma debulhadeira! Trouxeram mais alguém?

Avô *olhando para o lado de fora* — Só a Sobrinha.
Entra a Sobrinha.

Velha *a Chen Te* — É uma mocinha da roça, nossa parenta. Esperamos não estar sendo demais para você. Quando você morava em nossa casa, nós não éramos tantos, não se lembra? Depois é que nós fomos aumentando. Quanto pior corriam as coisas, mais a família aumentava; e quanto mais a família aumentava, as coisas pioravam. Agora acho melhor trancar a porta, senão a gente não vai ter descanso. *Ela tranca a porta e sentam-se todos.* A coisa mais importante é não atrapalharmos você nos seus negócios; do contrário, como é que a chaminé vai fumegar? Nossa idéia é a seguinte: durante o dia os jovens saem a andar por aí, e só ficamos o Avô, a Cunhada e eu. Os outros só poderão vir aqui uma vez, ou duas vezes no máximo, está bem assim? Agora acendam aquele lampião, e estejam à vontade!

Sobrinho *com humor* — Tomara que não apareça por aqui, ainda esta noite, o primo dela, o rigoroso senhor Chui Ta!
A Cunhada ri.

Irmão *estendendo a mão para um cigarro* — Unzinho a mais não faz mal nenhum...

Velho — Claro que não.
Cada qual pega um cigarro. O Irmão faz passar um garrafão de vinho.

Sobrinho — O primo paga tudo!

Avô *sério, a Chen Te* — Bom-dia!
Chen Te, desconcertada com aquele cumprimento tardio, faz uma curvatura, tendo numa das mãos a conta do Carpinteiro e na outra o contrato de aluguel.

Velha — Por que não cantam um pouco, para entreter a nossa anfitriã?

Sobrinho — O avô começa!
Cantam a "Canção da Fumaça":

Avô —

Outrora, antes de ter brancos os meus cabelos,
Eu, com a inteligência, pensava me dar bem;
Hoje sei que não há inteligência que chegue
Para manter cheia a barriga de ninguém.
Por isso, eu digo: Deixa!
Como a parda fumaça
Que vai sumindo cada vez mais fria,
É assim que a vida passa!

Velho —

Vi gente ativa e boa sendo maltratada,
E então o atalho errado é que eu fui escolher:
O que conduz a gente cada vez mais baixo...

E agora eu fico sem saber o que fazer.
Por isso, eu digo: Deixa!
Como a parda fumaça
Que vai sumindo cada vez mais fria,
É assim que a vida passa!

Sobrinha —

Dizem que os velhos não têm mais nada a esperar,
Pois o tempo é que conta e tempo eles não têm;
Para nós, jovens, abrem-se de par em par
As portas, dizem: mas para o nada também.
E eu também digo: Deixa!
Como a parda fumaça
Que vai sumindo cada vez mais fria,
É assim que a vida passa!

Sobrinho — Onde arranjou este vinho?

Cunhada — Ele trocou pelo saco de fumo.

Velho — Hein? Aquele fumo era a única coisa que ainda tínhamos! Nós nunca mexemos nele, nem pela hospedagem de uma noite! Seu porco!

Irmão — Você me chama de porco porque minha mulher está com frio? Você também bebeu! Me dê esse garrafão!
Brigam. As prateleiras da tabacaria começam a cair.

Chen Te *suplicante* — Cuidado com a loja, por favor, não quebrem tudo! Esta loja é uma dádiva dos Deuses! Vocês podem pegar o que quiserem, mas não quebrem a loja!

Velha *cética* — A loja é bem menor do que eu pensei. Nós não devíamos ter dito nada à titia e aos outros: se eles vierem também, vamos ficar apertados aqui.

Cunhada — A anfitriã já está esfriando um pouco!
Ouvem-se vozes do lado de fora e batidas na porta.

Vozes — Abram! — Somos nós!

Velha — É a senhora, titia? *A Chen Te* — O que é que vamos fazer?

Chen Te — Ai, minha linda lojinha! Ai, esperanças que eu tinha! Mal eu abri, já não existe mais loja nenhuma!
Ao Público —
Vai de uma vez ao fundo
O barco salvador,
Com náufragos demais
A agarrá-lo em redor!

Vozes *de fora* — Como é? Não vão abrir?

ENTREATO

EMBAIXO DE UMA PONTE

À beira do rio, de cócoras, o aguadeiro Wang.

Wang *espiando em redor* — Tudo tranqüilo. Faz quatro dias que estou escondido. Eles aqui não me pegam, porque estou sempre de olho. Eu fugi, de propósito, na mesma direção em que eles foram. No dia seguinte, eles passaram por cima da ponte: eu escutei as pisadas deles, bem em cima de mim. Agora já devem ir muito longe, eu não preciso mais ter medo deles.
Wang *recosta-se e adormece. Música. O barranco torna-se transparente e os Deuses aparecem.*

Wang *cobre o rosto com o braço, como se temesse ser espancado* — Não digais nada, eu sei tudo! Não fui capaz de encontrar ninguém que vos quisesse receber em casa! Agora vós já sabeis, podeis continuar vosso caminho!

Primeiro Deus — Você encontrou alguém, que apareceu quando você sumiu. Alguém que nos deu pousada por uma noite, velou por nós enquanto dormíamos, e clareou para nós o caminho com um lampião, de madrugada, quando partimos. E foi você quem achou para nós uma alma boa, realmente boa!

Wang — Não foi Chen Te quem vos acolheu?

Terceiro Deus — Exatamente!

Wang — E eu, descrente, saí correndo! Só de pensar que ela podia não vir: as coisas andam tão mal, que ela podia não vir.

Os Deuses —
Ó homem fraco:
Cheio de boas intenções, mas fraco!
Onde há miséria, ele acha que não pode haver bondade!
Onde há perigo, ele acha que não pode haver coragem!
Quanta fraqueza, que por um nada se descabela!
Ó julgamento apressado! Ó homem desesperado!

Wang — Santíssimos, estou envergonhado!

Primeiro Deus — Mas agora, aguadeiro, faça-nos um obséquio: volte correndo para a capital, procure a boa Chen Te e dê a ela notícias nossas! Ela agora está bem. Parece que arranjou dinheiro para comprar uma lojinha, de modo a poder seguir os impulsos do seu bom coração. Mostre o seu interesse pela bondade dela, porque ninguém pode ser bom por muito tempo se a bondade não for estimulada. E nós vamos seguir para diante, procurando achar outras criaturas como essa alma boa de Setsuan, para acabarmos com esses boatos de que os bons já não têm como viver na Terra.
Desaparecem os Deuses.

2

NA TABACARIA

Gente dormindo por toda parte. O lampião ainda aceso. Batem à porta.

Velha *levanta-se tonta de sono* — Chen Te, tem gente batendo aí! Onde está ela?

Sobrinho — Deve ter ido tratar do café. Depois o primo paga!
A Velha dá risada e encaminha-se para a porta, arrastando os pés.

Entra o jovem senhor Chui Ta, acompanhado pelo Carpinteiro.

CHUI TA — Eu sou o primo da senhorita Chen Te!

VELHA *caindo das nuvens* — O senhor é quem?

CHUI TA — Meu nome é Chui Ta.

OS HÓSPEDES *cutucando-se uns aos outros* — O primo! — Mas isso era uma piada, ela não tem nenhum primo! — Mas está aí um sujeito dizendo que é o primo dela! — Incrível, assim de manhã tão cedo!

SOBRINHO — Se o senhor é o primo da nossa anfitriã, então faça o favor de nos trazer depressa alguma coisa para o café!

CHUI TA *apagando o lampião* — Os primeiros fregueses devem estar chegando. Arrumem-se depressa, por favor, para eu poder abrir a minha loja!

VELHO — Sua loja? Pensei que fosse da nossa amiga Chen Te! *Chui Ta abana a cabeça negativamente.* Mas então esta loja não é dela?

CUNHADA — Então ela enganou a todos nós. E agora, onde foi que se meteu?

CHUI TA — Ela não pôde vir. Mandou dizer que, de agora em diante, visto eu estar aqui, não vai poder fazer mais nada por vocês.

VELHA *chocada* — E nós pensando que ela fosse uma alma boa!

SOBRINHO — Não acreditem nele! Procurem Chen Te!

VELHO — É isso mesmo: vamos procurar Chen Te! *Distribui tarefas* — Você e você e você, vão por aí, por toda parte, procurando! O Avô e eu vamos ficar aqui, tomando conta! Enquanto isso, o menino vai ver se arranja alguma coisa para nós comermos. *Ao Rapaz* — Está vendo a pastelaria, ali na esquina? Vá até lá, assim como quem não quer nada, e veja se nos traz alguns pastéis debaixo da camisa!

CUNHADA — Traga também alguns bolinhos brancos!

VELHO — Mas com cuidado, para o padeiro não pegar você. E não passe na frente da polícia!

O Rapaz faz que sim, com a cabeça, e afasta-se. Os restantes acabam de vestir-se.

CHUI TA — Será que um roubo de bolos não vai prejudicar a reputação desta loja, que deu abrigo a vocês?

SOBRINHO — Não dêem atenção a ele: daqui a pouquinho Chen Te vai aparecer e dar a ele uma boa lição!

Saem o Sobrinho, o Irmão, a Cunhada e a Sobrinha.

CUNHADA *saindo* — Guardem para nós umas sobras do café!

CHUI TA *calmo* — Vocês não vão encontrar minha prima: ela sinceramente lamenta não poder pôr em prática, o tempo todo, o Mandamento da hospitalidade. Mas vocês são demais, infelizmente! Isto aqui é uma tabacaria, e é o ganha-pão da senhorita Chen Te!

VELHO — Nossa querida Chen Te não seria capaz de abrir a boca para nos dizer uma coisa dessas...

CHUI TA — Talvez tenha razão. *Ao Carpinteiro* — O azar é ser a miséria tão grande, nesta cidade, que uma pessoa sozinha não pode remediar. Quanto a isso, lamentavelmente, nada mudou nos últimos onze séculos, quando alguém escreveu aqueles versos:
Interrogado sobre o que fazer para salvar as pessoas
Que na cidade morriam de frio, respondeu o prefeito:
— Um cobertor com mil metros de lado, três mil de
Comprimento, que cubra o centro e que cubra os
Subúrbios todos ao mesmo tempo.

Chui Ta prepara-se para arrumar a loja.

CARPINTEIRO — Estou vendo que o senhor faz tudo para pôr em ordem as coisas de sua prima. Há um pequeno débito, das prateleiras, que ainda falta pagar: eu tenho testemunhas. Cem dólares de prata!

Chui Ta *tirando a conta do bolso, sem animosidade* — Não acha que cem dólares de prata é dinheiro demais?

Carpinteiro — Não, e eu não posso fazer por menos: tenho mulher e filhos para sustentar.

Chui Ta *com dureza* — Quantos filhos?

Carpinteiro — Quatro.

Chui Ta — Eu lhe dou vinte dólares de prata.
O Velho dá risada.

Carpinteiro — O senhor está doido? As prateleiras são de tábuas de nogueira!

Chui Ta — Então pode ficar com elas.

Carpinteiro — Como assim?

Chui Ta — Para mim, são caras demais. Eu lhe peço para levar de volta as suas prateleiras de tábuas de nogueira.

Velha — Bem feito! *Ri também.*

Carpinteiro *indeciso* — Faço questão de falar com a senhorita Chen Te: ela é uma pessoa visivelmente melhor que o senhor!

Chui Ta — É bem possível: foi à falência!

Carpinteiro *apanha resolutamente uma das prateleiras e carrega-a até à porta* — Sua mercadoria pode ficar amontoada no chão. Estou no meu direito!

Chui Ta *ao Velho* — Dê uma ajuda a ele!

Velho *apanha, por sua vez, uma prateleira, e carrega-a até à porta, com um risinho irônico* — Então, prateleiras fora!

Carpinteiro — Seu cão! Minha família que morra de fome?

Chui Ta — Eu lhe ofereço, uma vez mais, vinte dólares de prata, só para não ficar com a mercadoria amontoada no chão.

Carpinteiro — Cem!
Chui Ta olha indiferente pela janela. O Velho apressa-se em pôr para fora as prateleiras.

Carpinteiro — Veja ao menos se não me quebra isso, batendo aí nas ferragens da porta, seu idiota! *Desesperado* — Mas foram feitas sob medida! Só cabem neste buraco e em nenhum outro lugar. As tábuas estão todas recortadas, meu senhor!

Chui Ta — Justamente! Por isso é que lhe dou vinte dólares de prata: só porque as tábuas estão cortadas.
A Velha solta guinchos de satisfação.

Carpinteiro *repentinamente desanimado* — Eu nem sei mais... O senhor fique com as prateleiras e pague o que quiser!

Chui Ta — Vinte dólares de prata!
Põe sobre a mesa vinte moedas grandes, que o Carpinteiro apanha.

Velho *repondo as prateleiras nos lugares* — E já é muito, só por um feixe de tábuas cortadas!

Carpinteiro — É, talvez dê para eu tomar uma bebedeira... *Sai.*

Velho — Esse não volta!

Velha *enxugando as lágrimas do riso* — "São de nogueira!" — "Pode ficar com elas!" — "Cem dólares de prata! Eu tenho quatro filhos!" — "Então dou vinte!" — "Mas já estão cortadas!" — "Justamente: vinte dólares de prata!"... É assim que essa gente precisa ser tratada!

Chui Ta — É. *Sério* — E agora, vocês: saiam depressa!

Velho — Nós?

Chui Ta — Vocês, sim: parasitas e ladrões! Se andarem bem depressinha, sem perder muito tempo em discussões, ainda poderão escapar!

Velho — Melhor é a gente não responder nada: de barriga vazia, não se grita. Eu só queria saber por onde anda o rapaz...

Chui Ta — Por onde anda o rapaz, não é? Eu já disse a vocês, ainda há pouco, que não o quero aqui na minha loja com bolinhos roubados. *Gritando, de repente* — E agora, pela última vez: saiam!
Eles continuam sentados.

Chui Ta *novamente calmo* — Como queiram.
Chui Ta vai até à porta e cumprimenta alguém, com uma profunda curvatura: aparece à porta um Policial.

Chui Ta — Eu quero crer que tenho diante de mim o oficial que toma conta do bairro?

Policial — Às suas ordens, senhor...

Chui Ta — Chui Ta é o meu nome. *Sorriem um para o outro.* — O tempo hoje está agradável!

Policial — Talvez esteja um bocadinho quente...

Chui Ta — Um bocadinho, talvez.

Velho *em voz baixa, à velha* — Se ele ficar aí nessa conversa até o menino voltar, nós estamos perdidos.
O Velho procura, dissimuladamente, fazer sinais a Chui Ta.

Chui Ta *sem lhe dar atenção* — Faz diferença entre apreciar o tempo de um lugar fresco e de uma rua cheia de poeira...

Policial — Faz muita diferença!

Velha *ao Velho* — Fique tranqüilo! O menino não vai aparecer, vendo o policial parado aí na porta.

Chui Ta — Entre um pouquinho! Aqui dentro é realmente mais fresco. Minha prima e eu resolvemos abrir uma loja. Permita-me dizer que temos o máximo interesse em andar de passo certo com as autoridades!

Policial *entrando* — É muito amável, senhor Chui Ta... É mesmo: aqui está muito mais fresco!

Velho *em voz baixa* — Fez o polícia entrar de propósito, para o menino não dar com ele na porta.

Chui Ta — Hóspedes! São velhos amigos de minha prima, como eles dizem. Já estão prontos para seguir viagem. *Todos se curvam.* Já estávamos nos despedindo, mesmo.

Velho *rouco* — Pois é, agora nós vamos indo.

Chui Ta — Eu digo à minha prima que vocês ficaram muito gratos pela noite que puderam passar aqui, mas não dispunham de tempo para ficarem até ela voltar.
Ouvem-se correrias e gritos na rua: "Pega ladrão!".

Policial — Que é isso?
O Rapaz está parado à porta. Da blusa, caem-lhe bolinhos e pastéis. A Velha faz sinais desesperados para ele se afastar, e ele se vira para ir-se embora.

Policial — Fique onde está! *Segura o Rapaz.* Onde foi que arranjou esses bolinhos?

Rapaz — Ali na esquina...

Policial — Ah, então é roubo?

Velha — Nós não sabemos de nada: esse menino fez tudo por conta dele. É um bobalhão!

Policial — Senhor Chui Ta, quer me explicar este incidente?
Chui Ta fica em silêncio.

Policial — Ah, é assim? Vai todo mundo para a delegacia!

Chui Ta — Estou indignado: em minha loja, acontecer uma coisa dessas...

VELHA — Ele viu bem quando o menino saiu!

CHUI TA — Posso lhe garantir, senhor Policial, que eu não lhe pediria para entrar se tivesse algum roubo a encobrir.

POLICIAL — Mas é claro. E o senhor também há de compreender, senhor Chui Ta, que é meu dever levar esta gente presa. *Chui Ta faz uma curvatura.* Sigam na minha frente! *Sai empurrando-os.*

AVÔ *da porta, solenemente* — Bom-dia!

Saem todos, menos Chui Ta, que continua a arrumar a loja. Entra a senhora Mi Tsu, proprietária do prédio.

MI TSU — Ah, o senhor então é o tal primo! Que significa a polícia levando gente da minha casa? Como foi que sua prima pensou em fazer daqui uma hospedaria? É no que dá, quando se põe dentro de casa uma pessoa que ainda ontem vivia num cortiço, comendo broa de milho que ia pedir ao padeiro! O senhor vê que estou bem informada.

CHUI TA — Estou vendo: falaram mal de minha prima para a senhora, puseram nela a culpa de ter passado fome. Todos sabem que ela vivia na miséria, e essa é a pior coisa que poderiam dizer dela: tinha uma vida miserável!

MI TSU — O caso é que ela era uma mulher...

CHUI TA *continuando a frase* — ... necessitada: é duro, mas pode dizer!

MI TSU — Ah, por favor, nada de sentimentalismos! Eu me refiro à vida que ela levava, não ao que ela ganhava. Não tenho dúvida de que com isso ganhasse alguma coisa: sem isso, jamais teria uma loja. Naturalmente alguns senhores de idade tomavam conta dela. Como é que a gente consegue ter uma loja? Esta é uma casa de respeito, meu senhor! As pessoas que pagam aluguel aqui não vão querer morar sob o mesmo teto com uma criatura dessa espécie, fique o senhor sabendo! *Pausa.* Eu não sou desumana, mas também isso eu tenho de levar em consideração.

CHUI TA *frio* — Senhora Mi Tsu, estou muito ocupado: me diga simplesmente quanto nós vamos precisar pagar, para morarmos nesta casa de respeito.

MI TSU — Devo dizer que sangue-frio o senhor tem!

CHUI TA *tirando de uma gaveta do balcão o contrato de aluguel* — É muito caro o aluguel. Por este contrato, eu vejo que a senhora pretende receber mensalmente...

MI TSU *incisiva* — Não de pessoas como a sua prima!

CHUI TA — Que está querendo dizer?

MI TSU — Quero dizer que gente como sua prima tem de pagar seis meses adiantados; duzentos dólares de prata!

CHUI TA — Duzentos dólares de prata? Isso é extorsão de usurário! Onde é que eu vou buscar tanto dinheiro? Eu não espero fazer grandes negócios aqui. A minha única esperança, aqui, são as mulheres que costuram sacos na fábrica de cimento, que devem fumar muito, pois me disseram que elas vivem esgotadas pelo trabalho. E o que elas ganham é muito pouco.

MI TSU — Devia ter pensado nisso antes.

CHUI TA — Senhora Mi Tsu, ponha a mão no coração! É verdade que minha prima cometeu a falta imperdoável de dar pousada a uns pobres coitados: mas ela pode melhorar, e eu farei tudo para que melhore. Por outro lado, onde iria a senhora encontrar uma inquilina melhor do que uma pessoa já conhecedora das funduras da vida, pois foi de lá que ela veio? Ela vai trabalhar até gastar a pele dos dedos, para pagar o aluguel pontualmente à senhora: vai fazer tudo, sacrificar tudo, vender o que tiver, sem recuar diante de coisa alguma, e ao mesmo tempo há de ficar como um ratinho, inofensiva como uma mosca, submissa a tudo que a senhora exigir dela, para não ter de voltar para o lugar de onde veio. Uma inquilina assim vale o que pesa em ouro!

Mi Tsu — Duzentos dólares de prata, adiantados, ou ela volta para a rua de onde veio.

Entra o Policial.

Policial — Não precisa se incomodar, senhor Chui Ta!

Mi Tsu — A polícia mostra realmente um interesse todo especial por esta loja...

Policial — Senhora Mi Tsu, espero que a senhora não chegue a alguma conclusão errada: o senhor Chui Ta nos prestou um serviço, e estou aqui, em nome da polícia, para apresentar nossos agradecimentos.

Mi Tsu — Enfim, não tenho nada com isso. Espero, senhor Chui Ta, que sua prima aceite a minha proposta. Eu gosto de viver em harmonia com os meus inquilinos. Bom-dia, meus senhores!

Sai.

Chui Ta — Bom-dia, senhora Mi Tsu.

Policial — Está tendo alguma dificuldade com a senhora Mi Tsu?

Chui Ta — Ela quer seis meses de aluguel pagos adiantadamente, porque para ela minha prima não parece uma pessoa respeitável.

Policial — E o senhor não tem esse dinheiro? *Chui Ta fica em silêncio.* Mas um cidadão como o senhor, senhor Chui Ta, não consegue um empréstimo?

Chui Ta — É possível. Mas quem faria um empréstimo a uma cidadã como Chen Te?

Policial — Então o senhor não vai ficar aqui?

Chui Ta — Eu, não. Nem posso mais voltar aqui. Só de passagem pude vir dar alguma ajuda à minha prima, e só pude evitar mesmo o pior. Ela vai ter de resolver tudo sozinha, daqui a pouco. Eu me pergunto como é que vai ser, e fico preocupado...

Policial — Senhor Chui Ta, me dá pena vê-lo em dificuldades por causa do aluguel. Devo confessar que a princípio esta loja não nos dava muito boa impressão; mas a sua decidida intervenção, ainda há pouco, veio nos mostrar quem o senhor é. Nós, da autoridade pública, sabemos distinguir rapidamente aqueles com quem podemos contar para a manutenção da ordem.

Chui Ta *amargo* — Veja o senhor: para salvar esta lojinha, que para minha prima é um presente dos Deuses, estou disposto a ir aos últimos limites legalmente permitidos. Mas a dureza e a astúcia só ajudam contra os que estão por baixo: esses limites foram traçados muito sabiamente. Eu me sinto como aquele sujeito que ficou livre das ratazanas, mas depois teve de enfrentar a inundação! *Depois de uma breve pausa* — O senhor fuma?

Policial *aceitando e pondo no bolso dois charutos* — Nós, da delegacia, vamos sentir muito a sua perda, senhor Chui Ta. Quanto à senhora Mi Tsu, o senhor há de compreender: ninguém precisa nos dizer que a Chen Te se vendia aos homens, para ganhar a vida. O senhor pode perguntar: que mais ela podia fazer? Com que haveria de pagar o aluguel da casa, por exemplo? Mas o fato permanece: isso não é de respeito! Por quê? Em primeiro lugar: porque o amor não se vende, senão é um amor venal. Em segundo lugar: o amor é respeitável, não com quem paga, mas com quem se ama. Em terceiro lugar: uma mulher não se entrega por um punhado de arroz, mas por amor. Agora o senhor pode perguntar: de que vale tanta sabedoria, depois que o caldo entornou? Que é que ela pode fazer? Precisa arranjar dinheiro para pagar seis meses de aluguel! Senhor Chui Ta, eu devo confessar que isso eu também não sei. *Põe-se a meditar concentradamente.* Senhor Chui Ta, descobri: precisa arranjar logo para ela um bom marido!

Entra uma mulher idosa e baixa: a Tapeceira.

Tapeceira — Um charuto bom e barato para o meu marido: amanhã fazemos quarenta anos de casados, e vamos festejar.

Chui Ta *com delicadeza* — Quarenta anos e ainda festejam!

TAPECEIRA — Até onde os recursos nos permitem! Somos donos dessa tapeçaria aí defronte. Espero que sejamos bons vizinhos: e é preciso, que os tempos andam maus!

CHUI TA *abre diante dela várias caixas* — Receio que o estoque seja muito antigo...

POLICIAL — Senhor Chui Ta, nós precisamos de capital e a minha sugestão é um bom casamento!

CHUI TA *desculpando-se com a Tapeceira* — Eu me deixei levar a ponto de importunar o senhor Policial com meus problemas particulares...

POLICIAL — Não temos com que pagar seis meses de aluguel. Pois, muito bem: precisamos contrair matrimônio com um pouco de dinheiro!

CHUI TA — Não é tão fácil assim.

POLICIAL — Como não? Ela é um bom partido: tem um pequeno negócio, que vai se desenvolvendo. *À Tapeceira* — O que é que a senhora acha?

TAPECEIRA *hesitante* — É...

POLICIAL — Um anúncio classificado no jornal!

TAPECEIRA *com reserva* — Se a moça estiver de acordo...

POLICIAL — Como é que ela vai ser contra? Eu mesmo redijo o anúncio: fica um favor pelo outro. O senhor não pense que as autoridades são insensíveis às lutas árduas que um pequeno negociante precisa enfrentar! O senhor nos deu uma mãozinha, e nós, em troca, lhe preparamos o anúncio de casamento! Isto é que é! *Dá risada, pega o seu caderno de anotações, molha na língua a ponta do lápis e põe-se a escrever.*

CHUI TA *lentamente* — Não é má idéia.

POLICIAL *falando enquanto escreve* — Moça... séria... cavalheiro com pequeno pecúlio... podendo ser viúvo... compromisso matrimonial... sociedade numa tabacaria em pleno florescimento... — Ainda podemos acrescentar: moça bonita e prendada... — Que tal?

CHUI TA — Se o senhor acha que não está exagerando...

TAPECEIRA *amável* — Claro que não: eu conheço a moça.
O Policial arranca a folha do caderno e entrega-a a Chui Ta.

CHUI TA — Fico horrorizado de ver que é preciso ter muita sorte, para a gente não acabar embaixo das rodas! E muita idéia, e muitos amigos! *Ao Policial* — Apesar de toda a disposição, eu já tinha chegado ao fim de minhas forças com a questão do aluguel da loja, por exemplo. Aí, chegaram vocês e me deram um bom conselho. Agora, com efeito, eu vejo uma saída.

3

NO PARQUE DA CIDADE AO ANOITECER

Um homem jovem, Sun, com a roupa em molambos, acompanha com os olhos um avião que parece descrever a grande altura uma curva sobre o parque. Ele tira dos bolsos uma corda e espia em redor. Enquanto ele se encaminha para um grande salgueiro, surgem na estrada duas prostitutas: uma Mulherona já entrada em anos e outra que é a Sobrinha da numerosa família já vista na loja de Chen Te.

SOBRINHA — Boa-noite, moço! Quer vir comigo, benzinho?

SUN — É bem possível, minhas senhoras, se me comprarem alguma coisa para comer.

MULHERONA — Você está é maluco! *À Sobrinha* — Vamos embora! Com esse, estamos perdendo tempo: é um aviador desempregado.

SOBRINHA — Mas não deve haver mais ninguém no parque: a chuva já vai cair!

Mulherona — Talvez haja.
As duas afastam-se. Sun, olhando para todos os lados, joga sua corda por cima de um galho do salgueiro. Mas é novamente interrompido: as duas prostitutas passam de volta, correndo, sem reparar nele.

Sobrinha — Vai cair um aguaceiro!
Chen Te vem passeando pela estrada.

Mulherona — Olhe só: lá vem aquela bruxa! Fez a desgraça de você e da sua família!

Sobrinha — Não foi ela, não: foi o primo dela. Ela já tinha nos dado pousada, e depois até se ofereceu para pagar os bolos. Eu não tenho o que dizer dela.

Mulherona — Pois eu tenho! *Em voz alta* — Ora, ora, lá vem a nossa boa irmã com a sua mina de ouro! Já é dona de uma loja, mas ainda quer fisgar os nossos fregueses.

Chen Te — Não é preciso arreganhar os dentes: eu estou indo para a casa de chá na beira do lago.

Sobrinha — É verdade que você vai se casar com um viúvo, pai de três filhos?

Chen Te — É verdade: eu vou agora me encontrar com ele.

Sun *impaciente* — Vão tesourar longe daqui, suas galinhas! A gente não pode ficar em paz?

Mulherona — Cale esse bico!
Saem as duas prostitutas.

Sun *gritando atrás delas* — Urubus! *Ao público* — Até num lugar afastado como este, elas parecem que não se cansam de andar à caça de vítimas: dentro do bosque, debaixo da chuva, elas só pensam em se vender! Que desespero!

Chen Te *irritada* — Por que xingá-las assim? *Avista a corda.* Oh!

Sun — Que olho arregalado é esse?

Chen Te — Para que é essa corda?

Sun — Vá andando, irmã, vá andando! Dinheiro, eu não tenho: nada, nem um vintém! E, se tivesse, ia comprar um copo d'água, não ia dar a você.
Começa a chover.

Chen Te — Para que é essa corda? Não vai fazer uma coisa dessas!

Sun — Que é que você tem com isso? Dê o fora!

Chen Te — Está chovendo.

Sun — Não pense que vai ficar embaixo desta árvore!

Chen Te *imóvel, de pé, na chuva* — Eu, não.

Sun — Irmãzinha, desista! Não adianta! Você não vai arranjar nada comigo. Eu não vou muito com a sua cara, e as suas pernas são tortas.

Chen Te — Isso não é verdade!

Sun — Não mostre as pernas! Com os diabos, fique aqui embaixo da árvore: está chovendo!
Chen Te aproxima-se devagar e senta-se sob a árvore.

Chen Te — Quer fazer isso, por quê?

Sun — Quer saber, mesmo? Então eu digo, mas depois me deixe em paz! *Pausa.* Sabe o que é um aviador?

Chen Te — Sei: eu já vi muitos aviadores, lá na casa de chá.

Sun — Aviador, você ainda não viu nenhum. Talvez já tenha visto uns idiotas, com capacetes de couro: uns vigaristas que não têm ouvido para os motores nem sensibilidade para as máquinas. Só entram numa carlinga porque molham as mãos do gerente do hangar. Diga a qualquer um deles: "Deixa o teu aparelho dar um mergulho nas nuvens, a dois mil pés de altura, e desfaz a queda com um golpe de manícula", e ele vai dizer que isso não faz parte do contrato! Quem não voa como se ao pousar assentasse as próprias nádegas no chão não é um aviador: é um vigarista. Aviador sou eu! Mas, assim mesmo, eu sou um imbecil: li todos os livros de aviação, na escola de Pequim, mas pulei uma página, onde dizia que não há necessidade de aviadores. E fiquei sendo aviador sem avião, pombo-correio sem recado... Mas o que tudo isso significa, você não é capaz de compreender.

Chen Te — Acho que estou compreendendo muito bem.

Sun — Nada! Se eu digo que você não é capaz, é porque não é mesmo.

Chen Te *entre chorando e rindo* — Quando eu era pequena, em nossa casa nós tínhamos uma garça com uma asa quebrada. Era muito nossa amiga, e não ficava zangada por coisa alguma, e aonde nós fôssemos ela ia atrás, gritando para não irmos muito depressa. Mas no outono e no começo da primavera, quando os grandes bandos passavam como nuvens por cima da nossa aldeia, ela ficava muito inquieta, e isso eu compreendia muito bem...

Sun — Pare de chorar!

Chen Te — Eu?

Sun — Faz mal à pele.

Chen Te — Já parei.
Ela enxuga as lágrimas com as mangas do vestido. Encostado à árvore, Sun estende as mãos para o rosto de Chen Te, sem olhá-la nos olhos.

Sun — Nem o rosto você sabe limpar.
Sun limpa o rosto de Chen Te, com um lenço. Pausa.

Sun — Se você acha que deve ficar aí sentada, para eu não me enforcar, pelo menos abra um pouco essa boca!

Chen Te — Não sei o que dizer.

Sun — Mas então, irmãzinha, por que não deixa eu me pendurar neste galho?

Chen Te — Estou horrorizada. Naturalmente só quer fazer isso porque a noite está feia... *Ao público* —

Em nossa Terra
Não devia haver noites tão nubladas
Nem sobre os rios pontes tão elevadas,
Nem essa hora que não é noite nem dia,
Nem inverno: isso tudo é perigoso!
Em face da miséria
Uma coisinha à-toa é suficiente
Para uma criatura
Dar adeus a esta vida de amargura.

Sun — Fale de você!

Chen Te — Falar o quê? Eu tenho uma lojinha.

Sun *brincando* — Ah, então você não faz o *trottoir*: tem uma loja!

Chen Te *com firmeza* — Agora eu tenho uma loja, mas antes eu fazia o *trottoir*.

Sun — E a sua loja foi um presente dos Deuses?

Chen Te — Foi, mesmo.

Sun — Uma bela noite, eles apareceram e disseram: "Este dinheiro é seu!".

Chen Te *rindo mansinho* — Foi numa bela manhã.

Sun — Você não deixa de ser engraçada...

Chen Te *após uma pausa* — Eu sei tocar um pouquinho de cítara e faço imitações. *Imita a voz grossa de um homem provecto* — "E esta, agora, eu acho que deixei o meu dinheiro em casa!" —

Depois eu ganhei a loja. A primeira coisa que fiz foi me desfazer da cítara: agora, eu disse comigo mesma, eu posso ficar muda feito um bacalhau, que não faz mal nenhum.
Sou rica, disse eu comigo:
Sozinha eu ando e me deito,
Vou passar um ano inteiro
Sem pôr homem no meu leito!

Sun — Mas já não vai se casar com um: esse da casa de chá à beira do lago?
Chen Te não responde.

Sun — Do amor, a bem dizer, o que é que você sabe?

Chen Te — Tudo.

Sun — Nada, irmãzinha! Vai me dizer que tinha algum prazer naquilo?

Chen Te — Não.

Sun *passando a mão no rosto de Chen Te, sem se voltar para ela* — E isto, lhe dá prazer?

Chen Te — Dá.

Sun — Você se contenta com pouca coisa. Ah, que cidade!

Chen Te — E amigos, você não tem?

Sun — Aos montes! Mas nenhum disposto a ouvir que eu estou sempre desempregado: fazem cada cara, como se estivessem ouvindo alguém dizer que o mar é feito de água... E você, tem amigos?

Chen Te *hesitante* — Um primo, só.

Sun — Tome cuidado com ele!

Chen Te — Ele só esteve comigo uma vez, mas foi-se embora e não volta mais. E você, por que se mostra tão desesperançado? Dizem que falar sem esperança é falar sem bondade.

Sun — Então fale você: continue falando! Uma voz é sempre uma voz.

Chen Te *solícita* — Ainda existe muita gente boa, apesar da miséria. Quando eu era pequena levei um tombo, uma vez, carregando um feixe de lenha; um velho me ajudou a levantar e ainda me deu um níquel. Sempre me lembro disso: por estranho que pareça, os que menos têm são os que dão com mais generosidade. Naturalmente as pessoas gostam de mostrar o que são capazes de fazer; e qual a maneira de mostrar isso melhor do que sendo bondosas? A maldade é uma espécie de incapacidade. Quando alguém canta uma canção ou planta arroz ou constrói uma máquina, tudo isso faz parte da bondade. Você também é bom.

Sun — Com você isso não é tão difícil, me parece.

Chen Te — Mas desta vez eu senti um pingo de chuva.

Sun — Onde?

Chen Te — Bem entre os olhos.

Sun — Mais para o direito ou mais para o esquerdo?

Chen Te — Mais para o esquerdo.

Sun — Bem... *Depois de algum tempo, sonolento* — Com os homens, então, você não quer mais nada?

Chen Te *rindo* — Mas as minhas pernas não são tortas.

Sun — Talvez não.

Chen Te — Eu garanto que não!

Sun *encostando-se de novo à árvore, cansado* — Mas, visto que há dois dias que não como e há um dia que não bebo nada, eu não poderia fazer amor com você, irmãzinha, por mais que quisesse.

Chen Te — É bom apanhar chuva.

Surge Wang, o aguadeiro, e canta a "Canção do Aguadeiro na Chuva" —

Com água para vender,
Fico na chuva parado:
Tão longe eu tive de ir
Para arranjar um bocado...
Agora eu grito: "Olha a água!"
E ninguém vejo correr,
Morrendo de sede, seco
Por comprar água e beber.
(Comprem água, cachorrada!)
Se fechasse esse chuveiro!
Sonhei que houve sete anos
Em que a chuva não caía,
E água em gotas eu vendia.
Ah, como gritavam: "Água!".
E a cara de quem chegava
Junto ao meu balde, eu olhava
Para ver se me agradava.
(Ah, a sede da cachorrada!)

Dando risada —

Agora, vocês o leite
Das tetas das nuvens grossas
Mamam, deitados de costas;
Nem perguntam quanto custa.
E eu vou gritando: "Olha a água!".
Mas ninguém vejo correr,
Morrendo de sede, seco
Por comprar água e beber.
(Comprem água, cachorrada!)

A chuva estiou. Chen Te olha para Wang e corre para junto dele.

CHEN TE — Ah, Wang, você voltou! Seu vasilhame está guardado lá em casa.

WANG — Muito obrigado pelo seu cuidado. Como vão as coisas, Chen Te?

CHEN TE — Bem. Acabo de encontrar uma pessoa muito inteligente e muito corajosa. E gostaria de comprar um caneco da sua água.

WANG — Deite a cabeça bem para trás e abra a boca: você vai ter toda a água que quiser. O salgueiro ali ainda está gotejando.

CHEN TE — Mas é da sua água que eu quero, Wang,
Água trazida de longe, que tanto trabalho deu
E vender vai ser difícil porque hoje aqui choveu.
Mas dessa água é que eu quero para aquele moço ali:
É um aviador, um homem de mais coragem que os outros!
Na companhia das nuvens, quando ruge a tempestade,
Ele cruza os céus, levando, a outros homens, noutras terras,
O correio da amizade!

Chen Te paga a água e corre com o caneco em direção a Sun, depois volta sorrindo para Wang.

CHEN TE — Ele pegou no sono. Com tanto desespero, e a chuva, e eu, acabou se cansando.

ENTREATO

NO ABRIGO NOTURNO DE WANG, QUE É UM CANO DE ESGOTO

Wang está dormindo. Música. O cano de esgoto torna-se transparente, e em sonho os Deuses aparecem ao aguadeiro.

WANG *radiante* — Eu vi a moça, Santíssimos! Ela é a mesma de sempre: não mudou nada!

PRIMEIRO DEUS — Isso nos alegra.

WANG — Está amando! Me mostrou o homem que ama. Com ela, vai tudo bem.

PRIMEIRO DEUS — É bom ouvir isso. Esperemos que assim tenha forças para continuar no caminho do bem.

WANG — Nem há dúvida: ela faz todos os benefícios que pode!

Primeiro Deus — Que espécie de benefícios? Conte-nos alguma coisa, querido Wang!

Wang — Ela tem sempre uma palavra boa, para qualquer pessoa.

Primeiro Deus *ansioso* — Sim, e que mais?

Wang — Da loja dela ninguém sai sem fumo, só por não ter dinheiro.

Primeiro Deus — Não está mal. Alguma coisa mais?

Wang — Deu abrigo a uma família de oito bocas!

Primeiro Deus *exultante, ao Segundo Deus* — Oito bocas! *A Wang* — Alguma coisa, ainda?

Wang — Comprou de mim um caneco d'água, com toda a chuva que estava caindo!

Primeiro Deus — Naturalmente são benefícios menores, fáceis de compreender.

Wang — Mas tudo custa dinheiro: uma lojinha não dá tanto assim!

Primeiro Deus — É claro, é claro... Mas um jardineiro bom, com um pedacinho de terra, é capaz de fazer verdadeiros milagres!

Wang — É o que ela está fazendo! Toda manhã distribui arroz, e podeis crer que vai nisso mais da metade do que ela ganha!

Primeiro Deus *algo desencantado* — Não tenho nada a dizer: como princípio, não é dos piores...

Wang — Vede, também, que os tempos não são dos melhores! Ela uma vez até já precisou pedir a ajuda de um primo, porque a lojinha estava em dificuldades!
Assim que houve um cantinho ao abrigo do vento,
Começaram a vir, de todo o céu friorento,
Aves arrepiadas, brigando por lugar;
A raposa faminta remordia o cimento

E o lobo capengando rolava o alguidar.
Para encurtar a história: ela não chega para as encomendas. Mas todos são unânimes em dizer que é uma ótima moça. É conhecida, por toda parte, como "o Anjo dos Subúrbios". E é sempre o bem que sai da loja dela... O carpinteiro Lin To pode falar quanto quiser!

Primeiro Deus — Como assim? O carpinteiro Lin To anda falando mal dela?

Wang — Bem, ele diz que as prateleiras não foram pagas de acordo com o combinado...

Segundo Deus — Que é que você está dizendo? Então o carpinteiro não foi pago, na loja de Chen Te? E ela deixou isso acontecer?

Wang — Ela não tinha mais nem um tostão.

Segundo Deus — Ainda assim: o que é devido, tem de ser pago! O menor sinal de injustiça tem de ser evitado. Os Mandamentos têm de ser cumpridos, primeiro na letra, depois no espírito!

Wang — Mas foi o primo, Santíssimos: não foi ela!

Segundo Deus — Pois, então, que esse primo nunca mais ponha os pés na casa dela!

Wang *abatido* — Eu compreendo, Santíssimos. Mas, em defesa de Chen Te, seja-me permitido acrescentar que o primo dela é tido em toda parte como um excelente homem de negócios. É respeitado até pela polícia!

Primeiro Deus — Bem, não é nosso propósito condenar esse primo sem antes ouvir o que ele tem a dizer. Eu confesso que de negócios não entendo mesmo: talvez fosse melhor nos informarmos sobre o que é de praxe fazer... Mas, quanto aos negócios, em geral: eles serão de fato indispensáveis? Vocês só vivem pensando em negócios! E os Reis Magos eram negociantes? E Kung, o justo, vendia peixes? O que é que os negócios têm a ver com uma vida íntegra e digna?

SEGUNDO DEUS *muito contrafeito* — Seja como for, coisas desse tipo não devem tornar a acontecer!
O Segundo Deus vira-se para ir-se embora, e os dois outros também.

TERCEIRO DEUS *por fim, embaraçado* — Desculpe a nossa dureza, hoje! Estamos exaustos e tresnoitados. Ah, que hospedagens! Os ricos nos recomendam aos pobres da melhor maneira, mas os pobres não dispõem de cômodos suficientes.

OS TRÊS DEUSES *afastam-se, reclamando* — O que há de melhor é fraco! — Nada que se aproveite até o fim! — Mesquinharias! — São coisas feitas de bom coração, mas não parecem! — Ela devia ao menos...
Já não se ouve o que eles dizem.

WANG *chamando por eles* — Santíssimos, não sejais inclementes! Não deveis exigir em demasia, logo de início!

4

NUMA PRAÇA EM FRENTE À TABACARIA DE CHEN TE

Vêem-se uma barbearia, uma loja de tapetes e a tabacaria de Chen Te. É de manhã. Diante da loja de Chen Te aguardam dois remanescentes da família de oito pessoas: o Avô e a Cunhada, além do Desempregado e da Senhora Chin.

CUNHADA — Esta noite ela não passou em casa.

SENHORA CHIN — É um procedimento abominável! Quando, afinal, vai-se embora esse maluco do primo dela, e a gente fica um pouco mais à vontade? Ela bem que podia dar à gente, de vez em quando, um bocadinho do arroz que sobra; mas aí vai passar a noite fora, sabe Deus onde, perdendo tempo!
Da barbearia ouvem-se vozes altas, e Wang sai de lá aos tropeções, perseguido pelo gordo senhor Chu Fu, o barbeiro, que tem na mão um pesado ferro de frisar.

CHU FU — Eu já lhe ensino a aborrecer meus clientes com essa água choca! Pegue o caneco e dê o fora daqui!

Wang estende a mão para pegar o caneco que Chu Fu está segurando, e recebe uma pancada, com o ferro de frisar, que o faz soltar um grito.

CHU FU — Tome! E que isto lhe sirva de lição! *Volta, ofegante, para a barbearia.*

DESEMPREGADO *apanha o caneco e entrega-o a Wang* — Por essa pancada que levou dele, você pode ir dar parte na polícia!

WANG — Lá se foi minha mão...

DESEMPREGADO — Será que tem algum osso quebrado?

WANG — Eu nem posso mexer.

DESEMPREGADO — Sente-se aí e ponha um pouco de água nela!
Wang senta-se.

SENHORA CHIN — Ainda bem que a água você não paga!

CUNHADA — Quase oito horas, não se tem onde arranjar nem um pedaço de pano. Ela meteu-se em alguma aventura! Que escândalo!

SENHORA CHIN *lúgubre* — Nem se lembra de nós!
Chen Te aparece, descendo a ruazinha, trazendo uma tigela de arroz.

CHEN TE *ao público* — Eu nunca tinha visto a cidade amanhecer: a essas horas eu estava sempre deitada, a cara embaixo da coberta imunda, com medo de acordar. Hoje eu passei entre meninos jornaleiros, homens regando o asfalto, e até um carro de bois trazendo legumes frescos da roça. Desde a casa de Sun até aqui foi uma caminhada bem comprida, mas a cada passo era maior o meu prazer. Eu sempre ouvi dizer que a gente, quando ama, anda nas nuvens: mas ainda é mais bonito andar no asfalto, com os pés na terra! Posso dizer a vocês que de madrugada os quarteirões parecem montões de lixo pegando fogo, sob o céu transparente e cor-de-rosa, ainda limpo de qualquer poeira. Posso dizer ainda mais: vocês não sabem o que estão perdendo, se não têm olhos para ver e amar sua cidade, nesse momento em que ela se levanta e sai da toca, como um trabalhador velho e em jejum, enchendo os pulmões de ar puro e tomando nas mãos as ferramentas, como diria o poeta. *Aos que estão esperando por ela* — Bom-dia! Aqui está o arroz! *Reparte o arroz, e dá com os olhos em Wang.* Bom-dia, Wang! Eu hoje estou de alma leve. Pelo caminho eu vim olhando as vitrinas, e achei que seria bom comprar para mim um xale. *Após breve hesitação* — Queria tanto parecer bonita! *Entra apressadamente na loja de tapetes.*

Chu Fu *novamente à porta, falando ao público* — Estou admirado: como está bonita essa menina Chen Te, a dona da tabacaria aí defronte! E eu até hoje não havia reparado! Fiquei olhando para ela uns três minutos, e até parece que já estou gostando dela: é uma pessoa incrivelmente simpática! *A Wang* — Fora daqui, seu malandro!

Chu Fu entra de novo na barbearia. Chen Te e um casal muito idoso, o Tapeceiro e a Tapeceira, saem da tapeçaria: Chen Te com um xale, o Tapeceiro com um espelho.

Tapeceiro — É lindo, e não está caro, por causa do buraquinho na ponta.

Chen Te *olhando para um xale que a Tapeceira traz no braço* — Aquele verde também é lindo!

Tapeceira *rindo* — Infelizmente não tem nenhum buraquinho...

Chen Te — Pois é uma pena! Com a minha lojinha, eu não posso fazer extravagâncias: o que eu ganho ainda é pouco e as despesas são muitas.

Tapeceira — Também, querendo ajudar tanta gente! Não faça mais do que pode! Quando se está começando, até uma cuia de arroz faz falta, é ou não é?

Chen Te *provando o xale com o buraquinho* — Sim, pode ser, mas agora eu não quero pensar nisso. Fica bem em mim, esta cor?

Tapeceira — Essa pergunta é para ser feita a um homem.

Chen Te *voltando-se para o Tapeceiro* — O senhor acha que esta cor me fica bem?

Tapeceiro — Por que não pergunta antes...

Chen Te *com muita delicadeza* — É ao senhor que eu estou perguntando.

Tapeceiro *também delicadamente* — O xale fica muito bem na senhorita, mas eu acho que devia pôr o lado avesso para cima.

Chen Te paga.

Tapeceira — Se não gostar, pode trocar à vontade. *Puxa-a para um lado.* Ele tem capital?

Chen Te *rindo* — Oh, não.

Tapeceira — E a senhorita vai poder pagar seis meses de aluguel?

Chen Te — Ah, o aluguel! Eu já nem me lembrava!

Tapeceira — Eu logo vi! Segunda-feira já é dia primeiro. Eu gostaria de lhe dizer uma coisa... Você sabe que, depois de conhecê-la melhor, meu marido e eu começamos a pôr em dúvida aquele seu anúncio no jornal procurando casamento, e resolvemos dar uma ajuda a você para sair dessa encrenca. Nós temos um dinheirinho guardado, e podemos lhe emprestar duzentos dólares de prata; você, querendo, pode nos dar em penhor o seu estoque de fumo... Mas entre nós não há necessidade de nada por escrito.

Chen Te — Vocês estão mesmo dispostos a emprestar dinheiro a uma pessoa como eu, sem eira nem beira?

Tapeceira — Sinceramente, ao senhor seu primo, que parece ter muitas eiras e beiras, talvez não emprestássemos; mas a você emprestamos tranqüilamente!

Tapeceiro *aproximando-se* — Então, está resolvido?

Chen Te — Eu gostaria que os Deuses tivessem ouvido o que sua senhora falou, senhor Deng: eles andam procurando almas boas

que vivam felizes... E os senhores devem ser muito felizes, para ajudarem a mim, que, por amor, me vejo em dificuldades!
Os dois Tapeceiros riem, um para o outro.

Tapeceiro — O dinheiro está aqui.
Ele entrega a Chen Te um envelope, que ela recebe com uma curvatura respeitosa. Os velhos Tapeceiros curvam-se também e voltam para a loja deles.

Chen Te *a Wang, levantando a mão com o envelope* — Estão aqui os seis meses de aluguel! Não parece milagre? E o que me diz do meu xale novo: que tal, hein, Wang?

Wang — Você comprou só por causa daquele homem que eu vi no parque?
Chen Te faz que sim, com a cabeça.

Senhora Chin — Talvez fosse melhor você dar uma olhada na mão dele quebrada, em vez de ficar falando de uma aventura suspeita...

Chen Te *chocada* — Que foi que houve com a sua mão?

Senhora Chin — O barbeiro quebrou-a com o ferro de frisar, bem à nossa vista!

Chen Te *aborrecida com sua própria distração* — E eu nem tinha reparado! Você tem de ir logo ao médico, antes que fique com a mão paralisada e nunca mais possa trabalhar direito. Mas que falta de sorte! Ande daí: levante-se e vá ao médico depressa!

Desempregado — Acho melhor ele ir ao juiz, e não ao médico: pode pedir indenização do barbeiro, que é um homem rico!

Wang — Você acha que há possibilidade?

Senhora Chin — Se estiver mesmo com a mão quebrada... Está quebrada?

Wang — Acho que está: inchada deste jeito! Será que dá uma pensão vitalícia?

Senhora Chin — Você vai precisar, antes de tudo, de uma testemunha.

Wang — Mas vocês todos viram muito bem: podem testemunhar!
Wang olha em redor. O Desempregado, o Avô e a Cunhada comem, sentados, encostados à parede. Ninguém levanta os olhos.

Chen Te *à senhora Chin* — A senhora viu tudo...

Senhora Chin — Com a polícia eu não quero nada.

Chen Te *à Cunhada* — Você, também...

Cunhada — Eu? Estava olhando para outro lado.

Senhora Chin — É claro que ela viu tudo, também: eu bem vi que ela viu! Ela está é com medo, porque o barbeiro tem muito prestígio...

Chen Te *ao Avô* — O senhor, tenho certeza de que vai testemunhar!

Cunhada — Não aceitam o testemunho dele: é um velho gagá!

Chen Te *ao Desempregado* — Isso talvez represente para ele uma pensão vitalícia...

Desempregado — Mas eu já fui fichado duas vezes, por mendicância: meu testemunho só pode prejudicar.

Chen Te *perplexa* — Então nenhum de vocês quer servir de testemunha, não é assim? Quebram a mão do outro à luz do dia, vocês presenciam tudo e ninguém quer dizer nada? *Irritada* —
Ah, desgraçados: um irmão é maltratado,
E vocês olham para o outro lado?
Grita de dor o ferido, e vocês ficam calados?
A violência faz a ronda e escolhe a vítima,
E vocês dizem: "A nós ela está poupando,
Vamos fingir que não estávamos olhando!".
Mas que cidade, que espécie de gente é esta?
Quando campeia numa cidade a injustiça
É necessário que alguém se levante;
É preferível que num grande incêndio

Toda a cidade desapareça
Antes que a noite desça!

Wang, já que nenhum dos que estavam aqui parece disposto a testemunhar, então eu vou ser sua testemunha e dizer que vi tudo!

Senhora Chin — Isso seria falso testemunho.

Wang — Nem sei se devo aceitar; mas acho que aceito, sim. *Olhando a mão, preocupado* — Vocês acham que está bastante inchada? Acho que está diminuindo o inchaço...

Desempregado *tranqüilizando-o* — Não: o inchaço ainda não melhorou nada!

Wang — Não, mesmo? É, também acho: parece até que inchou mais um pouquinho. Talvez a junta esteja quebrada! Agora eu vou correndo falar com o juiz. *Pegando a mão com cuidado, e sempre olhando para ela, sai às carreiras.*

A Senhora Chin entra também correndo na loja do barbeiro Chu Fu.

Desempregado — Ela foi correndo ver se cai nas boas graças do barbeiro.

Cunhada — Nós não podemos ser palmatórias do mundo.

Chen Te *com desânimo* — Eu não queria ofender vocês: só fiquei espantada... Não: o que eu quero é xingar vocês, mesmo! Desapareçam da minha vista!

O Desempregado, a Cunhada e o Avô saem, comendo e resmungando.

Chen Te *ao público* — Já nem respondem mais. Onde a gente os coloca, vão ficando. E, se a gente os põe para correr, num instante se arranjam em qualquer lugar... Nada os empolga mais. Só o cheiro de comida é capaz de fazê-los reviver e olhar!

Entra correndo a Senhora Yang, a velha mãe de Sun.

Senhora Yang *esbaforida* — É a senhorita Chen Te? Meu filho me contou tudo: sou a Senhora Yang, mãe de Sun. Imagine só: ele está com a chance de arranjar um emprego de aviador! Esta manhã, ainda há pouco, chegou uma carta de Pequim: de um gerente do hangar do Correio Aéreo!

Chen Te — E com isso ele vai voar de novo? Oh, Senhora Yang!

Senhora Yang — Mas esse emprego custa algum dinheiro: quinhentos dólares de prata...

Chen Te — É muito dinheiro, mas por causa disso não se há de perder uma oportunidade assim! Eu ainda tenho a loja...

Senhora Yang — Se pudesse fazer alguma coisa!

Chen Te *abraçando-a* — Se eu pudesse ajudar...

Senhora Yang — Seria dar uma oportunidade a um homem de valor!

Chen Te — Como se pode impedir a alguém de ser útil? *Após uma pausa* — Só que a loja me rende muito pouco, e estes duzentos dólares de prata, aqui em dinheiro contado, não me pertencem... Mas a senhora pode levar de uma vez: depois eu vendo o meu estoque de fumo e reponho o dinheiro no lugar. *Entrega o dinheiro dos Tapeceiros.*

Senhora Yang — Ah, senhorita Chen Te, a sua ajuda veio bem na hora. Ele já era apelidado, na cidade, "o aviador morto", pois todos já pensavam que ele só voaria novamente num caixão de defunto.

Chen Te — Mas ainda faltam trezentos dólares, para podermos garantir o emprego. Precisamos pensar, Senhora Yang! *Pausadamente* — Conheço alguém que talvez me ajudasse: uma pessoa que uma vez já me valeu... Eu não queria tornar a falar com ele, porque é esperto e muito rigoroso. Espero que esta seja a última vez: mas um aviador tem de voar, é evidente!

Ronco de motor, ao longe.

Senhora Yang — E se esse, de quem fala a senhorita, emprestasse o dinheiro? Está vendo, lá em cima? É o correio aéreo da manhã, que vai rumo a Pequim!

CHEN TE *resoluta* — Faça sinais, Senhora Yang! O aviador deve estar nos vendo! *Acena com o xale.* Faça sinais, a senhora também!

SENHORA YANG *acenando* — A senhorita conhece o que está voando?

CHEN TE — Não. Eu conheço um que vai voar: o que perdeu as esperanças vai voar, Senhora Yang! Um, pelo menos, há de subir acima desta miséria! *Ao público* —
Yang Sun, meu amado,
Na companhia das nuvens,
Quando ruge a tempestade,
A singrar o céu, levando
A outros homens, noutras terras,
A mensagem da amizade!

ENTREATO

NA FRENTE DO PANO DE BOCA

Chen Te aparece, tendo nas mãos a máscara e o terno de Chui Ta, e canta a "Canção da Impotência dos Deuses e dos Bons".

CHEN TE —
Em nossa terra,
Quem presta, mesmo, precisa ter muita sorte:
Só quando encontra a ajuda do mais forte
É que os seus préstimos pode mostrar.
Os bons não sabem amparar-se mutuamente
E os Deuses são impotentes.
Por que é que os Deuses não têm tanques e canhões,
Barcos de guerra e minas e aviões,
Para atacarem os maus e protegerem os bons?
Seria muito melhor para eles e para nós.

Chen Te veste o terno de Chui Ta e dá alguns passos imitando a maneira masculina de andar.

Os bons não podem
Ser bons por muito tempo, em nossa terra:
Quando o prato está vazio, quem está com fome berra.

Ah, nada valem os Mandamentos divinos
Quando a pessoa está morrendo à mingua!
Por que é que os Deuses não vêm aos nossos mercados
Distribuir fartura, regalados,
Fazendo assim os que tiveram pão e vinho
Tratarem-se com amor e carinho?

Chen Te põe a máscara de Chui Ta e continua a cantar, com voz de homem.

Para arranjar um almoço, é preciso
Ter-se a dureza do fundador de um império:
Salvar alguém da fome não podemos
Sem antes derrubar uns doze, pelo menos!
Por que é que os Deuses não gritam lá das alturas
Que o mundo ainda há de ser bom para as boas criaturas?
Por que não dão ajuda aos bons com tanques e com canhões
E não dão ordem de "fogo!" logo, sem contemplações?

5

NA TABACARIA

Chui Ta, sentado atrás do balcão, lê o jornal, sem dar a mínima atenção ao que a Senhora Chin está dizendo enquando lava o chão.

SENHORA CHIN — Uma lojinha destas vai à breca num instante, quando certos boatos começam a correr pelo bairro, pode crer. Já era tempo de o senhor, que é uma pessoa de respeito, botar em pratos limpos essa história escusa da senhorita Chen Te com aquele tal Yang Sun, da rua Amarela. É bom não esquecer que o senhor Chu Fu, o barbeiro aí do lado, um homem que tem doze casas e uma mulher só, aliás já velha, ainda ontem me deu a entender o lisonjeiro interesse que ele tem pela prima do senhor. Já foi até pedir informações sobre a situação financeira dela: isso, acho eu, é uma prova de ótimas intenções!

Não obtendo nenhuma resposta, ela afinal retira-se com o balde.

Sun *voz fora* — Aqui é a loja da senhorita Chen Te?

Senhora Chin *voz de dentro* — É aqui mesmo. Mas hoje quem está aí é o primo dela!

Chui Ta corre ao espelho, com o passo ligeiro de Chen Te, e começa a ajeitar os cabelos, até reparar melhor em sua imagem refletida e cair em si, corrigindo o engano. Volta-se lentamente, com um sorriso. Entra Yang Sun, seguido da Senhora Chin cheia de curiosidade: ela passa por ele e vai para os fundos da loja.

Sun — Eu sou Yang Sun. *Chui Ta faz uma curvatura.* Chen Te está?

Chui Ta — Não, ela não está.

Sun — Mas o senhor deve estar a par do que nós somos um para o outro. *Põe-se a correr os olhos pela loja.* É uma loja e tanto! Pensei que fosse conversa dela. *Bisbilhota, com satisfação, as caixinhas e os potes de porcelana.* Homem, eu vou voltar a voar, mesmo! *Apanha um charuto e, Chui Ta lhe estende o fogo.* O senhor acha que esta loja pode dar uns trezentos dólares de prata?

Chui Ta — Se me permite perguntar: tem a intenção de vender a loja?

Sun — Então, temos em caixa os trezentos dólares? *Chui Ta balança negativamente a cabeça.* Foi muito amável, da parte dela, entregar logo duzentos... Mas, sem os trezentos que faltam, não adiantam nada para mim.

Chui Ta — Ela talvez tenha sido um pouco apressada, ao lhe prometer o dinheiro: com isso, pode ficar sem a loja. Diz o ditado: "Pressa é o nome do vento que põe no chão os andaimes".

Sun — Eu preciso desse dinheiro agora: agora ou nunca mais. E a moça não é dessas que se fazem esperar, quando o negócio é dar qualquer coisa. Aqui entre nós, de homem para homem: até agora, ela não se fez de rogada em coisa nenhuma.

Chui Ta — Sei.

Sun — O que aliás, para ela, é uma boa recomendação.

Chui Ta — Posso saber como vão ser empregados esses quinhentos dólares de prata?

Sun — Naturalmente. Eu estou vendo que o senhor quer me sondar... O gerente do hangar lá de Pequim, meu ex-colega da escola de aviação, está podendo me dar um emprego, se eu espichar nas mãos dele quinhentos dólares.

Chui Ta — Essa quantia não é muito alta?

Sun — Não. Ele tem de descobrir algum descuido no trabalho de outro aviador, que é chefe de família numerosa e que por isso é muito cuidadoso. O senhor compreende... Isso eu digo ao senhor em confiança, mas Chen Te não precisa saber.

Chui Ta — É possível que não. Mais uma coisa: e esse gerente do hangar não vai vender também o emprego do senhor, no mês que vem?

Sun — O meu, não: eu não me descuido nunca! Já estou desempregado há muito tempo!

Chui Ta *assentindo com a cabeça* — O animal com fome puxa o carro para casa mais depressa. *Examina Sun detidamente, por alguns momentos.* É uma responsabilidade muito grande! Senhor Yang Sun, o senhor está esperando que minha prima abra mão dos poucos bens que possui e de todos os amigos dela nesta cidade, entregando o destino em suas mãos... Imagino que o senhor tem a intenção de se casar com ela?

Sun — Até disso eu sou capaz.

Chui Ta — Mas então não acha uma pena queimar a loja por dez réis de mel coado? Quando se está com pressa de vender, o que se consegue é pouco. Com os duzentos dólares de prata que estão nas mãos do senhor, seis meses do aluguel desta loja estavam já garantidos. Será que não interessaria ao senhor tocar para a frente a tabacaria?

SUN — Eu? Tem cabimento Yang Sun, o aviador, servindo atrás de um balcão: “O cavalheiro deseja um charuto forte ou suave?”. Para Yang Sun, isso não é negócio, no século em que vivemos!

CHUI TA — Desculpe a minha pergunta: e aviação é negócio?

SUN *tira do bolso uma carta* — Eu vou ganhar por mês duzentos e cinqüenta dólares! O senhor mesmo pode ver a carta, o selo e o carimbo, aqui: Pequim!

CHUI TA — Duzentos e cinqüenta? É coisa à beça!

SUN — O senhor pensa que eu vôo de graça?

CHUI TA — O emprego parece bom. Senhor Yang Sun, minha prima deixou-me a incumbência de ajudá-lo a conseguir esse lugar de aviador, que tanto representa para o senhor. Quanto à minha prima, eu não tenho nenhuma objeção maior: ela que faça o que lhe manda o coração. Tem todo o direito de compartilhar das alegrias do amor. Estou pronto a transformar tudo isto aqui em dinheiro. Vem vindo aí a senhora Mi Tsu, senhoria do prédio: quero pedir uns conselhos a ela sobre a questão da venda...

MI TSU *entrando* — Bom-dia, senhor Chui Ta! Precisamos tratar do aluguel hoje, que depois de amanhã termina o prazo!

CHUI TA — Senhora Mi Tsu, aconteceram imprevistos que talvez impeçam minha prima de ficar com a loja. Ela está pensando em se casar, e o futuro marido — *apresenta Yang Sun* —, senhor Yang Sun, vai com ela para Pequim, onde pretendem começar vida nova. Se me oferecerem o bastante pelo estoque de fumo, eu vendo tudo.

MI TSU — De quanto o senhor precisa?

SUN — Trezentos, batidos!

CHUI TA *incisivo* — Não: quinhentos!

MI TSU *a Sun* — Talvez eu possa dar uma mãozinha. *A Chui Ta* — Quanto custou o fumo?

CHUI TA — Minha prima pagou, na ocasião, mil dólares de prata, e o que vendeu foi muito pouco até agora.

MI TSU — Mil dólares de prata? Naturalmente ela foi tapeada... Mas eu lhe digo uma coisa: eu dou trezentos pela loja, como está, se me entregar depois de amanhã!

SUN — Entregamos, sim. Vai dar certo, velho!

CHUI TA — É muito pouco!

SUN — É o quanto basta!

CHUI TA — Preciso de quinhentos, pelo menos.

SUN — Para quê?

CHUI TA — A senhora permite que eu fale em particular com o noivo de minha prima? *De parte, a Sun* — Todo o fumo que existe aqui está penhorado, a um casal de velhos, pelos duzentos dólares de prata que minha prima deu ao senhor ontem.

SUN *hesitando* — Mas isso consta de algum documento?

CHUI TA — Não.

SUN *à senhora Mi Tsu, depois de uma pausa breve* — Podemos deixar tudo por trezentos!

MI TSU — Mas eu preciso saber se a loja não está onerada...

SUN *a Chui Ta* — Responda o senhor!

CHUI TA — A loja está livre de qualquer ônus.

SUN — Quando poderemos receber esses trezentos?

Mi Tsu — Depois de amanhã, e até lá ainda podem mudar de idéia. Se tivessem um mês para vender, certamente conseguiriam mais. Eu vou pagar trezentos dólares de prata, apenas porque não quero deixar de dar a minha contribuição quando se trata de fazer a felicidade de dois jovens enamorados. *Sai.*

Sun *gritando atrás dela* — A transação está feita! Caixinhas, potinhos, saquinhos, tudo por trezentos dólares, e chega de amolação! *A Chui Ta* — Talvez até depois de amanhã apareça uma oferta melhor e possamos recuperar aqueles duzentos!

Chui Ta — Não em tão pouco tempo: não podemos contar com nem um dólar além dos da senhora Mi Tsu. O senhor já tem o dinheiro para a viagem e para os primeiros dias?

Sun — É claro!

Chui Ta — Quanto?

Sun — Isso eu arranjo de qualquer maneira, nem que precise roubar!

Chui Ta — Ah, então esse dinheiro ainda está por arranjar?

Sun — Não ponha o carro na frente dos bois, velhinho! Eu já estou a caminho de Pequim...

Chui Ta — Mas para duas pessoas não sai tão barato assim.

Sun — Duas pessoas? Vou deixar a moça aqui: nos primeiros tempos, ela seria uma pedra amarrada ao meu pescoço.

Chui Ta — Compreendo.

Sun — Por que está me olhando como se eu fosse um odre de azeite furado? A gente precisa ir se conformando.

Chui Ta — E minha prima, de que vai viver?

Sun — O senhor não pode fazer nada por ela?

Chui Ta — Eu vou fazer o que me for possível. *Pausa.* Gostaria que o senhor deixasse comigo aqueles duzentos dólares de prata, até o senhor se ver em condições de me mostrar duas passagens para Pequim...

Sun — Eu gostaria, meu caro cunhado, que não se metesse nisso.

Chui Ta — Minha prima Chen Te...

Sun — Pode deixar, que eu tomo conta dela.

Chui Ta — ... talvez não queira mais vender a loja, se ela souber...

Sun — Vai vender, sim.

Chui Ta — O senhor não tem medo de que eu opine contra?

Sun — Ora, meu caro!

Chui Ta — Parece até esquecer que ela é um ser humano, dotado de razão!

Sun *achando graça* — Eu sempre achei espantoso o que certas pessoas pensam das mulheres da própria família, e do efeito que possam ter sobre elas os mais ponderados conselhos. E dos poderes do amor e das fraquezas da carne, o senhor nunca ouviu falar? Está querendo chamá-la à razão? Razão é uma coisa que ela não tem! Ela foi maltratada a vida inteira, pobre bichinho! Basta eu pousar a mão no ombro dela e dizer "vem comigo!"; ela começa a ouvir sinos celestiais, e é capaz de estranhar a própria mãe.

Chui Ta *contendo-se* — Senhor Yang Sun!

Sun — Senhor... Sei-Lá-Como-É-O-Nome!

Chui Ta — Minha prima entregou-se ao senhor porque...

Sun — Porque, digamos: porque eu botei a mão no peito dela? Bote isto no seu bico, e vá fumando! *Estende um charuto a Chui Ta,* *põe na própria boca outro charuto, enfia mais dois no bolso e afinal põe debaixo do braço a caixa inteira.* Não vá me aparecer de mãos vazias: esse negócio faz parte do casamento! Os trezentos dólares vão com ela ou vão com o senhor mesmo: um dos dois leva! *Sai.*

Senhora Chin *mostrando a cabeça pela porta dos fundos* — Não é nada simpático! E a rua Amarela inteira sabe que a moça está perdidamente nas mãos dele.

Chui Ta *soltando um grito* — Lá se vai a loja! Ele não tem amor a ninguém! É o fim! Não sei o que fazer! *Põe-se a andar de um lado para outro, como um animal enjaulado, repetindo sempre "Lá se vai a loja", até que de repente pára, e diz para a Senhora Chin* — Chin, você cresceu na sarjeta, igual a mim: somos idiotas? Não! Falta-nos a brutalidade necessária? Não! Eu sou capaz de agarrar você pela garganta e sacudir até vê-la cuspir fora o queijo que acabou de me roubar, você sabe disso. Os tempos andam terríveis, esta cidade é um inferno, mas assim mesmo vamos tentando subir, cravando as unhas na parede lisa... De repente, o azar dá em cima de um: começa a amar e pronto, lá se vai! É bastante um momento de fraqueza e a gente está liquidada. Mas, como se livrar de umas tantas fraquezas, e do amor que é a mais fatal de todas? Não é possível! O preço é alto demais! Diga, com toda a franqueza: a gente pode estar sempre de pé atrás? Enfim, que mundo é este?
Carícias tornam-se estrangulamentos,
Cada suspiro é um grito de pavor:
Por que esvoaçam corvos agourentos?
É alguém que vai a um encontro de amor!

Senhora Chin — Acho melhor eu ir chamar logo o barbeiro. O senhor deve conversar com ele. Aquilo é que é homem sério. Esse barbeiro parece feito para a sua prima!

Sem obter nenhuma resposta, a Senhora Chin sai às carreiras. Chui Ta põe-se de novo a andar, até que entra o barbeiro Chu Fu, seguido da Senhora Chin, que se afasta a um sinal de Chu Fu.

Chui Ta *ao visitante* — Caro senhor, ouvi dizer que tem por minha prima um interesse todo especial. Permita-se pôr de lado quaisquer cerimônias, que exigiriam certa discrição, visto que no momento a senhorita Chen Te corre um grande perigo!

Chu Fu — Oh!

Chui Ta — Dona de sua própria loja, ainda há poucas horas, minha prima vê-se agora a um passo da indigência: senhor Chu Fu, a loja está arruinada!

Chu Fu — Senhor Chui Ta, o que faz o encanto da senhorita Chen Te não é a boa situação da loja dela, e sim a bôa qualidade do coração que ela tem. O apelido que todo este bairro deu a ela está dizendo tudo: é "o Anjo dos Subúrbios"!

Chui Ta — Meu caro senhor, essa boa qualidade já custou à minha prima duzentos dólares de prata, num dia só! É hora de opor uma barreira a isso!

Chu Fu — Permita o senhor que eu seja de outra opinião: a essa boa qualidade, todas as barreiras devem ser abertas de par em par. Fazer o bem é a natureza da senhorita Chen Te! A comida que eu a vejo dar, toda manhã, radiante de emoção, a umas quatro pessoas, não é nada: por que não dar comida a quatrocentas? Ouço dizer que ela faz das tripas coração, para dar pousada a alguns desamparados: pois os galpões que eu tenho, atrás do matadouro, estão vazios e eu ponho à disposição dela. E assim por diante... Senhor Chui Ta, posso esperar que tais idéias, que me ocorreram nos últimos dias, contem com a simpatia da senhorita Chen Te?

Chui Ta — Senhor Chu Fu, tão elevados pensamentos ela há de ouvir maravilhada.

Entra Wang, com o Policial. O senhor Chu Fu vira-se e fica olhando as prateleiras.

Wang — A senhorita Chen Te está aí?

Chui Ta — Não.

Wang — Eu sou Wang, o aguadeiro. O senhor deve ser o primo Chui Ta, não?

Chui Ta — Exatamente. Bom-dia, Wang!

Wang — Eu sou amigo da senhorita Chen Te.

Chui Ta — Sei que o senhor é uma das amizades mais antigas que ela tem.

Wang *ao Policial* — Está vendo? *A Chui Ta* — Eu vim aqui por causa da minha mão...

Policial — Está quebrada, nem se discute.

Chui Ta *aflito* — Já vi: precisa de uma tipóia para esse braço.
Vai ao depósito e traz de lá um xale, que atira a Wang.

Wang — Mas isto aqui é o xale novo dela!

Chui Ta — Ela não vai precisar mais.

Wang — Faz pouco tempo que ela comprou, para agradar a uma certa pessoa...

Chui Ta — Ficou provado que não é mais necessário.

Wang *fazendo uma tipóia com o xale* — Ela é a minha única testemunha...

Policial — A prima do senhor deve ter visto quando o barbeiro Chu Fu bateu na mão do aguadeiro com o ferro de frisar. O senhor sabe do caso?

Chui Ta — Tudo o que eu sei é que minha prima mesma não estava presente, quando se deu esse pequeno incidente...

Wang — Está havendo um mal-entendido! Esperem só Chen Te chegar, e tudo se há de esclarecer: ela vai confirmar tudo. Onde está ela?

Chui Ta *sério* — Senhor Wang, o senhor diz que é amigo de minha prima... Minha prima já tem muita coisa com que se preocupar: ela tem sido horrivelmente explorada, por todos os lados. Não poderá, daqui para o futuro, dar-se ao luxo da mínima fraqueza. Eu estou certo de que o senhor não vai exigir que ela se perca de uma vez por todas, dizendo uma coisa por outra e falseando a verdade neste seu caso.

Wang *perplexo* — Mas foi a conselho dela que eu me queixei ao juiz...

Chui Ta — E o juiz iria curar sua mão?

Policial — Não, mas iria obrigar o barbeiro a pagar o prejuízo.
O senhor Chu Fu volta-se e presta atenção.

Chui Ta — Senhor Wang, eu tenho por princípio não tomar parte em questões com amigos meus.
Chui Ta faz uma curvatura diante do senhor Chu Fu, que também se inclina em resposta.

Wang *desfazendo-se da tipóia e entregando o xale de volta com tristeza* — Eu compreendo.

Policial — Então posso ir andando. Você escolheu a pessoa errada. Com essa impostura ia envolvendo um homem tão respeitável. Da próxima vez tenha mais cuidado antes de ir lá dar parte, seu malandro! E se o senhor Chu Fu não preferir ser generoso, em vez de justo, você ainda pode ir mofar na cadeia pelo crime de difamação. Vamos, depressa!
Saem Wang e o Policial.

Chui Ta — Peço desculpas pelo acontecido.

Chu Fu — Não há o que desculpar. *Interessado* — E essa história de "uma certa pessoa" — *aponta para o xale* —, está acabada, mesmo? Completamente?

Chui Ta — A tal pessoa já mostrou quem é. Naturalmente é preciso dar algum tempo para a ferida cicatrizar.

Chu Fu — A gente tem que ter muito cuidado, muito carinho...

Chui Ta — A ferida é recente.

Chu Fu — Ela devia ir para um lugar tranqüilo, no interior.

Chui Ta — Talvez, por umas semanas. Mas já se sentiria mais aliviada se tivesse alguém de confiança com quem pudesse conversar.

Chu Fu — No decorrer de uma ligeira ceia, num restaurante pequeno mas de boa reputação...

Chui Ta — E muito discretamente. Eu vou falar com minha prima, de uma vez: ela há de ser razoável. Está em grande aflição por causa desta loja, que para ela foi um presente dos Deuses. Me dê licença, por alguns minutos!
Sai pelos fundos da loja.

Senhora Chin *pondo a cabeça de fora* — Pode-se dar parabéns?

Chu Fu — Pode. E pode ir dizendo ainda hoje, Senhora Chin, aos protegidos da senhorita Chen Te, que eu tenho abrigo para todos eles, nos meus galpões atrás do matadouro.
Ela inclina a cabeça, com um riso irônico.

Chu Fu *de pé, ao público* — Que me dizem, senhoras e senhores? Pode-se fazer coisa melhor? Pode alguém ser mais abnegado, mais gentil, mais perspicaz? Uma pequena ceia! Quanta coisa ordinária e grosseira isso nos lembra, em geral! Mas nada disso vai acontecer: exatamente nada! Nenhum toque, nem daqueles que parecem casuais numa passagem do galheteiro! Só haverá lugar para uma troca de idéias: duas almas que se encontram por cima das flores da mesa, que por sinal vão ser crisântemos brancos. *Toma notas num caderninho.* Não se vai tirar proveito de uma situação infeliz, não se vai tirar vantagem de uma desilusão. Ajuda e compreensão vão ser oferecidas, mas quase sem palavras: isso talvez seja melhor entendido com um simples olhar, capaz de representar tanta coisa!

Senhora Chin — Então, tudo correu como esperava, senhor Chu Fu?

Chu Fu — Exatamente como eu esperava! É de se presumir que haja certas mudanças neste bairro. Um sujeitinho recebeu bilhete azul, e alguns falatórios a respeito desta loja vão terminar de uma vez por todas. Certas pessoas, que não têm vergonha de manchar a reputação da moça mais pura desta cidade, daqui por diante vão se haver comigo! E desse tal de Yang Sun, o que é que a senhora sabe?

Senhora Chin — É o mais vagabundo, o mais imundo...

Chun Fu — Ele não é coisa nenhuma: não existe, está me ouvindo, senhora Chin?
Entra Yang Sun.

Sun — Que é que está havendo aqui?

Senhora Chin — Senhor Chu Fu, quer que eu chame o senhor Chui Ta? Ele não vai permitir a permanência de estranhos aqui na loja.

Chu Fu — A senhorita Chen Te e o senhor Chui Ta estão tendo agora uma conversa muito importante, que não deve ser interrompida.

Sun — Como? Chen Te está aí? De que modo, se eu não a vi entrar? E que conversa assim tão importante é essa? Eu preciso saber!

Chu Fu *impedindo-o de passar para o depósito* — Tenha paciência, meu caro senhor! Eu acho que sei quem o senhor é... Para seu governo, a senhorita Chen Te e eu estamos nos preparando para anunciar nosso noivado.

Sun — Hein?

Senhora Chin — Com esta agora o senhor não contava, é ou não é?
Sun luta com Chu Fu, tentando abrir caminho para o depósito dos fundos, de onde aparece Chen Te.

Chu Fu — Chen Te, querida, queira desculpar! O senhor quer dizer alguma coisa?

Sun — Chen Te, que é isto? Ficou maluca?

CHEN TE *ofegante* — Meu primo e o senhor Chu Fu combinaram que eu seguiria as sugestões do senhor Chu Fu, quanto à melhor maneira de prestar ajuda às pessoas necessitadas do bairro. *Pausa.* Sun, meu primo é contra as relações entre mim e você.

SUN — E você está de acordo?

CHEN TE — Estou.
Pausa.

SUN — Foram dizer a você que eu não presto...
Chen Te fica em silêncio.

SUN — Talvez eu não preste, mesmo, Chen Te. E por isso eu preciso de você. Eu sou um sujeito à-toa, sem modos, sem dinheiro: mas vou me defendendo. O que eles estão querendo fazer, Chen Te, é a sua infelicidade! *Aproxima-se dela e fala em surdina* — Olhe bem para ele! Será que você não tem olhos? *Com a mão no ombro dela* — Pobre bichinho, o que é que vão fazer com você? Fazer você se casar por interesse? Se eu não estivesse aqui, já iam levar você para o matadouro! Diga: se não fosse eu, você não ia embora com ele?

CHEN TE — Ia.

SUN — Com outro homem, que você não ama?

CHEN TE — Ia.

SUN — E aquilo tudo, você já esqueceu? Como chovia?

CHEN TE — Não.

SUN — E você me afastou daquela árvore, comprou um copo d'água para mim e me prometeu dinheiro para eu voar outra vez...

CHEN TE *trêmula* — Que é que você quer mais?

SUN — Eu quero que você fique comigo.

CHEN TE — Senhor Chu Fu, me perdoe: eu quero ficar com Sun!

SUN — O senhor sabe: nós estamos nos amando! *Conduz Chen Te para a porta.* — Onde está a chave da loja? *Tira a chave do bolso de Chen Te, e entrega à Senhora Chin.* Ponha por baixo da porta, quando tiver terminado! Vamos, Chen Te!

CHU FU — É um seqüestro! *Grita para os fundos da loja* — Senhor Chui Ta!

SUN — Diga a esse homem para não gritar aqui...

CHEN TE — Senhor Chu Fu, não chame pelo meu primo: sei que ele não vai concordar comigo, mas sinto que neste caso não tem razão. *Ao público* —
Eu quero ir com aquele a quem amo:
Nem me interessa quanto vai custar,
Se é bom ou mau não quero perguntar,
Eu nem quero saber se ele me ama.
Vou com aquele a quem eu posso amar!

SUN — É isso aí!
Saem os dois.

ENTREATO

NA FRENTE DO PANO DE BOCA

Chen Te, vestida de noiva, a caminho do casamento, dirige-se ao público.

CHEN TE — Aconteceu uma coisa terrível. Eu ainda estava com o pé na porta, quando me apareceu, no meio da rua, aquela mulher idosa, casada com o tapeceiro, e me contou, tremendo, que o marido havia caído doente com o medo de não reaver o dinheiro que me emprestou; e ela me disse que, de qualquer modo, seria melhor eu devolver logo o dinheiro. E isso eu prometi, naturalmente. Ela então ficou toda comovida, começou a chorar, e me fez votos de felicidade, ainda pedindo perdão por não poder confiar em meu primo, e em Sun ainda menos. Eu precisei me sentar no degrau, quando ela se afastou, de tão chocada que fiquei comigo mesma. Numa explosão de ternura, eu me atirei de novo nos braços de Yang Sun: não pude resistir à conversa e aos carinhos dele. O mal — como diria Chui Ta — não serviu de lição para Chen Te. Caindo nos braços dele, eu ainda fiquei pensando: afinal, os Deuses hão de querer que eu seja boa para mim também.

Não fazer mal a si próprio nem a ninguém;
Encher de alegria a todos e a si também
— Eis o Bem!

Como é que eu fui me esquecer dos dois velhinhos tão bons? Yang Sun, igual a um furacão no rumo de Pequim, varreu a minha lojinha, e com ela os meus amigos. Mas ele não é mau e está me amando: quando eu estou perto dele, não faz maldade nenhuma. O que um homem diz a outro não significa nada: todos querem dar a impressão de grandes e poderosos, além de muito sabidos. Mas se eu disser a ele que os dois velhinhos estão sem dinheiro para pagar os impostos, ele vai compreender: vai preferir trabalhar na fábrica de cimento, a voar à custa de uma perversidade! Voar, enfim, é a paixão da vida dele... Terei eu forças bastantes para fazer despertar nele o bem? Agora mesmo, a caminho do casamento, eis-me suspensa entre o temor e a alegria!

Sai rapidamente.

6

NA SALA RESERVADA DE UM RESTAURANTE BARATO DE SUBÚRBIO

Um Garçom serve vinho aos convidados do casamento. De pé junto a Chen Te, o Avô, a Cunhada, a Sobrinha, a Senhora Chin e o Desempregado. Sozinho a um canto, um Bonzo, sacerdote budista. Na frente do grupo, Yang Sun, vestido de smoking, *fala com a mãe dele, a Senhora Yang.*

Sun — Veja que coisa desagradável, mamãe: com a maior ingenuidade deste mundo, ela acabou de me dizer que não pode vender a loja por minha causa. Alguém, que eu não sei quem é, está pedindo de volta aqueles duzentos dólares de prata, que emprestaram a ela e ela deu à senhora... Mas, desse empréstimo, o primo dela diz que não existe documento nenhum.

Senhora Yang — E que resposta você deu a ela? Naturalmente, assim você não se casa...

Sun — Não adianta conversar com ela sobre essas coisas: ela é cabeça-dura. Eu mandei procurar o primo dela.

Senhora Yang — E ele não quer que ela se case com o barbeiro?

Sun — Já dei um jeito nesse casamento: ela nem pensa mais no tal barbeiro. O primo vai perceber, num instante, que a loja está perdida se eu não devolver os duzentos dólares, pois aí os credores tomam conta; mas eu assim perco o meu emprego também, sem os trezentos que faltam.

Senhora Yang — Eu vou ficar em frente ao restaurante, a ver se o primo aparece. Agora, Sun, vá para junto da noiva!

Chen Te *ao público, enquanto é servido o vinho* — Eu não estava enganada com ele: não deu o mínimo sinal de decepção. Embora seja para ele um golpe rude desistir de voar, conservou-se perfeitamente calmo. Eu gosto muito dele. *Faz sinal, chamando Sun para perto dela* — Sun, com a noiva você ainda não brindou!

Sun — A que vamos brindar?

Chen Te — Ao futuro!

Bebem os dois.

Sun — Que, no futuro, o *smoking* do noivo não tenha mais de ser alugado!

Chen Te — E que o vestido da noiva às vezes apanhe chuva!

Sun — A tudo o que desejamos de bom!

Chen Te — E que se realize bem depressa!

Senhora Yang *de saída, à Senhora Chin* — Eu estou encantada com meu filho! Sempre meti na cabeça dele que poderia ter quantas quisesse, ainda mais sendo mecânico formado e aviador. E o que é que ele vem me dizer agora? "Mamãe, eu vou me casar por amor!" Dinheiro não é tudo: estamos num casamento de amor! *À Cunhada* — É uma coisa que às vezes acontece, é ou não é? Mas é duro: para uma mãe, é duro! *Ao Bonzo, num lembrete* — Não tenha pressa nenhuma! Se para realizar a cerimônia levar o mesmo tempo que levou para ajustar o preço, vai ser uma beleza! *A Chen Te* — Acho melhor esperarmos um pouco, minha querida: um dos mais importantes convidados ainda está por chegar. *A todos* — Com licença! *Sai.*

Sun — Damos licença com todo o prazer, enquanto houver vinho para beber.
Sentam-se todos.

Desempregado — Não temos nada a perder.

Sun *a Chen Te, em voz alta, brincando diante dos convidados* — E, antes das núpcias, ainda preciso submeter você a um pequenino exame... O que não chega a ser desnecessário, visto que o casamento veio tão depressa. *Aos convidados* — Eu não sei bem o que me deram por mulher, e isso me deixa meio preocupado... *A Chen Te* — Com três folhinhas de chá, por exemplo, você é capaz de servir cinco xícaras?

Chen Te — Não.

Sun — Acho que assim eu vou ficar sem chá... E você dorme em cima de um colchão do tamanho do livro que o sacerdote está lendo ali?

Chen Te — Eu e você?

Sun — Sozinha.

Chen Te — Sozinha, não.

Sun — Estou horrorizado com a mulher que me arranjaram.
Riem-se todos. À porta, atrás de Chen Te, aparece a Senhora Yang, dando a entender a Sun, com um gesto de ombro, que o conviva esperado não está ainda à vista.

Senhora Yang *ao Bonzo, que lhe mostra o relógio* — Não seja tão apressado: ainda pode esperar uns minutinhos. Veja essa gente toda aí bebendo, fumando, e ninguém tem pressa! *Senta-se junto aos convidados.*

Chen Te — Enquanto isso, nós já podíamos ir discutindo que jeito dar às coisas...

Senhora Yang — Ah, por favor: negócios, hoje? Não! Isso é capaz de estragar qualquer festa, é ou não é?
Ouve-se a sineta da entrada e todos se voltam para a porta; mas não entra ninguém.

Chen Te — Sun, que é que sua mãe está esperando?

Sun — É uma surpresa, para você. Por falar nisso, por onde anda seu primo Chui Ta? Eu me entendi muito bem com ele. É um homem muito vivo: é uma cabeça!... Por que você não fala?

Chen Te — Não sei; não quero pensar nele agora.

Sun — Mas por que não?

Chen Te — Porque você e ele não podem se entender: se você gosta de mim, dele não pode gostar.

Sun — Então, que os três diabos o carreguem: o Puxa-Bruma, o Fura-Tanque e o Rompe-Máquina! Agora beba, sua teimosa! *Força-a a beber.*

Cunhada *à Senhora Chin* — Há alguma coisa aqui que não vai bem...

Senhora Chin — O que é que estamos esperando?

Bonzo *dirige-se resoluto à Senhora Yang, de relógio em punho* — Senhora Yang, eu preciso ir embora: hoje ainda tenho mais um casamento e um enterro amanhã bem cedo.

Senhora Yang — Está pensando que este atraso todo agrada a mim também? Contávamos que um garrafão de vinho fosse bastante, mas veja só: já está quase no fim! *Em voz alta, a Chen Te* — Eu não estou entendendo, minha querida Chen Te, por que o seu primo faz-se esperar tanto!

Chen Te — Meu primo?

Senhora Yang — Claro, meu bem: é por ele que estamos aqui à espera! Eu sou antiquada o suficiente para achar que um parente tão próximo da noiva tenha que estar presente ao casamento...

Chen Te — Ah, Sun: por causa daqueles trezentos dólares?

Sun *sem olhar para ela* — Você ouviu bem o que ela falou. Ela é bastante antiquada, mas eu respeito. Nós esperamos uns quinze minutos mais, e, se ele não chegar, é porque os três diabos o levaram! Aí, nós começamos de qualquer maneira.

Senhora Yang — Vocês todos podem ficar sabendo que meu filho arranjou um bom emprego de aviador! Isso me alegra muito, porque hoje em dia é necessário ganhar bem.

Cunhada — É lá em Pequim, não é?

Senhora Yang — É em Pequim, mesmo.

Chen Te — Você tem de dizer à sua mãe, Sun, que não há nada a fazer em Pequim...

Sun — Seu primo é que vai dizer, se pensa igual a você. Aqui entre nós: eu não penso.

Chen Te *chocada* — Sun!

Sun — Como eu odeio esta Setsuan! Ah, que cidade! Sabe como eu vejo essa gente toda, fechando um pouco os olhos? Umas cavalgaduras! Levantam os pescoços, com espanto: o que é que passa trovejando lá por cima? Como, se a elas não falta mais nada? Por que, se a hora delas é chegada? Pois que se mordam, até à morte, na sua estrebaria! Não vejo a hora de ir para longe daqui!

Chen Te — Mas eu prometi aos velhos que devolvia o dinheiro...

Sun — Eu já sei disso: você já me disse. E por você ter feito essa bobagem, o melhor mesmo é que o seu primo venha. Beba o seu vinho, e deixe o negócio por nossa conta! Nós resolvemos isso.

Chen Te *assustada* — Mas o meu primo não vai poder vir!

Sun — Que quer dizer?

Chen Te — Ele não está mais na cidade.

Sun — E o que vai ser de nós para o futuro? Quer me dizer o que está pensando?

Chen Te — Estou pensando que estão com você os meus duzentos dólares de prata. Podemos devolvê-los amanhã, pegar de volta o fumo, que vale muito mais, e ir vendê-lo a varejo, em frente à fábrica de cimento, porque não temos mais com que pagar os seis primeiros meses de aluguel.

Sun — Tire isso da cabeça! Esqueça isso de uma vez, menina! Eu me plantar no meio de uma rua, para vender cigarro no varejo aos operários da fábrica de cimento? Yang Sun, o aviador? É mais fácil eu torrar esses duzentos dólares de prata, numa noite só! É mais fácil eu me afogar no rio! Seu primo me conhece: ele ficou de me trazer aqui, antes do casamento, trezentos dólares mais!

Chen Te — Meu primo não pode vir.

Sun — Ele não pode é deixar de vir, creio eu.

Chen Te — Onde eu estou, ele não pode estar.

Sun — Quanto mistério!

Chen Te — Sun, você tem de saber: ele não é seu amigo. Quem gosta mesmo de você sou eu. Meu primo Chui Ta não gosta de ninguém. É amigo meu, mas não dos meus amigos. Deixou que eu desse a você o dinheiro dos dois velhos, acreditando no emprego de aviador lá em Pequim. Mas não vai dar mais trezentos dólares para você se casar comigo!

Sun — E por que não?

Chen Te *fitando-o nos olhos* — Ele me disse que você comprou uma passagem só, para Pequim.

Sun — Isso foi ontem, mas olhe aqui o que eu tenho para mostrar a ele hoje! *Exibe duas metades de passagens, sem tirá-las do bolso de dentro do paletó.* A velha não precisa ver: são duas passagens para Pequim, uma para você e uma para mim. Ainda vai me dizer que o primo é contra o nosso casamento?

Chen Te — Não: seu emprego é bom e eu já não tenho mais a minha loja.

Sun — Por sua causa, eu vendi toda a mobília.

Chen Te — Não diga mais nada, agora! E não me mostre as passagens! Eu tenho medo de não resistir e acabar indo embora com você. Mas os trezentos dólares de prata eu não lhe posso dar, Sun: senão, o que vai ser daqueles dois velhinhos?

Sun — E o que vai ser de mim? *Pausa.* Beba mais um pouquinho! Ou você é do tipo prevenido? Não suporto mulheres prevenidas! Eu, quando bebo, é como se voasse: você, bebendo, talvez me entenda melhor.

Chen Te — Eu não preciso entender mais coisa nenhuma: voar é o que você quer, mas eu não posso ajudar.

Sun — "Aqui está um avião, meu bem-amado, mas só tem asa de um lado!"

Chen Te — Sun, não é honesto o que nós vamos fazer para arranjar esse emprego de Pequim. Quero de volta os duzentos dólares que lhe entreguei: me dê o dinheiro, Sun!

Sun — "Me dê o dinheiro, Sun!"... Sabe com quem está falando? É minha mulher ou não? Você assim está me traindo, sabe? Por sorte, tanto minha quanto sua, já não depende mais de você: está fechado o negócio!

Senhora Yang *glacial* — Sun, você tem certeza de que esse primo da noiva vem mesmo? Chega a dar a impressão de que ele deve ter alguma coisa contra este casamento e quer ficar fora.

Sun — Que idéia a sua, mamãe! Ele e eu somos como carne e unha. Vou deixar essa porta bem aberta, para ele nos ver logo, quando vier correndo ser padrinho do seu amigo Sun. *Vai até à porta e escancara-a com um pontapé. Volta, meio titubeante por ter já bebido muito, e senta-se ao lado de Chen Te.* Nós esperamos. Seu primo é mais ajuizado que você: o amor, diz ele com sabedoria, faz parte da existência. E, o que é mais importante, ele bem sabe o que representa, para você, ficar sem loja e ficar sem marido!

Põem-se todos à espera.

Senhora Yang — É agora!

Ouvem-se passos e todos olham para a porta; mas os passos se afastam.

Senhora Chin — Isto vai ser um escândalo: a gente pode sentir, a gente pode apalpar! A noiva espera pelo casamento e o noivo espera pelo primo dela!

Sun — O primo não tem pressa.

Chen Te *com doçura* — Oh, Sun!

Sun — Deixar a gente sentado aqui, com as passagens no bolso, e do lado de uma doida que nem fazer contas sabe! Um dia destes é até capaz de mandar a polícia à minha casa, buscar aqueles duzentos dólares!

Chen Te *ao público* — Ele é mau, e ainda quer que eu seja má também. E eu fico aqui, porque gosto dele, mas ele fica esperando meu primo. Toda essa gente magoada, eu sei que está do meu lado: uma velha com o marido doente, os pobres que esperam na minha porta pelo arroz que eu lhes dou, e em Pequim um homem desconhecido que se preocupa em não perder o emprego. E é toda essa gente que me dá forças, porque confia em mim.

Sun *olhando espantado para o garrafão de vinho, que já chegou ao fim* — Nosso relógio é este garrafão de vinho: nós somos pobres, e quando o vinho for todo bebido pelos convidados, estará tudo acabado!

A Senhora Yang faz-lhe sinal para ficar quieto, pois tornam a ouvir-se passos.

Garçom *entrando* — Vai querer mais um garrafão de vinho, Senhora Yang?

Senhora Yang — Não, acho que já chega: o vinho esquenta muito, é ou não é?

Senhora Chin — E dá muito no bolso!

Senhora Yang — Sempre que bebo, eu começo a suar...

Garçom — Já posso, então, pedir que pague a conta?

Senhora Yang *sem lhe dar ouvidos* — Peço aos presentes um pouquinho mais de paciência: já deve estar a caminho o parente que estamos esperando. *Ao Garçom* — Não atrapalhe a festa!

Garçom — Eu só não posso deixar que saia daqui sem pagar a conta.

Senhora Yang — Mas todo mundo aqui já me conhece!

Garçom — E muito bem!

Senhora Yang — É atrevida a criadagem hoje em dia! Sun, que me diz a respeito?

Bonzo — A todos, os meus respeitos! *Sai solenemente.*

Senhora Yang *em desespero* — Sentem-se calmamente em seus lugares! Dentro de alguns minutos, o sacerdote estará aqui de volta.

Sun — Deixe, mamãe! Minhas senhoras e meus senhores, agora, que o sacerdote saiu, não podemos pedir que fiquem por mais tempo...

Cunhada — Vamos andando, Avô!

Avô *esvaziando solenemente o seu copo* — À saúde da noiva!

Sobrinha *a Chen Te* — Não o interprete mal: ele fez isso por amizade, gosta muito de você.

Senhora Chin — Isto é o que eu chamo um verdadeiro fiasco!

Os convidados retiram-se todos.

Chen Te — Sun, não é bom eu também ir saindo?

Sun — Não, você fica esperando! *Puxa-a pelo véu de noiva, que fica todo enviesado.* Não é o seu casamento? Eu ainda espero, e minha velha também: ela quer ver o gavião dela nas nuvens, custe o que custar. Mas eu, francamente, já estou achando que só mesmo no dia de São Nunca ela vai poder chegar até à porta e ver o avião do filho trovejando por cima do telhado! *Falando para as cadeiras vazias, como se os convidados ainda estivessem ali* — Minhas senhoras e meus senhores, já não conversam mais? Não gostam do lugar? O casamento está um pouco atrasado, por causa de um parente importantíssimo que estamos esperando, e porque a noiva também não sabe ainda o que é o amor. Para entreter vocês, o noivo vai cantar uma canção! *Canta a "Canção do Dia de São Nunca".*

Algum dia,
Que as pessoas de origem humilde já sabem de ouvir falar,
Vai o pobre num trono de ouro reinar,
E esse dia o de São Nunca será:
  No dia de São Nunca, São Nunca, São Nunca,
  Ele num trono há de estar!

Nesse dia
A bondade terá recompensa e será castigado o mal,
E o proveito será de quem tiver direito
À fartura de pão e de sal:
No dia de São Nunca, São Nunca, São Nunca,
Hão de sobrar pão e sal!

O capim
Até perto do céu vai crescer e hão de as pedras n'água boiar,
Para um homem ser bom nada será preciso
E a Terra será um Paraíso:
No dia de São Nunca, São Nunca, São Nunca,
Isto será um Paraíso!

Nesse dia,
Aviador eu serei afinal e serás também general,
E um emprego hás de ter, e assim tua mulher
Poderá sossegada viver:
No dia de São Nunca, São Nunca, São Nunca,
Ela sossego há de ter!

E isso tudo,
Que também não podemos ficar uma vida inteira a esperar,
Há de viver, não às oito ou às nove da noite
Mas na hora em que o galo cantar:
No dia de São Nunca, São Nunca, São Nunca,
Assim que o galo cantar!

SENHORA YANG — Ele não vem mais!
Ficam sentados os três, dois deles olhando para a porta.

ENTREATO

NO ABRIGO NOTURNO DE WANG

Os Deuses aparecem de novo em sonho ao aguadeiro adormecido sobre um livro grosso. Música.

WANG — Santíssimos, que bom vós terdes vindo! Eu gostaria que me permitísseis fazer uma pergunta que vem me deixando muito inquieto. Entre as ruínas da cabana de um padre, que se mudou e foi ser ajudante na fábrica de cimento, achei um livro, e nele eu descobri uma passagem muito curiosa. Faço questão de lê-la para vós. Aqui está...
Wang folheia com a mão esquerda um livro imaginário, em cima do livro de verdade que tem no colo, e levanta o livro imaginário, a fim de ler nele, enquanto o verdadeiro continua fechado onde estava.

WANG — "Em Sung existe um lugar, chamado Espinheiral, onde crescem ciprestes, amoreiras e outras árvores. As árvores, que têm um a dois palmos de circunferência, são cortadas por pessoas que querem mourões para cercas; as árvores de três a quatro palmos são cortadas pelas nobres e ricas que buscam tábuas para caixões de defunto; as árvores de sete a oito palmos de circunferência são cortadas por aqueles que procuram vigas para as suas mansões de luxo... E assim nenhuma das árvores boas chega a viver em toda a plenitude, pois sempre têm seu destino cortado, ou pela serra ou pelo machado. Essa é a sina da utilidade."

TERCEIRO DEUS — Então o inútil seria o melhor?

WANG — Não o melhor, mas o de melhor sorte: quanto pior, mais afortunado!

PRIMEIRO DEUS — Escrevem cada coisa!

SEGUNDO DEUS — Por que se deixa impressionar tanto com uma história dessas, aguadeiro?

WANG — É só por causa de Chen Te, Santíssimos: não acertou com o homem que ela amava, por querer ser fiel ao Mandamento do amor ao próximo. Ela talvez seja boa demais para este mundo, Santíssimos!

PRIMEIRO DEUS — Tolice! Homem de pouca fé, parece até que os piolhos e as dúvidas já comeram você pela metade...

WANG — Com certeza, Santíssimos! Eu vos peço perdão! Só pensei que talvez ainda pudésseis fazer alguma coisa...

PRIMEIRO DEUS — Totalmente impossível! O nosso amigo aqui — *aponta para o Terceiro Deus, que está com um dos olhos arroxeado* —, ainda ontem mesmo, quis fazer qualquer coisa numa briga: veja só o resultado!

WANG — Mas Chen Te precisou chamar de novo o primo: ele tem uma habilidade extraordinária, eu digo por experiência própria, e no entanto não pôde fazer nada. A loja parece mesmo perdida.

TERCEIRO DEUS *inquieto* — Talvez devêssemos dar uma ajuda...

PRIMEIRO DEUS — Eu sou de opinião de que é a vez de ela ajudar a si mesma!

SEGUNDO DEUS *rigoroso* — Quanto piores as circunstâncias, melhor se prova ser uma alma boa. O sofrimento purifica!

PRIMEIRO DEUS — Depositamos nela a nossa esperança.

TERCEIRO DEUS — Nossa pesquisa não tem sido das melhores. Aqui e ali, nós encontramos bons propósitos, louváveis intenções, elevados princípios; mas nada disso faz uma alma boa. Se achamos uma ou outra, no caminho, faltava-lhes uma vida condigna. *Em confidência* — Quanto às pousadas, não podiam ser piores: pelos fiapos de palha que ainda trazemos nas roupas, você pode imaginar onde passamos as noites.

WANG — Será que não poderíeis ao menos uma vezinha...

OS DEUSES — Não, mesmo. — Somos só observadores. — Estamos firmemente convencidos de que a nossa alma boa há de saber achar o bom caminho neste mundo de trevas. — O próprio fardo há de aumentar as forças dela. — Não perca as esperanças, aguadeiro, e ainda há de ver que tudo se encaminha para um bom...

As imagens dos Deuses vão esmaecendo, as vozes deles vão sumindo, até que afinal desaparecem.

7

NA ÁREA DOS FUNDOS DA LOJA DE CHEN TE

Num carrinho, alguns utensílios domésticos. Chen Te e a Senhora Chin tiram da corda algumas roupas lavadas.

SENHORA CHIN — Eu não entendo como é que você não luta por sua loja com unhas e dentes...

CHEN TE — Como? Nem o aluguel posso pagar! E hoje ainda preciso devolver duzentos dólares de prata àquele casal de velhos; mas fui dar o dinheiro a outra pessoa, e agora tenho de vender meu fumo à senhora Mi Tsu.

SENHORA CHIN — Então é o fim de tudo! Sem marido, sem fumo e sem abrigo! É o que acontece, quando se quer ser melhor que os outros... E agora, você vai viver de quê?

CHEN TE — Não sei. Talvez possa ganhar alguma coisa na triagem de fumo...

SENHORA CHIN — Como é que veio parar aqui a calça do senhor Chui Ta? Só se ele saiu nu!

CHEN TE — Ele tinha outra calça.

SENHORA CHIN — Você mesma falou, se não me engano, que ele se foi de uma vez para sempre: por que iria deixar a calça aqui?

CHEN TE — Ele talvez não precise mais dela.

SENHORA CHIN — Não é melhor embrulhar?

CHEN TE — Não, pode deixar.
Entra afobado o senhor Chu Fu.

CHU FU — Não é preciso dizer nada: eu sei de tudo! Está sacrificando o seu amor para um casal de velhos, que acreditou em você, não ficar arruinado. Não é à toa que por todo o bairro, desconfiado e maledicente, você é chamada "o Anjo dos Subúrbios"... Não poderia o senhor seu noivo chegar aos seus pés nunca; e você o deixou. Agora vai também fechar a loja, esta pequena ilha onde se abrigam tantos necessitados! Mas com isso eu não posso concordar. Da porta da minha barbearia eu vi você, muitas manhãs seguidas, repartir seu arroz com uma porção de gente miserável, em frente à sua loja. E agora isso vai acabar assim? A bondade vai desaparecer? Ah, senhorita, se me permitisse dar uma ajuda em seu belo trabalho! Não, não me diga nada! Não quero a sua palavra, nem compromisso nenhum, se aceitar o meu auxílio... Eu deixo aqui — *tira do bolso um talão e assina um cheque, deixando-o em cima do carrinho* — um cheque em branco, assinado, para a senhorita sacar à vontade, qualquer quantia, e me retiro, conformado e quieto, sem nenhuma exigência, sem interesse algum e com todo o respeito.

Sai.

Senhora Chin *examinando o cheque* — Você está salva! Que sorte, a sua: acha sempre um otário. Agora, aproveite! Escreva aí: mil dólares de prata, que eu vou correndo buscar no Banco, antes que ele recupere o juízo.

Chen Te — Ponha o cesto de roupa no carrinho! A lavagem da roupa eu ainda posso pagar sem esse cheque.

Senhora Chin — Como? Não vai aceitar o cheque? Isso é um crime! Só por achar que, por causa disso, tem de casar com ele? Seria a mais rematada loucura! Ele é dos tais que se puxam pela argola do nariz: é uma volúpia que eles têm na vida! Ou você ainda quer alguma coisa com esse aviador, que toda a rua Amarela e o bairro inteiro já sabem o mau procedimento que teve com você?

Chen Te — Tudo por necessidade! *Ao público* —
De noite eu lhe vi as faces inflarem-se em pleno sono: eram cheias de maldade.
E de manhã fui olhar seu paletó contra a luz: vi a parede, do outro lado.
Vendo o seu riso matreiro, eu tinha medo; porém vendo os seus sapatos rotos... como eu lhe queria bem!

Senhora Chin — E ainda toma a defesa dele? Nunca vi semelhante maluqueira. *Irritada* — Quando você deixar o nosso bairro, vou sentir um alívio!

Chen Te *perdendo o equilíbrio, ao recolher a roupa* — Estou um pouco tonta.

Senhora Chin *toma-lhe a roupa das mãos* — Essas tonteiras são muito freqüentes, quando você se abaixa ou se levanta? Ah, se não é um neném que vem aí! *Rindo* — O aviador pegou você de jeito! Se for esse o caso, não há cheque que resolva! Por esta agora é que eu não esperava...

A Senhora Chin encaminha-se para o fundo, com um cesto. Chen Te, imóvel, olha-a afastar-se. Depois examina o próprio ventre, apalpando-o, e uma grande alegria lhe ilumina o semblante.

Chen Te — Ah!, que alegria! Um homenzinho crescendo em meu ventre! Ainda não se vê nada, mas ele já está presente! O mundo espera por ele, em segredo, mas um rumor já percorre as cidades: aí vem um com quem se pode contar... *Ela apresenta ao público o filho que traz no ventre* — É um aviador!
Dêem suas boas-vindas ao novo conquistador
De ínvias montanhas e de regiões sem nome,
Que vai sobrevoar ermos desertos
Levando cartas de homens a outros homens!

Chen Te põe-se a andar de um lado para outro, como se levasse o seu menino pela mão.

Chen Te — Venha, meu filho: venha ver o mundo! Isto aqui é uma árvore: faça uma curvatura, cumprimente a árvore! *Ela faz primeiro, dando o exemplo.* Assim: agora, vocês já se conhecem. Veja: lá vem o aguadeiro! É nosso amigo, pode dar a mão a ele: não tenha medo... "Por favor, um copinho de água fresca para o meu filho! O dia está tão quente!" *Faz o gesto de dar o copo ao menino.* Ah, o Policial! Vamos dar uma volta: e se nós fôssemos catar uma cerejas no jardim do senhor Fe Pung, que é rico? Com cuidado, para ninguém nos ver! Vamos, filhinho sem pai! Ah, você também gosta de cerejas? Bem devagar, meu filho, devagarinho! *Avança com cuidado, olhando em redor.* Por aí, não: aqui a folhagem nos esconde. Assim direto, também não: assim não se consegue nada! *Dá a impressão de opor resistência ao menino que a está puxando.* Nós precisamos ter muito cuidado. *De repente, ela cede.* Bem, se você faz questão de ir mesmo em linha reta e bem à vista... *Põe o menino no colo.* Assim, você já pode alcançar as cerejas? Ponha na boca, que é o melhor esconderijo. *Ela também come uma, que o menino lhe põe na boca.* Ah, que gostinho tão bom! Que diabo: a Polícia! Pernas, para que vos quero! *Fogem.* Agora estamos na rua, com muita calma, e devagar para não dar na vista! Como se nada houvesse acontecido... *Canta, passeando com a criança* —

Uma ameixa, sem razão,
Caiu sobre um pobretão:
Mas o pobre se apressou,
Mordeu a ameixa no vôo.

Entra o aguadeiro Wang, trazendo um menino pela mão, e olha para Chen Te com espanto.

Chen Te *após um pigarrear de Wang* — Wang! Bom-dia!

Wang — Então, Chen Te? Ouvi dizer que as coisas não lhe correm bem, e que vai precisar vender a loja para pagar umas dívidas. Mas este aqui é um menino que não tem casa: estava à toa, lá perto do matadouro. Parece que é do marceneiro Lin To, que perdeu a oficina há umas semanas e deu para beber. Os filhos dele andam com fome, por aí. Com este, o que é que a gente vai fazer?

Chen Te *toma de Wang o menino* — Venha comigo, homenzinho! *Ao público* —

Vocês, aí! Alguém lhes pede abrigo:
Um cidadão do futuro pede um pouco do presente!
Outro, que vocês conhecem, também pede em seu favor:
É amigo dele, o conquistador!

A Wang — Ele pode muito bem ficar num dos galpões do senhor Chu Fu, para onde eu com certeza também vou. Estou também esperando um filho: mas, por favor, não diga nada a ninguém, senão Yang Sun é capaz de saber, sem necessidade. Procure o senhor Lin To, lá pela cidade baixa, e diga a ele para vir aqui!

Wang — Muito obrigado, Chen Te! Eu sabia que você dava um jeito. *Ao Menino* — Você está vendo? Uma alma boa tem sempre solução. Eu vou correndo procurar seu pai. *Faz menção de sair.*

Chen Te — Wang, e como é que vai a sua mão? Agora me lembrei: eu queria servir de testemunha, em seu favor, mas aquele meu primo...

Wang — Não se preocupe com isso: já aprendi a passar sem a mão direita, está vendo? Eu já quase nem sinto falta dela. *Mostra a Chen Te como é capaz de manejar seu equipamento sem a mão direita.* Olhe: é assim que eu faço!

Chen Te — Mas não pode ficar com a mão dura assim! Leve o carrinho, venda tudo, e, com o dinheiro, procure um médico! Estou envergonhada de ter faltado ao que lhe havia prometido... E agora, o que é que você vai pensar de mim, por ter aceitado os galpões do barbeiro?

Wang — Nos galpões dele vão poder ficar os que não têm abrigo, e até você: isso é mais importante do que a minha mão! Agora eu vou buscar o marceneiro. *Sai.*

Chen Te *gritando atrás dele* — Mas fica combinado que depois você vai comigo ao médico!

A Senhora Chin está de volta e não cessa de fazer sinais aflitos.

Chen Te — Que foi?

Senhora Chin — Ficou maluca? Botar fora esse carrinho com as últimas coisas que lhe restam? Que tem você a ver com a mão do aguadeiro? Se o barbeiro souber, é até capaz de expulsar você do seu único abrigo. E nem me pagou ainda pela roupa que eu lavei!

Chen Te — Por que a senhora é tão má? *Ao público* —

Espezinhar o seu semelhante,
Não será fatigante? Em sua fronte
As veias incham com o esforço da cobiça.
A mão aberta com simplicidade
Dá e recebe com igual facilidade.

Ah, a alegria de dar! Ah, como é bom
Um sinal de amizade! Uma palavra boa
É como um fundo suspiro que voa!
Sai furiosa a Senhora Chin.

Chen Te *ao Menino* — Sente-se aí e espere, que seu pai já vem.
O Menino senta-se no chão. Entram no pátio o Velho e a Velha que estavam na loja de Chen Te no dia da inauguração: vêm arrastando pesados fardos.

Velha — Chen Te, você está sozinha?
Chen Te faz sinal afirmativo, e a Velha chama para dentro o Sobrinho, que também vem arrastando um fardo.

Velha — Onde está aquele seu primo?

Chen Te — Viajando.

Velha — E não volta?

Chen Te — Não: eu desisti da loja.

Velha — Nós já soubemos, e estamos aqui por isso: temos uns fardos de fumo em bruto, que uma pessoa estava nos devendo, e gostaríamos de pedir a você que os transportasse, com os seus presentes, para a sua nova casa. Ainda não temos um lugar onde possamos guardá-los, e assim na rua dariam muito na vista. Não creio que você nos vá negar um favor tão pequeno, depois de tantos aborrecimentos que nós tivemos na sua loja...

Chen Te — Esse é um favor que eu faço com o maior prazer.

Velho — E se alguém perguntar a quem pertencem, pode dizer que estes fardos são seus.

Chen Te — Quem haveria de perguntar?

Velha *olhando-a significativamente* — A polícia, por exemplo: está de prevenção contra nós e quer nos arruinar. Onde podemos colocar os fardos?

Chen Te — Não sei. Numa hora destas, eu não gostaria de fazer nada que me pudesse levar à prisão...

Velha — Você continua a mesma! Ainda vamos acabar perdendo uns miseráveis sacos de fumo, que são enfim tudo o que pudemos salvar do que nós tínhamos!
Chen Te continua teimosamente calada.

Velho — Pense bem: este fumo, para nós, bem poderia ser o ponto de partida de uma pequena indústria. Daí poderíamos prosperar...

Chen Te — Pois bem: vou guardar os fardos de vocês. Por ora, ficam nos fundos da loja.
Chen Te vai lá dentro, com o casal de Velhos e o Sobrinho. O Menino, vendo-os afastar-se, olha medrosamente em redor, e vai até à lata de lixo, remexendo nele e tirando coisas que se põe a comer. Reaparecem Chen Te e os três visitantes.

Velha — Você compreende: nós confiamos inteiramente em você!

Chen Te — Eu compreendo. *Dá com os olhos no Menino e fica estarrecida.*

Velho — Então, depois de amanhã, vamos procurar você lá nos galpões do senhor Chu Fu.

Chen Te — Agora, por favor, saiam depressa: eu não estou me sentindo bem! *Empurra-os para fora, e saem os três.* Está com fome e cisca na lata de lixo!
Põe no colo o Menino, e exprime numa fala o seu horror pelo destino das crianças pobres, mostrando ao público a boquinha suja. E toma a resolução de não deixar seu próprio filho exposto a semelhante falta de caridade.
Ó filho meu! Ó aviador! A que mundo
Vens chegar? Nalguma lata de lixo
Te deixarão ciscar assim também?
Olhai bem para essa boquinha imunda!
Exibe o Menino.
Como tratais os vossos semelhantes?
Misericórdia alguma pelo fruto

Do vosso ventre? Compaixão alguma
Por uma carne que é igual à vossa?
Meu filho, ao menos, eu defenderei,
Ainda que tenha de ser como a onça!
Desde o momento em que eu assisto a isso,
Fico longe de vós, e não descanso
Até ver a salvo o meu filho — ao menos ele!
O que aprendi na rua — minha escola
De artimanhas e lutas — vai agora
Servir a ti, meu filho, pois contigo
Hei de ser boa... mas uma onça brava
Para com todos os outros, se necessário!
E é necessário!

Sai Chen Te, para metamorfosear-se no primo Chui Ta.

Chen Te *saindo* — É necessário, mais uma vez: espero que seja a última. *Apanha a calça de Chui Ta, sob o olhar curioso da Senhora Chin, que reaparece com a Cunhada e o Avô.*

Cunhada — A loja fechada, os móveis no pátio: é o fim!

Senhora Chin — É no que dão a frivolidade, a sensualidade e o egoísmo! E sabem aonde leva tudo isso? É para baixo: para os galpões do senhor Chu Fu, vocês também!

Cunhada — Pois ela então vai ficar encantada! Nós só viemos para reclamar: umas tocas de ratos muito úmidas, com o assoalho podre! O barbeiro só deu aquilo à gente porque lá o sabão dele está mofando: "Tenho um lugarzinho para vocês. O que me dizem?"... Nós dizemos que é uma pouca-vergonha!

Entra o Desempregado.

Desempregado — Verdade que Chen Te vai se mudar?

Cunhada — É. Queria ir saindo às escondidas, sem a gente saber...

Senhora Chin — Envergonhada, porque perdeu tudo.

Desempregado *enfático* — Ela precisa chamar o primo. Digam a ela que chame o primo: só mesmo ele é capaz de fazer alguma coisa!

Cunhada — Lá isso é: muito sovina, o primo dela, mas pelo menos salva a loja da falência, depois ela se ajeita e nós também...

Desempregado — Eu não pensava em nós: pensava nela. Mas não há dúvida: por nós também, ela deve chamar o primo.

Entram Wang e o Carpinteiro Lin To com duas crianças pela mão.

Carpinteiro — Nunca terei como lhe agradecer: *Aos outros* — Agora vamos ter onde morar.

Senhora Chin — Onde?

Carpinteiro — Nos galpões do senhor Chu Fu! E quem provocou toda essa mudança foi o meu filho Feng. Ah, você está aí! "Alguém lhes pede abrigo"... deve ter dito a senhorita Chen Te, e tratou logo de nos arranjar pousada. Vamos, meninos, agradeçam ao seu irmão!

O Carpinteiro e dois de seus filhos curvam-se em cumprimento ao Menino.

Carpinteiro — Nossos agradecimentos a você, que nos arranjou abrigo!

Entra Chui Ta.

Chui Ta — Posso perguntar o que fazem aqui todos vocês?

Desempregado — O senhor Chui Ta!

Wang — Bom-dia, senhor Chui Ta! Eu não sabia que estava de volta. O Carpinteiro Lin To, o senhor já conhece: a senhorita Chen Te arranjou um cantinho para ele nos galpões do senhor Chu Fu.

Chui Ta — Os galpões do senhor Chu Fu não estão desocupados.

Carpinteiro — Então nós não podemos morar lá?

Chui Ta — Não. O local foi destinado a outras finalidades.

Cunhada — Quer dizer que o meu pessoal também precisa sair?

Chui Ta *encolhendo os ombros* — Pelo que eu sei da senhorita Chen Te, que precisou viajar, ela não tinha a intenção de deixar vocês na mão. Mas, daqui para o futuro, tudo se há de fazer em bases mais razoáveis. A distribuição de alimentos sem prestação de serviços será abolida: em vez disso, cada um terá de ganhar honestamente a própria subsistência. A senhorita Chen Te achou melhor dar emprego a todos vocês: os que estiverem dispostos a ir agora comigo aos galpões do senhor Chu Fu não terão nada a perder.

Cunhada — Quer dizer que nós todos vamos ter de trabalhar para a senhorita Chen Te?

Chui Ta — É isso mesmo. Vão trabalhar com o fumo. Lá nos fundos da loja estão três fardos de matéria-prima: vão lá buscá-los!

Cunhada — Não se esqueça de que nós também já tivemos nossa loja, temos fumo nosso e preferimos trabalhar por conta própria!

Chui Ta *ao Desempregado e ao Carpinteiro* — Vocês, que não têm fumo, não querem trabalhar para minha prima?
O Carpinteiro e o Desempregado encaminham-se desanimados para os fundos da loja. Entra a senhora Mi Tsu.

Mi Tsu — Então, senhor Chui Ta, o nosso negócio? Eu trouxe os trezentos dólares!

Chui Ta — Senhora Mi Tsu, eu resolvi não vender mais a loja e assinar o contrato de aluguel.

Mi Tsu — Como? Assim, de repente, não quer mais o dinheiro para o aviador?

Chui Ta — Não, senhora.

Mi Tsu — E tem com que pagar adiantado seis meses de aluguel?

Chui Ta *apanha no carrinho da mudança o cheque deixado pelo barbeiro Chu Fu, e o preenche* — A senhora tem aqui um cheque de dez mil dólares, assinado pelo senhor Chu Fu, que é muito amigo da minha prima. Pode verificar, senhora Mi Tsu! Antes das seis horas da tarde a senhora terá em suas mãos os duzentos do aluguel pelos próximos seis meses. E agora, senhora Mi Tsu, queira me dar licença de cuidar dos meus afazeres: hoje estou muito ocupado, e espero que a senhora me desculpe.

Mi Tsu — O que estou vendo é o senhor Chui Ta subir no rastro do aviador: dez mil dólares! A leviandade e a falta de juízo das mocinhas de hoje me deixam cada vez mais assombrada, senhor Chui Ta. *Sai.*
O Carpinteiro e o Desempregado voltam arrastando os fardos.

Carpinteiro — Não sei por que é que eu arrasto estes fardos para o senhor...

Chui Ta — Basta que eu saiba. Ali o seu filho dá mostras de um saudável apetite: ele tem de comer, senhor Lin To!

Cunhada *olhando os fardos* — Meu cunhado esteve aqui?

Chui Ta — Esteve.

Cunhada — Então é isto: eu conheço esses fardos, é o nosso fumo!

Chui Ta — É melhor não falar assim tão alto. Esse fumo aí é meu, e vocês todos viram muito bem que estava no meu depósito. Mas se a senhora tem alguma dúvida, podemos ir à polícia e deixar tudo bem claro. Quer?

Cunhada *contrafeita* — Não.

Chui Ta — Ao que me parece, vocês não têm fumo nenhum... E é possível que, nesse caso, aceitem a mão amiga que minha prima Chen Ten lhes estende. Agora, tenham a bondade de me ensinar o caminho para os galpões do senhor Chu Fu!
Tomando pela mão o filho caçula do Carpinteiro, Chui Ta sai, seguido pelo Carpinteiro com seus outros filhos, pela Cunhada, pelo Avô e pelo Desempregado. A Cunhada, o Carpinteiro e o Desempregado vão arrastando os fardos de fumo.

Wang — O primo é mau, Chen Te é que é boazinha!

Senhora Chin — Eu não sei, não... Tinha na corda uma calça que o primo dela está vestindo agora: isso talvez queira dizer alguma coisa, e eu preciso saber!
Entra o casal de Tapeceiros.

Tapeceiro — A senhorita Chen Te não está?

Senhora Chin *com frieza* — Foi viajar...

Tapeceira — É engraçado: ela ficou de nos trazer uma coisa...

Wang *contemplando dolorosamente a mão machucada* — Ela ficou de me ajudar, também: eu vou ficar com a mão paralítica. Naturalmente ela vai voltar logo. O primo dela nunca fica muito tempo.

Senhora Chin — Pois é, não é?

ENTREATO

NO ABRIGO NOTURNO DE WANG

Música. O aguadeiro, em sonho, comunica aos Deuses os seus temores. Os Deuses continuam em sua longa peregrinação; parecem fatigados. Por um rápido momento, detêm-se e voltam as cabeças para olharem o aguadeiro por cima dos ombros.

Wang — Antes que a vossa aparição me despertasse, Santíssimos, eu estava sonhando com minha querida irmãzinha Chen Te em grande aflição entre os juncos do rio, bem no lugar onde costumam ser encontrados os corpos dos suicidas. Ela oscilava estranhamente, com o pescoço curvado, como se estivesse arrastando alguma coisa mole e pesada que a fizesse afundar no lodo. Ao meu chamado, ela me respondeu que tinha de levar para a outra margem o fardo dos sagrados Mandamentos, e sem molhar, para não borrar as letras. A bem dizer, eu não vi nada sobre os ombros dela... Mas me lembrei, assustado, que vós falastes nas grandes virtudes, quando lhe agradecestes a acolhida que ela vos proporcionou, naquela noite em que vós estáveis procurando hospedagem. Com que vergonha eu me lembro disso! Tenho certeza de que vós compreendeis toda esta minha preocupação com ela.

Terceiro Deus — E o que é que você sugere?

Wang — Talvez uma pequena redução em vossos Mandamentos: uma pequena diminuição do peso dos vossos santos preceitos, em consideração aos tempos difíceis em que vivemos...

Terceiro Deus — Mas como, Wang? Dê-nos uma idéia!

Wang — Se, por exemplo, pedísseis "benevolência" em vez de "amor ao próximo"...

Terceiro Deus — Mas isso é ainda mais difícil, infeliz!

Wang — Ou "eqüidade" em lugar de "justiça"...

Terceiro Deus — Assim vai dar muito mais trabalho!

Wang — Ou pura e simples "decência" em vez de "honra"...

Terceiro Deus — Tudo isso representa muito mais, homem de pouca fé!
Fatigados afastam-se os Deuses.

8

NA FÁBRICA DE FUMO DE CHUI TA

Nos galpões do senhor Chu Fu, Chui Ta instalou uma pequena fábrica de fumo. Atrás de gradis, como em horríveis estrebarias, algumas famílias aparecem de cócoras, principalmente mulheres e crianças, entre elas a Cunhada, o Avô, o Carpinteiro e seus filhos. À frente de tudo isso, aparece a Senhora Yang, seguida por seu filho Sun.

Senhora Yang *ao público* — Eu tenho de contar a vocês como foi que meu filho Sun, graças à austeridade e à sabedoria do senhor

Chui Ta, que é estimado por todos, deixou de ser um degenerado para tornar-se uma pessoa útil. Como o bairro inteiro sabe, o senhor Chui Ta abriu, nas vizinhanças do matadouro, uma pequena fábrica de fumo, em rápido progresso. Há uns três meses eu me vi na contingência de ir procurá-lo, com meu filho. Depois de uma curta espera, ele me recebeu.

Da fábrica vem saindo Chui Ta, que se dirige à Senhora Yang.

Chui Ta — Em que lhe posso servir, Senhora Yang?

Senhora Yang — Senhor Chui Ta, eu só queria ter uma palavrinha com o senhor a respeito de meu filho. A polícia bateu em nossa casa, hoje de manhã, dizendo que o senhor tinha dado parte dele, em nome da senhorita Chen Te, por quebra de promessa de casamento e apropriação indébita de duzentos dólares de prata...

Chui Ta — Exatamente, Senhora Yang!

Senhora Yang — Senhor Chui Ta: pelo amor dos Deuses, não poderia dar a meu filho, mais uma vez, misericórdia em lugar de justiça? O dinheiro já foi todo embora: em dois dias ele acabou com tudo, quando viu por terra o plano de se empregar como aviador. Eu sei que ele é um tratante! Teve a coragem de vender nossa mobília, e já ia fugir para Pequim sem a velha mãe! *Chora.* Sua prima Chen Te gostava tanto dele!

Chui Ta — E o senhor, Yang Sun, que diz a isso?

Sun *esquivo* — Aquele dinheiro eu não tenho mais.

Chui Ta — Senhora Yang, levando em consideração a fraqueza que minha prima já demonstrou pelo seu filho, por motivos que aliás eu não entendo, estou disposto a dar a ele mais uma chance. Chen Te me disse que esperava um dia ver o filho da senhora inteiramente reabilitado pelo trabalho honesto... O que eu posso oferecer a ele é um emprego em minha fábrica: assim, aqueles duzentos dólares de prata poderão ir sendo aos poucos descontados do salário.

Sun — Isto é uma fábrica ou uma prisão?

Chui Ta — O senhor é quem sabe.

Sun — E com Chen Te, nunca mais vou poder falar?

Chui Ta — Não.

Sun — Em que lugar eu vou trabalhar?

Senhora Yang — Eu lhe agradeço mil vezes, senhor Chui Ta! O senhor é infinitamente bom, os Deuses lhe darão a recompensa. *A Sun* — Você se desviou do bom caminho; agora veja se, pelo trabalho honesto, volta a arranjar coragem para poder olhar sua mãe nos olhos!

Sun entra na fábrica com Chui Ta. A Senhora Yang vem de novo à ribalta.

Senhora Yang *ao público* — As primeiras semanas de fábrica não foram fáceis para Sun. O trabalho não lhe dizia nada. Ele tinha poucas oportunidades para mostrar o seu valor. Até que, na terceira semana, viu-se ajudado por um pequeno incidente, quando ele e o ex-carpinteiro Lin To foram chamados a remover alguns fardos de fumo.

Sun e o Carpinteiro vêm arrastando dois fardos cada um.

Carpinteiro *parando, a gemer, e deixando-se cair sobre um dos fardos* — Não agüento mais: já não tenho idade para um trabalho destes!

Sun *sentando-se também* — Por que você não pega esses fardos e joga na cara dele?

Carpinteiro — E a minha gente vai viver de quê? Com tudo isso, eu ainda tenho de empregar meus filhos, para que não nos falte o necessário. Se a senhorita Chen Te pudesse ver isto! Ela que era tão boa!

Sun — Não era das piores. Se as circunstâncias não fossem adversas, talvez um dia nós nos entendêssemos. Eu gostaria de saber onde ela está... Mas é melhor a gente ir continuando: a esta hora ele costuma aparecer.

Levantam-se os dois.

Sun *vendo chegar Chui Ta* — Me dê aqui um desses fardos, aleijado!
Sun apanha um dos fardos de Lin To e leva-o, com os seus.

Carpinteiro — Muito obrigado! Ah, se *ela* estivesse aqui agora, vendo você dar a mão a um velho, seria um grande ponto a seu favor: ah, se seria!
Entra Chui Ta.

Senhora Yang *ao público* — E com um simples olhar, naturalmente, o senhor Chui Ta viu logo o bom empregado que tinha, desses que não rejeitam trabalho. E entrou em cena.

Chui Ta — Esperem aí! Que história é essa? Por que é que você vai levando um fardo só?

Carpinteiro — Eu hoje estou me sentindo um pouco cansado, senhor Chui Ta, e Yang Sun quis ter a gentileza...

Chui Ta — Volte lá e pegue três sacos, meu caro! O que Yang Sun pode fazer, você também pode: é que Yang Sun tem boa vontade, e você não.

Senhora Yang *ao público, enquanto o Carpinteiro vai buscar mais dois fardos* — A Sun ele não disse uma palavra, naturalmente, mas ao senhor Chui Ta não escapava nada. E no sábado daquela semana, na hora do pagamento...
É colocada uma mesa e Chui Ta aproxima-se com uma sacola de dinheiro. De pé, lado a lado com o Gerente, que é o antigo Desempregado, ele vai pagando o pessoal. Sun chega em frente à mesa.

Gerente *ex-Desempregado* — Yang Sun, seis dólares de prata!

Sun — Queiram desculpar, mas só devem ser cinco: cinco dólares. *Apanha das mãos do Gerente a folha de pagamento.* Verifiquem, por favor: aqui estão, por engano, seis dias de trabalho, mas um dia eu precisei faltar para atender a intimação judicial... *Com dissimulação* — Não quero receber o que não me é devido, mesmo sendo tão baixo o meu salário!

Gerente — Pois então, cinco dólares de prata! *A Chui Ta* — Senhor Chui Ta, isto é difícil de acontecer...

Chui Ta — Como é que constam seis dias, se ele só trabalhou cinco?

Gerente — Devo ter cometido algum engano, senhor Chui Ta. *A Sun, com frieza* — Isto não vai acontecer mais!

Chui Ta *chamando Sun para um lado* — Ainda outro dia eu vi que você é um sujeito forte e que não nega à empresa a sua força. Hoje estou vendo que, além disso, é uma pessoa honesta. Costuma acontecer muitas vezes, isso de o Gerente enganar-se em prejuízo da firma?

Sun — Ele fez amizade com os operários e gosta de considerar-se um deles...

Chui Ta — Eu compreendo. Uma mão lava a outra: você quer uma gratificação?

Sun — Não, isso não. Mas talvez me agradasse poder mostrar que sou também uma pessoa inteligente. Tenho alguma instrução, o senhor sabe. E o Gerente controla bem a turma; mas, sem preparo, como ele é, não sabe compreender bem os interesses da empresa. Me dê uma semana de experiência, senhor Chui Ta, e eu creio que lhe poderei mostrar que, para a empresa, a minha inteligência vale mais do que a força dos meus músculos!

Senhora Yang *ao público* — Foram palavras bastante atrevidas, mas eu na véspera tinha dito ao meu filho: "Sun, afinal você é um aviador! Mostre que, mesmo no lugar onde está agora, você é capaz de galgar as alturas! Abra as asas e voe, meu gavião!". E com efeito, com instrução e com inteligência, quanta coisa de bom não se pode fazer? Sem elas, como pode alguém querer fazer parte da elite? E o resultado de tudo isso é que meu filho fez maravilhas na fábrica do senhor Chui Ta!
Sun, de pé, com as pernas entreabertas, aparece por trás dos operários, que vão fazendo passar por cima das cabeças um cesto com folhas de fumo em bruto.

SUN — Isso não é trabalho honesto, gente! O cesto precisa andar mais depressa! *A um dos Meninos* — Você pode sentar-se aí no chão, para não atrapalhar! E você, lá: mais força na prensagem! Seus cães vadios, por que é que nós pagamos a vocês? Mais depressa com o cesto! Mas que diabo: Vovô, sente-se num canto, fazendo só o trabalho das crianças! Chegou a hora de acabar com a preguiça! Eu quero todos dentro do compasso!

Sun vai batendo o compasso com as palmas das mãos e o cesto passa mais rapidamente.

SENHORA YANG *ao público* — E nenhuma das hostilidades, nenhuma das indiretas, por parte daquela gente ignorante, fez meu filho recuar no cumprimento do dever.

Um dos operários começa a cantar a "Canção dos Oito Elefantes", e os outros vão repetindo o estribilho:

Sete elefantes tinha o "seu" Chin,
E tinha também um oitavo a mais
Sete eram bravios e um domesticado
— esse oitavo, que bancava o capataz.
Depressa, trotando!
"Seu" Chin tem um pomar
Para hoje mesmo derrubar,
E a noite vai chegar!

Sete elefantes mourejando assim,
E o oitavo só pro "seu" Chin montar:
O oitavo, malandro e bajulador,
De olho nos sete, sempre a espiar.
Depressa, cavando!
"Seu" Chin tem um pomar
Para hoje mesmo derrubar,
E a noite vai chegar!

Sete elefantes, fartos por fim,
Não queriam mais o pomar tombar:
"Seu" Chin se zangou, sete maltratou
E um montão de arroz ao outro mandou dar.
Que quer dizer isso?
"Seu" Chin tem um pomar

Para hoje mesmo derrubar,
E a noite vai chegar!

Sete elefantes, já sem marfim...
Só o oitavo tinha dentes a mostrar
E, com valentia, nos outros batia
Enquanto o "seu" Chin se ria sem parar.
Depressa, cavando!
"Seu" Chin tem um pomar
Para hoje mesmo derrubar,
E a noite vai chegar!

Chui Ta, com andar displicente e fumando um charuto, vem à boca de cena. Yang Sun também cantou, dando risada, o estribilho da terceira estrofe, e na última apressou ainda mais o compasso com as palmas que batia.

SENHORA YANG *ao público* — Jamais saberíamos como agradecer suficientemente ao senhor Chui Ta: quase sem nenhuma interferência direta, mas com firmeza e sabedoria, ele fez vir à tona tudo quanto, no fundo, meu filho Sun podia ter de bom. E sem prometer nada extraordinário, como a tal prima que elogiam tanto: apenas obrigando-o a um trabalho honrado! Hoje, passados três meses, Sun está outra pessoa, e isso vocês hão de reconhecer! Como os antigos diziam: "A boa qualidade é como um sino: dá som quando se bate, mas, quando não se bate, não dá som".

9

NA TABACARIA DE CHEN TE

A loja foi transformada num escritório com poltronas de couro e belos tapetes. Chove. Chui Ta, mais gordo, despede-se do casal de velhos Tapeceiros. A Senhora Chin, achando graça, observa, com sua roupa visivelmente nova.

CHUI TA — Sinto muito não lhes poder dizer quando ela vai voltar.

Tapeceira — Nós recebemos hoje um envelope com os duzentos dólares de prata que emprestamos a ela, mas não trazia indicação do remetente. Só poderia ser de Chen Te, e gostaríamos de escrever para ela. Qual é o endereço?

Chui Ta — Infelizmente, isso eu também não sei.

Tapeceiro — Vamos embora!

Tapeceira — Ela vai ter de voltar mesmo, um dia...

Chui Ta faz uma curvatura. Os dois velhos saem, desconfiados e intranqüilos.

Senhora Chin — Eles recuperaram o dinheiro tarde demais, depois de já terem perdido a loja por não poderem pagar os impostos.

Chui Ta — Mas por que não vieram a mim?

Senhora Chin — É que ao senhor ninguém gosta de vir. Eles primeiro ficaram à espera de que Chen Te voltasse, porque não tinham nada por escrito. Na hora mais difícil o velho caiu com febre, e a velha passava dia e noite sentada à cabeceira do marido.

Chui Ta *sente-se mal e precisa sentar-se* — Minha tonteira, de novo!

Senhora Chin *ajudando com cuidado* — Está no sétimo mês! Não pode mais ter certas emoções. Deve dar-se por muito satisfeita de me ter a seu lado: ninguém pode passar sem uma ajudazinha! Mas eu vou ficar perto de você, até o último instante! *Ri.*

Chui Ta *com voz débil* — Posso contar com isso, Senhora Chin?

Senhora Chin — Claro que pode! Naturalmente isso vai lhe custar alguns trocados. Desabotoe essa gola: já vai sentir-se melhor!

Chui Ta *num lamento* — É tudo pela criança, Senhora Chin!

Senhora Chin — Tudo pela criança!

Chui Ta — Mas eu estou engordando demais: vai dar na vista.

Senhora Chin — Faça de conta que é a prosperidade...

Chui Ta — E a criança: que vamos fazer com ela?

Senhora Chin — Isso você pergunta três vezes por dia... A criança vai ficar numa creche, na melhor que existir, pois para isso é que serve o dinheiro!

Chui Ta — Pois é. *Angustiado* — E que ela nunca precise ver Chui Ta!

Senhora Chin — Nunca: só Chen Te, mesmo.

Chui Ta — E os mexericos do bairro? O aguadeiro que fala sem parar! Vivem rondando a loja!

Senhora Chin — Enquanto o senhor Chu Fu não souber, não há nada a temer. Agora beba um golezinho de água!
Entra Sun, muito bem trajado e com uma pasta de homem de negócios. Espanta-se ao ver Chui Ta nos braços da Senhora Chin.

Sun — Estou atrapalhando?

Chui Ta *levanta-se com dificuldade e encaminha-se cambaleando para a porta* — Até amanhã, Senhora Chin!
A Senhora Chin, calçando as luvas, sai rindo.

Sun — Luvas! Mas como? Por quê? Desde quando? Anda fazendo alguma negociata? *Chui Ta não responde.* Ou o senhor também seria dado a... momentos de fraqueza? É até engraçado! *Tira da pasta uma folha de papel.* Ultimamente, aliás, o senhor não tem se portado à altura: não é sua altura de antes, pelo menos! Indecisões, caprichos... Está doente? Os negócios ficam prejudicados. Veja: é mais um aviso da polícia dizendo que eles vão fechar a fábrica, que o máximo de operários que eles podem tolerar é o dobro do permitido por lei... O senhor tem de fazer qualquer coisa, senhor Chui Ta!
Chui Ta fixa em Sun por um momento um olhar distante. Depois vai ao depósito dos fundos e volta com um embrulho de papel: tira do embrulho um chapéu-coco novo e joga-o sobre a escrivaninha.

Chui Ta — A firma quer o seu relações-públicas vestido decentemente!

Sun — E o senhor comprou isso para mim?

Chui Ta *indiferente* — Experimente, para ver se serve!
Sun olha com espanto e põe o chapéu na cabeça. Chui Ta corrige a posição do chapéu.

Sun — Seu criado, obrigado! Mas não me tente driblar outra vez: o senhor hoje precisa acertar com o barbeiro o novo plano...

Chui Ta — As condições que esse barbeiro quer impor, eu não posso aceitar.

Sun — Se o senhor pelo menos me dissesse que condições são essas...

Chui Ta *esquivando-se* — Os galpões dele já nos servem muito bem.

Sun — É, servem muito bem para a gentalha que trabalha lá dentro, mas para o fumo mesmo não servem: cria bolor! Eu ainda vou falar mais uma vez com a senhora Mi Tsu, sobre os locais de que ela pode dispor, antes da nossa reunião! Se pudermos fazer o negócio, aí então vamos poder mandar às favas aquele nosso bando de mendigos, cretinos e aleijados: eles também já não nos servem mais! Com umas palmadinhas nos joelhos da senhora Mi Tsu, à beira de uma xícara de chá, os locais que ela tem vão nos custar a metade do preço.

Chui Ta *incisivo* — Nada disso! Eu quero que o senhor, no interesse do bom nome da firma, atenha-se à reserva funcional e à frieza de um homem de negócios!

Sun — Não sei por que o senhor se irrita tanto: será por causa dos mexericos do bairro?

Chui Ta — Não tenho tempo para mexericos.

Sun — Então deve ser outra vez a chuva: sempre que chove, o senhor fica irritadiço e melancólico. Eu gostaria de saber por quê!

Wang *voz de fora* —
Tenho água para vender,
Mas o céu não se comove:
Depois de eu tanto correr
Para ir buscar água... chove!
"Quem quer comprar água?" — eu grito
Em vão: ninguém quer comprar
Para, sedento e aflito,
Com ela se embriagar.

Sun — É esse maldito aguadeiro: vai começar de novo a cantilena!

Wang *voz de fora* — Então não há mais alma boa nesta cidade? Nem umazinha, ao menos, nesta praça onde morava Chen Te? Por onde andará aquela que, mesmo com toda a chuva, sempre comprava um copinho da minha água, meses a fio, com a alegria no coração? Onde estará ela, agora? Ninguém viu? Ninguém ouviu? Uma noite ela entrou por esta porta e nunca mais saiu!

Sun — Não é melhor eu fazê-lo calar o bico? Onde está ela: o que é que ele tem com isso? Eu desconfio, aliás, que o senhor só não diz para eu não ficar sabendo.

Wang *entrando* — Senhor Chui Ta, eu pergunto mais uma vez: quando é que Chen Te volta? Seis meses já se passaram, desde que ela viajou... *Chui Ta continua em silêncio.* Muita gente já anda até pensando se, nesse meio tempo, alguma coisa ruim não poderia acontecer com ela... *Chui Ta não sai do seu silêncio.* Senhor Chui Ta, já estão correndo no bairro uns boatos de que alguém deve ter feito mal a Chen Te. E nós, amigos dela, ficamos muito aflitos. Queira ter a gentileza de nos dar alguma informação sobre o paradeiro dela!

Chui Ta — É pena agora eu não dispor de tempo, senhor Wang: volte na próxima semana!

Wang *inquieto* — Acontece também que o arroz, que os necessitados sempre vinham buscar aqui, de uns tempos para cá voltou a amanhecer perto da porta.

Chui Ta — E daí?

Wang — Daí a gente chega à conclusão de que Chen Te não está viajando...

Chui Ta — E então? *Wang cala-se.* Então eu vou lhe dar minha resposta, e não se fala mais nisso: se o senhor gosta mesmo de Chen Te, pergunte o menos possível pelo paradeiro dela! É um conselho que eu dou.

Wang — Belo conselho, senhor Chui Ta! Pouco antes de desaparecer, Chen Te me disse que estava grávida!

Sun — Estava o quê?

Chui Ta *rápido* — Mentira!

Wang *muito sério, a Chui Ta* — Senhor Chui Ta, não pense que os amigos de Chen Te vão desistir de procurar por ela! Uma alma boa não se esquece tão depressa: elas não andam por aí sobrando.

Wang sai. Chui Ta olha-o estarrecido e encaminha-se rapidamente para o depósito nos fundos.

Sun *ao público* — Chen Te grávida! Isto é de enlouquecer! Então fui tapeado! Ela naturalmente disse ao primo, e esse patife com certeza não viu outra saída senão mandá-la embora: "Arrume as malas e desapareça, antes que o pai da criança chegue a desconfiar de alguma coisa!"... Mas isso é uma desumanidade, é um atentado contra a natureza! O filho é meu: é um Yang que vem despontando! E o que acontece? Dão o sumiço na mãe, e eu fico me esfalfando no trabalho! *Está no auge da fúria.* E, como prêmio de consolação, me vêm com um chapéu! *Sapateia em cima do chapéu novo.* Criminoso! Ladrão! Seqüestrador de bebês! E a moça praticamente indefesa! *Ouve-se um soluçar que vem do depósito, e Sun se põe a escutar.* Isso não foi soluço? De quem será? Parou, agora! Quem estaria soluçando no depósito? Não há de ser esse tratante do Chui Ta... Então, quem é que está lá soluçando? E todas as manhãs o arroz junto da porta, que significa? Será que a moça está aí, escondida pelo primo? A não ser ela, quem estaria chorando lá dentro? Seria uma mão na roda! Se estiver grávida, mesmo, preciso pôr a mão em cima dela, de qualquer jeito!

Chui Ta volta dos fundos da loja, vai até a porta e olha a chuva.

Sun — Então, onde é que ela está?

Chui Ta *levanta a mão e fica escutando* — Um momentinho! São nove horas em ponto, mas hoje não se consegue ouvir nada: a chuva está muito forte.

Sun *irônico* — E o que é que o senhor queria ouvir?

Chui Ta — O avião do correio.

Sun — Ora, não me faça rir!

Chui Ta — Uma vez me disseram que você gostaria de voar outra vez: já perdeu o interesse?

Sun — Eu não me queixo do meu emprego atual, se é o que quer saber. Também não morro de amores pelo trabalho noturno, pode estar certo, e o avião postal só voa à noite. Eu, por assim dizer, trago esta firma dentro do meu coração: enfim é a firma da minha ex-futura esposa, muito embora ela esteja viajando. É verdade que ela está viajando?

Chui Ta — Por que pergunta?

Sun — Talvez por eu não me sentir de todo alheio ao que se passa com ela...

Chui Ta — Isso podia interessar à minha prima.

Sun — Eu me preocupo com o que se passa com ela, em todo caso, o suficiente para não fechar os olhos se, por exemplo, ela se visse cerceada em sua liberdade...

Chui Ta — Cerceada por quem?

Sun — Pelo senhor!
Pausa.

Chui Ta — E, nesse caso, o que você faria?

Sun — Talvez, para começar, reivindicasse outra situação na firma.

Chui Ta — Ah, compreendo... E se a firma, ou seja, eu, lhe desse uma situação mais aceitável, poderia esperar que você não continuasse a procurar pela sua ex-futura esposa?

Sun — Talvez.

Chui Ta — E como é que você se imagina em sua nova posição na firma?

Sun — Dando as ordens. Penso, por exemplo, em pôr o senhor na rua!

Chui Ta — E se você fosse posto na rua, em vez de mim?

Sun — Aí é bem provável que eu voltasse, mas não sozinho.

Chui Ta — Com quem?

Sun — Com a polícia.

Chui Ta — Com a polícia... Vamos supor que a polícia venha e não ache ninguém aqui...

Sun — Naturalmente ela vai dar uma espiada no depósito, nos fundos da loja! Senhor Chui Ta, a saudade que eu tenho da soberana do meu coração está chegando a um ponto insuportável: eu sinto que é preciso fazer alguma coisa para poder tê-la de novo em meus braços! *Tranqüilamente* — Ela está grávida e precisa de alguém ao lado dela. Eu vou falar com o aguadeiro a este respeito. *Sai.*

Chui Ta impassível deixa-o ir. Em seguida, dirige-se rapidamente ao depósito dos fundos, de onde volta com todos os objetos de uso pessoal de Chen Te — vestidos, roupas íntimas, artigos de toucador. Olha

demoradamente o xale comprado por Chen Te aos velhos Tapeceiros. Depois enrola tudo numa trouxa só, e esconde-a sob a mesa ao ouvir barulho. Entram a senhora Mi Tsu e o senhor Chu Fu: cumprimentam Chui Ta e vão desembaraçar-se das capas e guarda-chuvas.

Mi Tsu — Chegou o outono, senhor Chui Ta!!

Chu Fu — É uma estação melancólica...

Mi Tsu — Onde é que está o seu relações-públicas encantador? É um sedutor temível! Mas esse é um lado dele que o senhor certamente desconhece. De qualquer modo, ele sabe combinar bem o encanto pessoal com as obrigações profissionais, e o senhor só tem a lucrar com isso!

Chui Ta *com uma curvatura* — Estejam à vontade, por favor!
Sentam-se todos e começam a fumar.

Chui Ta — Meus bons amigos, um incidente imprevisto, que pode ter conseqüências bem sérias, obriga-me a apressar os negócios que ultimamente venho encaminhando, tendo em vista o futuro desta empresa. A minha fábrica, senhor Chu Fu, está em dificuldades...

Chu Fu — Como sempre, aliás.

Chui Ta — Mas desta vez a polícia está querendo me fechar as portas, se eu não tiver um novo plano de trabalho a apresentar. Senhor Chu Fu, o que está agora em jogo são os únicos bens materiais de minha prima, por quem o senhor sempre demonstrou um profundo interesse.

Chu Fu — Senhor Chui Ta, é profundo também meu desprazer em conversar com o senhor sobre os seus planos intermináveis. Eu falo sobre a possibilidade de uma pequena ceia em companhia de sua prima, e o senhor encaixa as dificuldades financeiras da sua companhia de cigarros. Ponho à disposição de sua prima os meus galpões, para ela atender aos desabrigados, e lá o senhor instala a sua indústria. Entrego à sua prima um cheque em branco, e quem saca é o senhor. Sua prima afinal desaparece, e o senhor ainda quer mais cem mil dólares, com o pretexto de que meus galpões têm pouco espaço. E sua prima, senhor Chui Ta: onde está ela?

Chui Ta — Senhor Chu Fu, tenha calma! Uma coisa eu lhe posso dizer hoje: muito em breve ela estará aqui, de volta!

Chu Fu — Muito em breve? Mas quando?... "Muito em breve" é o que o senhor vem dizendo há meses!

Chui Ta — Eu não estava querendo que o senhor assinasse nada agora: apenas perguntei se ainda estaria interessado no meu plano, se minha prima estivesse de volta.

Chu Fu — Eu já disse mil vezes: com sua prima eu trato qualquer negócio, com o senhor nem quero mais falar! O senhor dá a impressão de querer sempre pôr empecilhos ao meu encontro com ela.

Chui Ta — Isso acabou.

Chu Fu — Quando é que posso falar com Chen Te?

Chui Ta *vagamente* — Dentro de uns três meses.

Chu Fu *amuado* — Então, dentro de uns três meses, pode contar com a minha assinatura.

Chui Ta — Mas é preciso ir preparando tudo...

Chu Fu — Então pode ir preparando tudo, senhor Chui Ta, se tem certeza de que desta vez sua prima vem mesmo!

Chui Ta — E a senhora Mi Tsu, já estará pronta a declarar à polícia que as suas oficinas estão à minha disposição?

Mi Tsu — Naturalmente, se me ceder o seu relações-públicas: essa é minha cláusula única, o senhor sabe! *A Chu Fu* — Esse moço nasceu para o negócio, e eu estou precisando de um bom administrador.

Chui Ta — Mas a senhora há de compreender que justamente agora não posso abrir mão do senhor Yang Sun, em meio a tantas dificuldades, e eu nestes últimos tempos com a saúde abalada! Eu sempre estive disposto a ceder, desde o começo, mas...

Mi Tsu — Tem sempre um "mas"!
Pausa.

Chui Ta — Pois muito bem: amanhã mesmo ele estará no seu escritório!

Chu Fu — Alegra-me que tenha tomado essa decisão, senhor Chui Ta. Se realmente a senhorita Chen Te voltar, a presença desse rapaz não será conveniente: como todos nós sabemos, ele já teve sobre ela, em certa época, uma influência bastante perniciosa!

Chui Ta *com uma curvatura* — Sem dúvida. Queiram desculpar a minha hesitação tão prolongada, e tão imprópria de um homem de negócios, quando se trata da minha prima Chen Te e do senhor Yang Sun: houve um tempo em que essas duas pessoas eram muito ligadas!

Mi Tsu — Por mim, está desculpado.

Chui Ta *olhando para a porta* — Meus amigos, é tempo de chegarmos a uma conclusão. Nesta mesma loja, outrora pequena e suja, onde os pobres do bairro vinham pechinchar o fumo da boa Chen Te, nós, os amigos dela, tomamos a resolução de promover a abertura de doze bonitas lojas, nas quais, daqui por diante, passará a ser vendido o bom fumo de Chen Te. Pelo que ouço dizer, hoje me chamam o Rei do Fumo de Setsuan... Mas foi de fato única e exclusivamente para o bem de minha prima que eu montei esse negócio: pertence a ela, aos filhos dela, e aos filhos dos filhos dela!
Chegam de fora rumores de multidão. Entram Sun, Wang e o Policial.

Policial — Senhor Chui Ta, para desagrado meu, circulam pelo bairro uns boatos que me forçam a tomar conhecimento de certa denúncia, feita aliás por gente da sua firma, de que o senhor estaria cerceando a liberdade da senhorita Chen Te, sua prima...

Chui Ta — Não é verdade.

Policial — O senhor Yang Sun, aqui presente, declarou ter ouvido, no depósito ao fundo do escritório, uns soluços que só podiam ser de pessoa do sexo feminino...

Mi Tsu — Isso é ridículo! O senhor Chu Fu e eu, dois cidadãos de respeito neste lugar, e de cuja palavra a polícia não pode duvidar, somos testemunhas de que ninguém soluçou aqui: nós estamos aqui tranqüilamente saboreando os nossos charutos!

Policial — Infelizmente eu tenho ordem de inspecionar o depósito... *Chui Ta abre a porta dos fundos e o Policial entra, fazendo uma curvatura ao transpor o umbral. Olha bem para dentro do aposento, depois volta-se e dá uma risada.*

Policial — De fato, aqui não há pessoa alguma...

Sun *que o acompanhou de perto* — Mas eu ouvi uma pessoa soluçar! *Dá com os olhos na mesa, sob a qual Chui Ta havia escondido a trouxa, e corre em direção a ela.* Isto, ainda há pouco, não estava aqui! *Abrindo a trouxa exibe as roupas e objetos de Chen Te.*

Wang — São coisas de Chen Te! *Corre à porta e grita para fora* — As roupas dela estavam escondidas!

Policial *apreendendo as roupas e objetos* — O senhor diz que sua prima saiu de viagem, e agora encontra-se embaixo de sua mesa uma trouxa com os pertences dela... Onde é que vamos encontrar a moça, senhor Chui Ta?

Chui Ta — Não tenho o endereço dela.

Policial — Pois é uma pena!

Gritos *da multidão, lá fora* — Descobriram as roupas de Chen Te! — O Rei do Fumo assassinou a moça e deu sumiço no corpo!

Policial — Senhor Chui Ta, sou obrigado a pedir ao senhor que me acompanhe até a Delegacia...

Chui Ta *fazendo uma curvatura de respeito à senhora Mi Tsu e ao senhor Chu Fu* — Queridos sócios, desculpem este pequenino escândalo! Mas ainda existe um Juiz em Setsuan, e eu estou certo de que tudo estará esclarecido em muito pouco tempo. *Chui Ta sai na frente do Policial.*

Wang — Foi cometido um crime pavoroso!

Sun *desconcertado* — Mas eu ouvi um soluço vindo dali!

ENTREATO

NO ABRIGO NOTURNO DE WANG

Música. Pela última vez os Deuses aparecem em sonho ao aguadeiro. Eles estão desfigurados, com evidentes sinais de longa peregrinação, profundo esgotamento e múltiplas experiências más: um deles traz o chapéu pendurado no pescoço, outro vem com uma armadilha de caça presa a uma das pernas, e os três estão descalços.

Wang — Santíssimos, enfim apareceis! Coisas horríveis têm acontecido lá na tabacaria de Chen Te! Ela foi viajar, mais uma vez, já faz três meses! O primo ficou com tudo na mão, até que hoje foi preso! Ele teria assassinado a moça, pelo que dizem, para ficar com a loja dela: mas nisso eu não acredito, porque num dos meus sonhos Chen Te me apareceu e me disse que estava presa pelo primo. Oh, meus Santíssimos Deuses, vós precisais voltar lá depressa e ver se a encontrais!

Primeiro Deus — É de espantar! Toda a nossa pesquisa fracassou. Nós encontramos pouquíssimas almas boas, e as que encontramos nunca tinham uma vida digna de um ser humano. Nós já tínhamos mesmo decidido depositar toda a nossa fé em Chen Te!

Segundo Deus — Ah, se ela pudesse continuar a ser uma alma boa!

Wang — Isso naturalmente ela ainda é, mas desapareceu!

Primeiro Deus — Então tudo está perdido...

Segundo Deus — Vamos com calma!

Primeiro Deus — Com calma? Se ela não for encontrada, nós vamos ter de nos demitir! Que mundo, este que nós encontramos: por toda parte a miséria, a mesquinharia e a decepção! Até a paisagem nos decepcionou: árvores ótimas decapitadas para servirem de postes, e por trás das montanhas nós sempre vimos nuvens de fumaça e ouvimos o trovejar dos canhões... E em parte alguma uma alma boa que resista!

Terceiro Deus — Ah, aguadeiro, até parece que foram funestos os nossos Mandamentos! Chego a temer que todos os nossos preceitos tenham de ser cancelados. As criaturas humanas já têm muito que fazer, só para irem agüentando a vida: com as boas intenções chegam à beira do abismo, e com as boas ações são jogadas dentro dele! *Aos dois outros Deuses* — O mundo é inabitável, vocês têm de admitir!

Primeiro Deus *veemente* — Não! É a raça humana que não presta!

Terceiro Deus — É porque o mundo é frio demais!

Segundo Deus — É porque os homens são fracos demais!

Primeiro Deus — Mais respeito, meus caros, mais respeito! Não temos por que nos desesperar: uma pessoa ao menos nós achamos que era boa e que não se tornou má, apenas está desaparecida. Vamos depressa descobrir onde ela está: uma é quanto nos basta! Nós mesmos não combinamos que tudo estaria bem se neste mundo conseguíssemos achar ao menos uma criatura humana capaz de resistir — uma que fosse?

Desaparecem os Deuses rapidamente.

10

NA SALA DO TRIBUNAL

Em grupos: o senhor Chu Fu e a senhora Mi Tsu; Sun e a Senhora Yang; Wang, o carpinteiro Lin To, o ex-Desempregado, a Cunhada, o Avô, a Sobrinha (agora jovem prostituta), os dois Tapeceiros; a Senhora Chin e o Policial.

Tapeceiro — Ele tem muita influência.

Wang — Está querendo abrir mais doze lojas.

Carpinteiro — Como é que o Juiz vai julgar direito, se os amigos dele, o barbeiro Chu Fu e a proprietária Mi Tsu, são também amigos do acusado?

Cunhada — Ontem à noite foi vista a Senhora Chin trazendo um ganso bem gordo, da casa do senhor Chui Ta para a cozinha do Juiz: a gordura escorria da vasilha!

Tapeceiro *a Wang* — Nunca mais hão de encontrar a nossa pobre Chen Te.

Wang — Só mesmo os Deuses poderiam mostrar onde está a verdade.

Policial — Silêncio! Instala-se a egrégia corte!

Entram, com togas de juízes, os três Deuses. Enquanto sobem ao estrado e tomam seus lugares, ouve-se o que eles cochicham.

Terceiro Deus — Vai dar na vista: nossos documentos estão muito mal falsificados...

Segundo Deus — E também pode dar o que falar essa indigestão do Juiz, tão de repente...

Senhora Chin — Esses Juízes são novos!

Wang — E muito bons!

O Terceiro Deus, que é o último a subir, ouve as palavras de Wang e volta-se para ele com um sorriso. Os Deuses sentam-se. O Primeiro bate na mesa com um malhete. Entra o Policial trazendo Chui Ta, que é recebido com vaias e assobios mas continua a manter sua atitude altiva.

Policial *a Chui Ta* — Prepare-se para uma surpresa: quem está aí não é o juiz Fu Yi Tcheng! Mas os novos juízes têm um ar muito brando.

Chui Ta olha para os Deuses e tem um desmaio.

Sobrinha — O Rei do Fumo desmaiou. Que foi que houve?

Cunhada — Ele viu que os Juízes eram outros!

Wang — Parece que são conhecidos dele! Não estou entendendo.

Primeiro Deus *abrindo a sessão* — É o grande negociante de fumo Chui Ta?

Chui Ta *muito débil* — Sou eu mesmo.

Primeiro Deus — Contra o senhor consta uma acusação de ter feito desaparecer a senhorita Chen Te, sua prima consangüínea, com o propósito de apropriar-se dos negócios dela, confiados à sua supervisão. Considera-se culpado?

Chui Ta — Não.

Primeiro Deus *folheando os autos do processo* — Vamos ouvir em primeiro lugar o Policial do bairro, sobre a reputação do réu e a reputação da vítima.

Policial *adianta-se* — A senhorita Chen Te era uma moça que gostava de agradar a todo mundo: viver e deixar viver, como se costuma dizer. O senhor Chui Ta, por sua vez, é um homem de bons princípios. A generosidade da senhorita poderia tê-lo obrigado a tomar medidas mais severas. Em todo caso, ao contrário da senhorita, ele sempre se manteve do lado da lei, Meritíssimos: uma vez ele desmascarou uma porção de gente a quem a prima dele abria as portas com inteira confiança e que era um bando de ladrões, e de outra feita ele impediu no momento decisivo que a senhorita Chen Te prestasse um falso testemunho. A meu ver, o senhor Chui Ta é um cidadão respeitável e respeitador das leis.

Primeiro Deus — Acham-se no recinto outras pessoas que desejam depor em favor do réu?

Adiantam-se o senhor Chu Fu e a senhora Mi Tsu.

Policial *cochichando aos Deuses* — Este é o senhor Chu Fu, um homem de muito prestígio!

Chu Fu — O senhor Chui Ta é um dos homens de negócio mais bem-vistos da cidade: é vice-presidente da Câmara de Comércio e candidato a juiz de paz no bairro onde reside.

Wang *interferindo* — Isso é o que diz o senhor, que tem negócios com o réu!

Policial *cochichando* — Esse sujeito aí não vale nada.

Mi Tsu — Como presidenta do Comitê de Beneficência, devo trazer ao conhecimento deste Tribunal que o senhor Chui Ta não só está em condições de proporcionar o melhor ambiente de trabalho aos operários da sua fábrica de fumo, como também favorece o nosso Lar dos Inválidos com freqüentes donativos.

Policial *cochichando* — Essa é a senhora Mi Tsu, amiga íntima do juiz Fu Yi Tcheng!

Primeiro Deus — Sim, mas agora queremos ouvir também alguém que se refira ao acusado com menos simpatia...

Adiantam-se Wang, o Carpinteiro, os velhos Tapeceiros, o Desempregado, a Cunhada e a Sobrinha.

Policial — É a escória do bairro.

Primeiro Deus — Agora, podem dizer tudo que sabem do senhor Chui Ta?

Todos ao Mesmo Tempo — Ele cavou a nossa ruína! — Fez chantagem comigo! — Forçou a gente a praticar o mal! — Sempre explorou os desamparados! — É um mentiroso! — É um impostor! — É um aproveitador! — É um assassino!

Primeiro Deus — E o réu tem alguma coisa a dizer?

Chui Ta — Meritíssimos, eu nada mais fiz do que zelar pela pura e simples sobrevivência de minha prima. Só apareci quando ela estava arriscada a ficar sem a lojinha. Depois eu tive de vir mais três vezes, não querendo ficar. Só fiquei mesmo da última vez, por força das circunstâncias. Todo este tempo, eu só tive muito trabalho e aborrecimento: a minha prima cada vez mais adorada, e eu com encargos cada vez mais espinhosos. Ainda por cima, todos me detestam!

CUNHADA — Detesto, sim! Agora, Meritíssimos, vejam o nosso caso! *A Chui Ta* — Sobre os fardos de fumo eu nem quero falar!

CHUI TA — Fale, sim! Por que não?

CUNHADA *aos Deuses* — Chen Te nos abrigou na casa dela e ele nos mandou prender!

CHUI TA — Depois dos bolos que vocês roubaram!

CUNHADA — Agora quer fingir que se importava com os bolos do padeiro, mas só queria ficar com a loja!

CHUI TA — A loja não era nenhum asilo, seus egoístas!

CUNHADA — Mas nós não tínhamos onde morar!

CHUI TA — Era gente demais!

WANG — E aqueles dois? *Aponta os Tapeceiros*. Também eram egoístas?

TAPECEIRO — Cedemos as nossas economias para Chen Te pagar a loja dela. Por que foi que o senhor nos fez perder a nossa?

CHUI TA — Foi porque minha prima queria ajudar um aviador a voltar a voar: eu precisava arranjar o dinheiro!

WANG — Sua prima talvez quisesse isso, mas o senhor só estava preocupado com um lugar lucrativo em Pequim: não achava a lojinha suficiente!

CHUI TA — Pagava um aluguel alto demais!

SENHORA CHIN — Isso eu posso confirmar.

CHUI TA — E minha prima não entendia patavina do negócio.

SENHORA CHIN — Isso, também; além de estar maluca pelo tal aviador.

CHUI TA — E ela não tinha o direito de amar?

WANG — Claro que tinha! Mas então por que foi que o senhor quis convencê-la a casar com um homem que ela não amava: esse barbeiro aí?

CHUI TA — O homem que ela amava era um malandro!

WANG — Não era aquele? *Aponta para Sun*.

SUN *erguendo-se de um salto* — E por ser um malandro foi que o senhor deu a ele um belo emprego na sua firma?

CHUI TA — Para você tomar jeito! Para você tomar jeito!

CUNHADA — E para fazer dele um capataz!

WANG — Depois que ele tomou jeito bastante, o senhor o vendeu para aquela ali? *Aponta a senhora Mi Tsu*. Ela andou espalhando isso aos quatro ventos.

CHUI TA — Ela só me alugava as oficinas se ficasse com ele a afagar-lhe os joelhos!

MI TSU — Isso é mentira! Nem fale mais nas minhas oficinas! Não tenho nada a ver com o senhor, seu assassino! *Sai resmungando, ofendida*.

SUN *resoluto* — Meritíssimos, eu tenho a dizer uma palavra em favor do acusado!

CUNHADA — Claro que tem: você é empregado dele...

DESEMPREGADO — É o capataz pior que já existiu! É um desnaturado!

Sun — Meritíssimos, o réu pode ter feito comigo tudo o que fez, mas não é um assassino: poucos minutos antes de o trazerem preso, eu escutei muito bem a voz de Chen Te, no depósito dos fundos da loja!

Primeiro Deus *ansioso* — Então ela está viva? Queira dizer exatamente o que escutou!

Sun *triunfante* — Escutei um soluço, Meritíssimos! Escutei um soluço de mulher!

Terceiro Deus — E como soube que era de Chen Te?

Sun — E eu poderia deixar de reconhecer o choro dela?

Chu Fu — É, você fez Chen Te chorar bastante!

Sun — Mesmo assim, ela era feliz comigo... Mas depois esse aí — *aponta Chui Ta* — preferiu entregá-la ao senhor!

Chui Ta *a Sun* — Porque você não gostava dela!

Wang — Não, mesmo: só gostava do dinheiro!

Chui Ta — Mas para que o dinheiro, Meritíssimos? *A Sun* — Você queria que ela se afastasse de todos os amigos, enquanto que o barbeiro punha à disposição de minha prima as propriedades e o dinheiro dele, para Chen Te poder continuar prestando ajuda aos necessitados. Para poder fazer o bem aos outros, era melhor ela casar com o barbeiro.

Wang — E por que o senhor não deixou sua prima fazer o bem, quando foi assinado aquele cheque em branco? Por que mandou os amigos de Chen Te para a fornalha da sua fábrica imunda, hein, Rei do Fumo?

Chui Ta — Eu fiz isso pensando na criança!

Carpinteiro — E as minhas crianças? Que foi que fez com as minhas crianças?

Chui Ta não responde.

Wang — Agora não diz nada! Os Deuses deram aquela loja a Chen Te para ser uma pequena fonte do bem: fazer o bem era o que ela queria, mas o senhor só vinha atrapalhar!

Chui Ta *fora de si* — Porque senão a fonte ia secar, seu imbecil!

Senhora Chin — Isso é verdade, Meritíssimos!

Wang — E de que serve uma fonte, se ninguém tira proveito?

Chui Ta — Muita bondade só leva à falência!

Wang *áspero* — E a maldade é que leva à boa vida, não é assim? Que foi que fez com Chen Te, seu malvado? As almas boas, Santíssimos, quantas são? Mas Chen Te era boa! Quando aquele dali — *aponta o barbeiro Chu Fu* — me arrebentou a mão, ela queria vir testemunhar em meu favor... Agora eu testemunho em favor dela: ela era boa, eu juro! *Ergue a mão para o juramento.*

Terceiro Deus — Que foi que houve com sua mão, aguadeiro? Está inteiriçada!

Wang *aponta Chui Ta* — A culpa é dele, a culpa é toda dele! Chen Te queria me dar dinheiro para ir ao médico, mas ele apareceu: era inimigo mortal de Chen Te!

Chui Ta — Eu era o único amigo dela!

Todos — Onde está ela?

Chui Ta — Viajando.

Wang — Onde?

Chui Ta — Isso eu não posso dizer!

Todos — Mas por que foi que ela teve de viajar?

Chui Ta *aos gritos* — Para não ser estraçalhada por vocês!
Faz-se de súbito um silêncio.

Chui Ta *afundando na cadeira* — Eu não agüento mais: quero esclarecer tudo! Se evacuarem a sala e eu puder ficar só com os Juízes, tenho uma coisa para confessar!

Todos — Vai confessar! Desta vez não escapa!

Primeiro Deus — Que seja evacuado o recinto! *Bate com o malhete na mesa.*
O Policial faz evacuar a sala.

Senhora Chin *sai rindo* — A turma vai ficar de boca aberta!

Chui Ta — Já saíram? Todos? Eu já não posso mais ficar calado... Santíssimos, eu vos reconheci!

Segundo Deus — E que fim deu à única alma boa de Setsuan?

Chui Ta — Deixai que eu vos revele a terrível verdade: a alma boa, de quem falais, sou eu!
Chui Ta retira a máscara e algumas peças de roupa: é Chen Te.

Segundo Deus — Chen Te!

Chen Te — Pois sou eu mesma: Chui Ta e Chen Te!
A vossa antiga recomendação
De ser boa e viver conforme o bem,
Me dividiu em duas, como um raio...
Eu nem sei como foi que aconteceu:
Ser boa para mim e para os outros,
Ao mesmo tempo, não era possível.
Era demais, servir a mim e aos outros.
Como é difícil este Vosso mundo!
A fome é tanta, é tanto o sofrimento!
A mão, que se quer estender a um pobre,
Ele tenta arrancar de uma vez só!
Quem procura ajudar a um desgraçado,

Acaba se desgraçando também!
Quem é que pode resistir assim
À tentação de ser também ruim,
Se, para não morrer,
A carne alheia se tem de comer?
E onde iria eu buscar o necessário?
Só podia contar comigo mesma!
Mas com isso eu estava me acabando:
O contrapeso da boa intenção
Ia fazendo eu me enterrar no chão!
Eu precisava bancar o patife
Para poder andar mais à vontade
E vez por outra mastigar um bife!
Alguma coisa deve estar errada
Em vosso mundo: por que é que o mal
É premiado e o bem não ganha nada,
Quando por sorte não é castigado?
Eu tinha tanta falta de carinho...
Mas também tinha um secreto saber:
Minha mãe adotiva me lavava
Na água do esgoto, e isso me abriu os olhos!
E, ainda assim, ver a miséria alheia
Às vezes me fazia sofrer tanto
Que eu virava uma loba enfurecida:
Sentia a boca inchar com um focinho.
E as melhores palavras que eu dizia
Me arranhavam por dentro como cinza...
Mas, apesar de tudo, eu gostaria
De ser um Anjo dos Subúrbios: era
Para mim um prazer fazer o bem.
Ao ver um rosto feliz, um sorriso,
Eu me sentia em pleno Paraíso!
Agora Vós podeis me condenar:
Se eu fiz o mal, foi só por ajudar
Meu semelhante e amar ao meu amante,
E por querer ver o meu filho a salvo
Da penúria... Para os sublimes planos
Vossos, ó Deuses, eu era somente
Um pequenino e pobre ser humano!

PRIMEIRO DEUS *com evidentes sinais de espanto* — Você não precisa dizer mais nada! Que havemos de pensar, nós que já estávamos tão satisfeitos por tornarmos a descobrir você?

CHEN TE — Mas uma coisa é preciso que eu diga: eu sou também aquela alma perversa de quem aqui tanto falaram mal!

PRIMEIRO DEUS — É aquela alma boa, de quem aqui tanto falaram bem!

CHEN TE — A má, também.

PRIMEIRO DEUS — Foi um mal-entendido: certas circunstâncias menos propícias, alguns vizinhos maldosos e um excesso de zelo...

SEGUNDO DEUS — Mas de que modo poderá continuar?

PRIMEIRO DEUS — Poderá muito bem: é uma pessoa forte e bem disposta, capaz de aturar muito!

SEGUNDO DEUS *com veemência* — Coisas confusas, muito confusas! E incríveis, absolutamente incríveis! Como é que nós vamos admitir que os nossos Mandamentos são funestos? *Obstinado* — Jamais! Então o mundo precisa ser reformado? Como? Por quem? Nada disso: está tudo em ordem!... E agora...
O Primeiro Deus dá umas batidas rápidas com o malhete na mesa: ouve-se música e começa a espalhar-se um clarão cor-de-rosa.

Vamos embora! Este pequeno mundo
Nos fascinou: com seus contentamentos
E tristezas, nos fez sentir contentes
Ou tristes. Lá do alto das estrelas
Sempre estaremos pensando em Chen Te,
Uma alma boa: alegres por você,
Cá embaixo, em meio ao frio e à escuridão,
Manter aceso o pequeno clarão
Do espírito divino. Adeus, com Deus!
A um novo sinal do Primeiro Deus, abre-se o teto, de onde baixa uma nuvem cor-de-rosa: nela os Deuses vão subindo muito lentamente.

CHEN TE — Ainda não, Santíssimos! Não Vos afasteis! Não me abandoneis! Como é que eu vou poder olhar nos olhos os dois velhinhos da tapeçaria que perderam a loja? E o aguadeiro com a mão quebrada? O que é que eu vou fazer com o barbeiro, a quem não amo, e com Sun, a quem amo? Minha barriga está muito pesada: meu filho vai nascer daqui a pouco e vai querer comer... Sozinha aqui, como é que eu vou fazer?
Chen Te olha apavorada para a porta, por onde irão entrar os seus verdugos.

PRIMEIRO DEUS — Você sabe: seja bem boazinha, e tudo lhe irá bem!
Entram as testemunhas do julgamento e assistem maravilhados à ascensão dos três Juízes sobre a nuvem cor-de-rosa.

WANG — Mostrai agora o vosso respeito! Os Deuses estiveram entre nós! Três das mais altas entidades divinas vieram a Setsuan, em busca de uma alma boa: chegaram a encontrar uma, porém...

PRIMEIRO DEUS — Não tem "porém": a alma boa está aí!

TODOS — Chen Te!

PRIMEIRO DEUS — Não está morta: estava só escondida. E agora vai ficar aí com vocês: uma alma boa!

CHEN TE — Mas eu não posso viver sem meu primo!

PRIMEIRO DEUS — Sempre, não!

CHEN TE — Uma vez por semana, pelo menos!

PRIMEIRO DEUS — Basta uma vez por mês!

CHEN TE — Oh, Santíssimos, não Vos afasteis! Eu ainda não cheguei a contar tudo! Eu necessito urgentemente de Vós!

OS TRÊS DEUSES *cantam* —
Pena não ficarmos mais
Do que um instante fugaz:

Muito visto e examinado,
Perde o encanto o belo achado!

Vossos corpos lançam sombras
No jato de luz dourada:
Deveis deixar-nos agora
Retornar ao nosso Nada!

CHEN TE — Me ajudem!

OS TRÊS DEUSES *cantando* —
Deixai-nos, esta busca terminada,
Partir com novo afã!
Louvada seja, seja louvada,
A alma boa de Setsuan!

Enquanto Chen Te, em desespero, estende os braços para eles, os Deuses desaparecem no alto, sorrindo e acenando em despedida.

EPÍLOGO

NA FRENTE DO PANO DE BOCA

Um dos atores vem à ribalta e apresenta ao público suas desculpas, à guisa de epílogo.

E agora, público amigo, não nos interprete mal:
Sabemos que este não foi um excelente final!
Nós fazíamos idéia de uma lenda cor de ouro
E ela, disfarçadamente, assumiu um tom de agouro.
Ficamos tristes também ao notar, por nosso lado,
Tanto problema em aberto e o pano de boca fechado.
Qualquer sugestão, portanto, acatamos com respeito:
Recolham-se às suas casas e disto tirem proveito!
Não poderíamos ter maior mágoa em confessar
O nosso próprio fracasso, se alguém não nos ajudar.
Talvez nada nos ocorra, agora, de puro medo:
Isso acontece! Entretanto, como encerrar este enredo?
Já batemos o bestunto e nada achamos no fundo:
Se fossem outros os homens, ou se outro fosse o mundo,
Ou se os Deuses fossem outros ou nenhum — como seria?

Nós é que ficamos mal, sem nenhuma fantasia!
Para esse horrível impasse, a solução no momento
Talvez fosse vocês mesmos darem trato ao pensamento
Até descobrir-se um jeito pelo qual pudesse a gente
Ajudar uma alma boa a acabar decentemente...
Prezado público, vamos: busque sem esmorecer!
Deve haver uma saída: precisa haver, tem de haver!

Dansen

Dansen
Escrita em 1939

Tradução: Marcos Renaux e Christine Roehrig

No palco, três fachadas de casas. Numa delas há uma tabacaria com a inscrição "Tráfico de Tabaco Austríaco". Noutra, uma loja de sapatos com a inscrição "Loja de Sapatos Tcheca". A última não tem loja, mas na janela há uma placa: "Presunto Fresco". Ao lado da última há um portão. Nele está escrito "Depósito de Ferro Svensson".

1

O pequeno senhor Dansen está sentado junto ao portão, segurando um porco debaixo do braço; à frente dele um barril.

DANSEN *para o público* — Sou um homem pequeno, respeitado, bem situado e com uma vida independente. Convivo com os meus vizinhos na melhor das harmonias. Qualquer diferença entre nós é eliminada de maneira pacífica por uma associação em que quase todos nós participamos. Regulamentamos tudo com contratos. Até agora funcionou tudo muito bem. Tenho a minha liberdade e meus contatos comerciais, tenho meus amigos e meus clientes, os meus princípios e a minha criação de porcos. *Começa a escovar seu porco dentro do barril.* Pronto, meu pequeno, agora vamos ficar bem quietinhos e lavar as orelhas rosadas para estarmos limpinhos e bonitos, saudáveis, simpáticos e apetitosos quando os clientes chegarem. E se a gente se comportar e comer direitinho, vamos ser algo decente na vida e o cliente vai dizer: mas que leitãozinho lindo! Pois o que é que você quer? O que é que o seu coraçãozinho mais quer? Você quer é ser vendido. Ah, você é esperto. Basta você ter a mínima impressão de que eu não esteja pensando em você, que por um momento eu tenha esquecido o desejo do seu coração, que você logo solta um grunhido alto e me faz lembrar. É só passar alguém que tenha a mínima aparência de não ter comido, e você já grunhe. E aí eu mesmo posso, tranqüilamente...

O porco grunhe.

DANSEN *olha ao redor, alegre* — O que foi? O que foi? Vem vindo alguém? Um cliente por perto?

Olhando timidamente ao redor, chapéu afundado na cabeça, um homem armado aproxima-se sorrateiramente da tabacaria. Pára *diante da porta fechada da loja e tira um molho de gazuas do bolso. Experimenta uma por uma e de vez em quando sorri para Dansen, cujos cabelos começam a arrepiar-se. Até que o arrombador perde a paciência e entra pela janela, uma pistola grande na mão. Imediatamente ouvem-se barulhos terríveis vindos da casa: uma cadeira caindo, gritos altos de socorro. Dansen levanta-se, horrorizado. Corre atordoado de um lado para o outro, o porco debaixo do braço. Em seguida voa para o telefone.*

Dansen — Svensson! Svensson! O que será que eu devo fazer? Estão pedindo socorro na tabacaria aí da frente. Um sujeito estranho arrombou a loja bem debaixo do meu nariz. — O quê, você está ouvindo os gritos daí? — É claro que eu não posso entrar, não tenho nenhum direito de invadir a casa dos outros. Mas o que é que eu vou fazer quando ele sair? Estou tremendo no corpo todo, de tanta revolta. — Pode ter certeza que eu vou dizer na cara dele o que eu penso. Você conhece a minha divisa, não, não divisas, divisa, escute — *depois de ter olhado cuidadosamente para os lados, canta abafado no telefone* —

Qualquer país ou reinado
Por onde um Dansen passar
Lutará abertamente
Pelo que acreditar.

Em resumo, vou esfregar a minha repulsa na cara dele. Como eu já disse, estou tremendo de revolta.

Emudecem os gritos de socorro.
De repente um grito, um tiro de pistola e uma queda pesada.

Dansen — Vou desligar. Preciso sentar. Acho que fiquei com os cabelos brancos.

Sombrio, com o porco debaixo do braço, senta-se diante de sua casa. O Estranho sai da tabacaria e, com um giz, risca apressado o nome "Austríaco" e escreve em cima "Mercador do Oriente e Cia.". Em seguida vai até Dansen.

O Estranho — Por que é que o senhor está tão pálido?

Dansen — Isso eu vou lhe dizer, bom homem: estou pálido de excitação interior.

O Estranho — O senhor deveria seguir o exemplo do seu belo porquinho. Ele é cor-de-rosa e continua cor-de-rosa.

Dansen — Mas porco não é gente. Estou humanamente revoltado e o senhor também sabe por quê.

O Estranho — Mas que belo leitãozinho!

Dansen *apontando acusador para a tabacaria* — O que... aconteceu... lá... dentro?

O Estranho — O senhor quer saber mesmo?

Dansen — É claro que eu quero saber! O que acontece com o próximo...
O porco grunhe pela segunda vez.

Dansen — O que foi? O que foi?

O Estranho — O senhor não quer saber, não é?

Dansen *para o porco* — Mas o homem... *Aponta o outro lado.*

O Estranho — O senhor conhecia aquele homem?

Dansen — Eu? Não, sim, desculpe. Estou completamente confuso. *Repreensivo* — Éramos da mesma associação.

O Estranho — E o que vocês faziam lá ? Vender porcos, é?

Dansen *irritado* — Jogar cartas. O jogo do não-se-meta.

O Estranho — Não posso me dar ao luxo. Muito caro.

Dansen — É só uma vez por semana. Sábados. *Aponta o outro lado.* Ele também joga.

O Estranho *hesitante* — Não acredito que ele ainda venha.

Dansen *indignado* — O senhor quer proibi-lo? Isso seria o cúmulo. Francamente. O Austríaco é um homem livre.

O Estranho — A esse ninguém proíbe mais nada. *Ri sem graça.*

Dansen *horrorizado* — O que o senhor quer dizer com isso?

O Estranho — O senhor quer saber mesmo?

Dansen — Eu? Sim, não. Eu nem sei mais onde estou com a cabeça. O senhor fica aí parado na minha frente falando, como se... E há pouco eu vi com os meus próprios olhos... é claro que eu quero saber! De qualquer...
O porco debaixo do braço grunhe pela terceira vez. E tão amedrontado que parece estar sendo terrivelmente maltratado.

Dansen *termina em voz baixa* — ... maneira.
Agora está inseguro e não ousa mais encarar o Estranho, que agrada o porco.

Dansen — Eu não entendo mais esse mundo. Sou um homem que ama a paz, abomina qualquer violência e cumpre os contratos. Tenho relações comerciais e a minha liberdade, alguns clientes e alguns amigos, minha criação de porcos e meu... *Como que de espírito ausente* — O senhor quer comprar um porco?

Estranho *perplexo* — Como é que é?

Dansen — Um porco? Alguns porcos? Faço barato para o senhor. Eu tenho tantos. Tenho demais. Eles estão saindo pelo ladrão.

Estranho — Dê um aqui.

Dansen *veemente* — O senhor tem certeza que não quer dois?

O Estranho — Um.

Dansen — Mas, e o que é que eu faço com o resto? Eles dão mais que chuchu na serra. Toda noite eu afogo uma meia dúzia no estrume e de manhã já tem uma dúzia de novo. *Deixa o Estranho olhar o chiqueiro* — Está vendo? Já tem catorze de novo.

O Estranho — Um.

Dansen — Olhe bem para eles. Não são saudáveis, simpáticos e apetitosos? O senhor não fica com água na boca?

O Estranho *que está com água na boca; com esforço* — São um luxo.

Dansen — Como é que o senhor pode dizer uma coisa dessas, se eles são totalmente comestíveis? Até as orelhas. Até os dedões. Dedões de porco assado.

O Estranho — Um luxo.

Dansen *preocupado, para o seu porco* — Você, um luxo?
Desiludido, para o Estranho — Então vamos levar só dois, não é?

O Estranho *em voz alta* — Um. Eu não gasto dinheiro com luxo.

Dansen — Mas o senhor também compra ferro. Compra ferro do meu amigo Svensson, tanto quanto ele puder fornecer.

O Estranho — Ferro não é luxo. Ferro é necessidade vital.

Dansen *com as mãos trêmulas, entrega-lhe o porco* — Estou com os nervos em frangalhos. Essa coisa horrível que aconteceu há pouco...
Enxuga o suor da nuca com um paninho vermelho.

O Estranho — Que pano vermelho é esse aí?

Dansen — Este aqui?

O Estranho *ríspido* — É, esse daí. *Coloca o porco de volta no barril.*

Dansen *veemente* — Isto não é um pano vermelho. Tem uma cruz branca aqui dentro, está vendo?
Ele mostra.

O Estranho — Está certo. *Joga dinheiro para Dansen.*

Dansen — Eu vou embrulhar para o senhor.

O Estranho — Tome o papel. Senão o senhor ainda vai me cobrar o embrulho. *Tira uma folha grande de papel do bolso e a entrega a Dansen.*

Dansen *alisando a folha* — Mas isto é um contrato!

O Estranho — Que contrato?

Dansen — Acho que é com o seu Austríaco. Aqui consta contrato de amizade. Não vai precisar mais dele?

O Estranho — Não. Do que me serve um contrato de amizade com um homem morto?
Toma o papel e rasga-o.

Dansen *prestes a desmaiar* — Pegue logo o porco que eu estou passando mal.
O Estranho toma o porco de suas mãos. Dansen cobre a cabeça com seu pano.

O Estranho *vê a cruz, aborrecido* — Guarde essa cruz! *Dansen guarda o pano no bolso.*

O Estranho — Vou levar o porco sem embrulhar. Talvez eu já corte um pedaço no caminho. *Coloca-o debaixo do braço. Mas antes de partir observa a loja de sapatos.* Uma bela propriedade essa loja aí.

Dansen — É sim, muito bonita.

O Estranho — Bem espaçosa. Sua casa também não é de se jogar fora.

Dansen *ausente* — Não é?

O Estranho *olha a casa, distraído* — Então até logo! *Sai.*

Dansen *enxugando a testa, nervoso* — Até logo!... E na minha revolta acabei vendendo um porco para ele. E aquele Austríaco simpático e pacífico ele simplesmente... Monstro maldito! *Olhando assustado à sua volta, vai até o canto entre a sua casa e o depósito, e xinga* — Barbárie! Desumanidade! Infâmia insuportável! E como ele lida com contratos!

2

Dansen está sentado diante de sua casa, um porco no colo.

Dansen — Sou um homem respeitado, mas pequeno. Sinto que nem tudo está indo muito bem. Os terríveis acontecimentos dos últimos tempos me abalaram bastante. Contratos são ótimos, mas se não são cumpridos religiosamente... Eu e os meus dois amigos lá de cima até já chegamos a brincar com a idéia de armamentos. Não somos totalmente indefesos. Fornecedores como o meu amigo Svensson existem poucos. Bem aí nesse depósito — *aponta o depósito de Svensson* — temos um belo monte de ferro empilhado. Se fundíssemos armas com ele... Seria pura loucura, enfiar a cabeça na areia. Por outro lado esses acontecimentos terríveis não podem se repetir. O fulano não vai poder fazer uma coisa dessas duas vezes.
Olhando timidamente ao redor, chapéu afundado na cabeça, o Estranho aproxima-se, sorrateiramente, da loja de sapatos. Pára diante da porta fechada da loja e tira um molho de gazuas do bolso. Experimenta uma por uma e de vez em quando sorri, balançando a cabeça, para Dansen, cujos cabelos começam a se arrepiar. Finalmente o estranho perde a paciência e entra pela janela, uma pistola grande na mão. Imediatamente ouvem-se barulhos terríveis vindos da casa: uma cadeira caindo, gritos altos de socorro.

Dansen — Pela segunda vez! É horrível. E olha que a mulher tinha um contrato de garantia. A ganância dele é doentia mesmo. O que ele vê, ele quer. E a minha casa aí! Ele já falou que ela não é de se jogar fora. Eu tenho que tomar imediatamente a mais enérgica das atitudes. Não posso chamar a atenção dele de maneira nenhuma. Eu preciso sumir da frente dele. Mas como fazer com que ele não me veja? O barril!
O porco debaixo do braço, cobre-se com o barril onde costuma lavar os porcos. O Estranho sai da loja de sapatos. Com um giz risca, apressado, o nome Tcheca e, sobre ele, escreve "Bemm & Mahrer Ltda.".

Nesse momento ouve-se o porco de Dansen grunhir de dentro do barril.

Voz de Dansen — O que foi? O que foi? Vem vindo alguém? Um cliente por perto?

Cauteloso, olha para fora, vê o Estranho escrevendo e volta a encolher-se rapidamente no barril.

O Estranho vem para a frente, puxa uma folha de papel do bolso e rasga-a. O papel picado voa sobre o chão.

O Estranho — Ué, cadê o sujeito da criação de porcos? Vai ver que foi encher a cara de novo. É uma boa oportunidade de dar uma fuçadinha no depósito de ferro-gusa do Svensson.

Olha ao redor, vai até o portão. De costas para ele, experimenta a maçaneta. Mas a porta está trancada.

De repente o telefone de Dansen toca. Dansen continua imóvel. Como não pára de tocar, é forçado a ir até o telefone. Levanta-se com o máximo de cuidado e, ainda com o barril sobre o corpo, vai até ele. O Estranho olha espantado para o barril ambulante.

O Estranho *rápido* — Não dá nem um pouco na vista! *Dansen, debaixo do barril, não vê o Estranho. Se este não saísse do caminho, dando um sorrisinho amarelo, seria atropelado.*

Dansen *em voz baixa, telefonando, mas o barril ressoa um pouco* — Svensson, é você? — Ah, você já sabe da última desgraça. — Não, o que é isso, na minha ainda não. Por que você sempre acha que foi na minha? Mas isso é de arrepiar. — É claro que agora temos que fazer alguma coisa juntos. Temos que tomar as medidas mais enérgicas. — Não, olhar não — eu disse tomar. A gente se armar? De jeito nenhum! — Unidos: sim, mas não armados. — Unidos no quê? Que não vamos nos armar! Isso só chamaria a atenção dele, e eu fiz de tudo para não chamar a atenção. — Eu também estou falando que precisamos nos unir. A união deve até ser de ferro e não deve ser dirigida contra ninguém. *Muito enérgico* — Contra ninguém. Aí não chama a atenção. — Quanto a mim, pode estar seguro, Svensson. — Eu compreendo perfeitamente que você não se sentiria seguro um minuto sequer com relação ao seu depósito se eu desistisse só um tiquinho que fosse da minha independência. Vou me manter inflexível, fora de tudo. Vou só vender meus porcos e basta. — Onde eu coloquei a chave do seu depósito? No mesmo lugar de sempre, é claro, no barbante em volta do meu pescoço, embaixo da minha camisa. — É claro que eu tomo cuidado. — Aquele assalto outro dia, quando roubaram a carta que você escreveu para mim! Está certo, mas aquilo foi um assalto, e contra isso não se pode fazer nada. — É claro que eu não entrego a sua chave, jamais! — Deixar que me tirem ela? O que você pensa que eu sou? — Pressionado? Nunca fui pressionado, nunca dei motivo para isso. — Eu, sendo observado? Ridículo. Não estou sendo observado, senão eu notaria. — Você faz questão das medidas enérgicas? Eu sou totalmente a favor. Sugiro assinarmos um contrato. Precisamos de um contrato de qualquer maneira, antes que o Sol se ponha. — Isso, contra todos que não cumprem mais contratos. Escute, eu tenho uma idéia brilhante, nós simplesmente decidimos não vender mais ferro a um notório perturbador da paz e agitador, e em troca vamos oferecê-lo aos elementos decentes — Não é brilhante por quê? — Você acha que os grandes já estão negociando com base em medidas mais eficazes?

O Estranho, que se sentara tranqüilamente e escutara a conversa, bate no barril.

Dansen *do barril, aflito* — Um momentinho! Tenho que interromper. Não, é só atender um cliente. Continuamos as nossas negociações logo mais.

O Estranho puxa-o pelo traseiro para fora do barril.

O Estranho — Cheguei bem na hora H. Como é que o senhor foi cair no barril? Se eu não aparecesse o senhor ia acabar sufocando.

Dansen, aborrecido, permanece em silêncio sentado no chão.

O Estranho — Por que o senhor está tão calado? O senhor tem algum problema? Sabe, seu Dansen, eu andei pensando e acho que nós dois deveríamos estreitar as nossas relações. É realmente agradável estar aqui com o senhor. A casa é pequena, mas não é de se jogar fora. Que tal um pacto de amizade?

Dansen *com os cabelos arrepiados* — Pacto de amizade...

O Estranho — Pacto de amizade. *Acaricia o porco de Dansen.* Que porquinho bonzinho! Você é um porquinho bonzinho? É, sim, você é um porquinho bonzinho. Tenho uma sugestão: vamos assinar um contrato. Que somos dois amigos. *Tira um cotoco de lápis do bolso do casaco, levanta-se e cata um dos pedaços de papel do chão. Rabisca algumas palavras no verso do papel.* O senhor só vai assinar que não vai me assaltar em hipótese nenhuma se eu pegar um porco ou coisa assim. E eu assino que o senhor pode me telefonar a qualquer hora para pedir minha proteção. E então, que tal?

Dansen — Se o senhor não me levar a mal: eu não quero fazer uma coisa dessas precipitadamente.

O Estranho — Não?
O porco de Dansen grunhe pela segunda vez.

Dansen *à parte, para o porco* — Fica quieto! *Para o Estranho* — Eu teria primeiro que telefonar sem falta para o meu amigo Svensson.

O Estranho — Ah, então o senhor não quer? *Dansen se cala.* E apesar de eu ter ouvido que o senhor queria o contrato de qualquer maneira antes de o Sol se pôr. *Para o porco de Dansen, acariciando-o.* — Você é um porco esperto. Nós nos entendemos. Entre nós não haveria divergências de opinião. Mas pelo jeito não é para ser. Eu não quero me impor de modo algum. Quando chutam minhas ofertas de amizade, eu vou embora.
Levanta-se, ofendido.
O porco grunhe pela terceira vez.

Dansen *enxuga o suor com o lenço vermelho* — Senhor! *O Estranho se volta.* Talvez eu tenha sido áspero demais. Esses acontecimentos dos últimos tempos me atordoaram muito. O senhor queria comprar um porco?

O Estranho — Por que não?

Dansen *rouco* — Então me dê o contrato. *Ele assina.* Mas o senhor não precisa de cópia?

O Estranho — Não é preciso. *Põe o porco debaixo do braço.* Mande a conta no ano-novo. *Ao partir* — E faça o favor de não esquecer que o senhor agora é meu amigo e que tem que orientar o seu comércio de acordo. Até logo!

Dansen *atônito* — E agora eu fiz amizade com ele! *Com o contrato nas mãos, dirige-se hesitante ao telefone* — Alô Svensson, aqui é o Dansen! Eu quero comunicar a você que, dito e feito, já fechei um contrato. — Com quem? Com o fulano lá. Ele não cumpre contrato? — Mas eu tenho a assinatura do próprio punho dele. Espere, como é que é mesmo... eu ainda não li inteiro..., bom: ele não pode me assaltar e eu não posso ajudar ninguém que ele assalte. — Se ele assaltar você? Fora de cogitação. Ele não pode fazer isso o tempo todo! O seu depósito agora é à prova de bombas. — Em quem você pode confiar agora? Em mim! Em mim você pode confiar. E eu posso confiar nele.

3

Dansen está diante de sua casa e ainda telefona.

Dansen — Eu não entendo como você pode achar que a nossa união corre perigo, agora que por três dias e três noites ininterruptas eu garanti para você que ela não corre perigo. — Bom, uma coisa eu posso dizer: se ele não honrasse esse contrato, eu seria o primeiro a enfiar todo o dinheiro economizado em cinco anos de venda de porcos no seu ferro, para nos armarmos até os dentes. Se isso é palavra? — No momento seria loucura. Não tem nem motivo. — O que é que tem com o céu? *Olha em volta.* — É mesmo, está vermelho.
Durante a conversa o céu tornou-se um pouco avermelhado. Trovão distante, abafado.

Dansen — É... é um trovão esquisito. Acho que temos que interromper a conversa. Tenho que dar uma olhada nos meus porcos. — Claro que no seu depósito também. Especialmente por causa de você, agora estou feliz de verdade em ter um contrato com ele. — Agora você vai ver que jogada foi essa que eu fiz. Quer apostar que a essa altura o fulano já se arrependeu de ter se comprometido comigo dessa maneira? Em todo caso a gente têm que ficar em contato cons... Alô! Svensson, você ainda está aí? *Sacode o telefone, mas a ligação cai.* Droga, justo agora tinha que cair a linha! *Vai até o barril e apanha o contrato. Em seguida solta a coleira com que havia prendido o porco ao barril.* E o que eu faria agora sem este papel? Estou cansado demais. Os porcos hoje estavam tão irrequietos que precisei prendê-los na coleira. Ficar telefonando também me cansou. E ainda tenho que ficar de guarda hoje à noite na frente do depósito... eu devo isso ao meu amigo Svensson.

Com o rolo do contrato sobre o ombro como um rifle, faz patrulha diante do depósito, andando de um lado para o outro e espreitando com a mão acima dos olhos. Mas seu passo logo se torna arrastado. Se eu relaxar a atenção por um instante que seja, as conseqüências para mim e para os meus dois amigos lá de cima serão imprevisíveis. *Agora com o porco no colo, senta-se de costas para a parede do depósito. Boceja.* É incrível que agora ele também esteja se associando ao Poll, o comerciante de cavalos. *Quase cochila, mas endireita-se de repente, agarra o chaveirão do depósito que traz no pescoço, debaixo da camisa, e puxa-o para fora.* Pelo menos eu tenho a chave. *Volta a guardá-la.* Eu não entendo por que o Poll também não fez... um contrato... com ele... *Adormece.*

Escurece. Somente o horizonte avermelhado permanece visível. Uma placa com a inscrição "Sonho de Dansen" desce lentamente.

Uma luz cor-de-rosa preenche o palco e vê-se Dansen e o Estranho, parados um diante do outro. Dansen leva seu porco na coleira e o contrato sobre o ombro. O Estranho, ainda em trajes civis, está armado até os dentes. Um capacete na cabeça, um cinturão com granadas de mão e uma pistola automática embaixo do braço.

O Estranho — Eu fui assaltado, meu senhor. Estava só fazendo uma visitinha inocente à casa de um tal de Poll, para me encontrar com um amigo meu. Enquanto eu estava na casa, fui cercado pelo vizinho e assaltado na maior tranqüilidade. O senhor tem que me ajudar.

Dansen — Mas...

O Estranho — Pare com essa falação. Não posso perder nem um minuto. Não tenho tanto ferro assim. Preciso urgente da chave do depósito do meu amigo Svensson.

Dansen — Mas essa eu não posso entregar!

O Estranho — Para mim o senhor pode. O depósito precisa de proteção total. Tem ferro até o teto e o senhor não está em condições de defendê-lo. Me dê a chave! Rápido!

Dansen — Mas confiaram a chave às minhas mãos. Antes, pelo menos, tenho que telefonar para o meu amigo Svensson...

O Estranho — Confiar às suas mãos é confiar às minhas. Chega de enrolação. Mãos ao alto! *Ameaça com a pistola.*

De repente, Dansen aponta o rolo do contrato para o Estranho e permanece imóvel nessa posição ameaçadora.

O Estranho *não acreditando no que vê* — O cão raivoso te mordeu, foi? O que é isso aí?

Dansen — O contrato!

O Estranho *desdenhoso* — Contratos! E quem disse que eu preciso cumprir contratos?

Dansen — Talvez normalmente não. Mas esse comigo o senhor tem que cumprir.

O Estranho *baixa a pistola* — Isso é terrível! Eu preciso do ferro. Estão todos contra mim.

Dansen — Sinto muito.

O Estranho — Mas se eu não conseguir, estou perdido. Vão fazer picadinho de mim, está ouvindo, picadinho!

Dansen — Devia ter pensado nisso antes, meu amigo.

O Estranho — Toda a minha existência está em jogo! Eu tenho que entrar lá, tenho que entrar, tenho que entrar!

Dansen *mantém o papel apontado* — Infelizmente é impossível.

O Estranho — Eu compro todos os seus porcos se você me ajudar nisso!
O porco de Dansen grunhe. No mesmo instante um sino bate, distante.

Dansen — Cale a boca! É pela liberdade. *Para o Estranho* — Sentimos muito.

O Estranho *cai de joelhos, soluçando* — A chave, por favor! Não seja tão inflexível! Minha família, minha mulher, meus filhos, minha mãe, minha avó! Minhas tias!

Dansen — Não posso fazer nada. Com o maior dos pesares, mas não há nada a fazer. Contrato é contrato.

O Estranho *alquebrado, levanta-se com dificuldade* — A mim só me resta me enforcar. Esse contrato me custa a vida, eu, um dos seus melhores clientes. *Derrotado, faz a volta para partir. O porco grunhe pela segunda vez. Novamente um sino distante.*

Dansen — Silêncio! Essa coisa sua é péssima. Sua moral não vale um tostão. *Para o Estranho* — E o senhor não me venha mais com essas exigências imorais, entendeu? Comigo não funciona, um dia ainda acabo perdendo a paciência! *Com o contrato na mão, enquanto o Estranho sai cambaleante, canta a terceira estrofe da canção "Kong Kristian no alto do mastro":*

Niels Juel acena ao furacão
"Chegou a hora"
Iça bem alto o seu balção
O inimigo não escapa não
E grita lá do furacão
"Chegou a hora"
"Fujam, fujam de mala e cuia!"
Eu sou Dansen e a minha fúria
Não demora!

Mas no último verso ouve, horrorizado, o porco grunhindo pela terceira vez.
O Estranho volta-se de repente e assume uma postura triunfante. Escurece. Uma nova placa desce do alto. Traz a inscrição "E o despertar de Dansen!".

Palco novamente iluminado. O porco não parou de grunhir. Ao lado de Dansen, que dorme encostado à parede do depósito, está o Estranho, que, armado até os dentes, cutuca-o com o pé. Dansen acorda num sobressalto.

O Estranho — Passe a chave!

Dansen — Mas eu não posso entregar!

O Estranho — Então você não cumpre contratos, seu animal. Ah, é! Assina um contrato de amizade comigo e depois não quer prestar serviços amistosos? *Pisa-o com a bota.* Querendo negar a chave que eu preciso para chegar ao ferro? Você agora provou por A mais B que é meu inimigo, um dos piores. *Arranca o contrato de suas mãos e rasga-o em pedacinhos.* E agora, pela última vez: passe a chave!
Dansen pega a chave e puxa-a com o olhar fixo no Estranho. O Estranho arranca a chave de Dansen e destranca o portão.

Dansen *surpreso* — E eu dei a chave do Svensson em nome da minha fidelidade contratual!

O Estranho *debaixo do portão, volta-se mais uma vez para Dansen, toma-lhe o porco de coleira e diz, ameaçador* — Vê se entrega os outros porcos espontaneamente, e não me venha com contas! *E entra no depósito de Svensson, com o porco debaixo do braço.*

Quanto custa o ferro?

Was kostet das Eisen?
Escrita em 1939

Tradução: Marcos Renaux e Christine Roehrig

PRÓLOGO

Meus amigos, outro dia um inglês
Contou esta parábola, ouçam vocês.
Em Old Vic, num *pub* distante
Falou de política com um sueco e com um estudante.
Eles tomaram tanta cerveja e tanto
Brandy, mas nem assim chegaram a um portanto
Foi assim que o inglês lhes escreveu no outro dia
Sua opinião sobre a política que se fazia
E usou uma alegoria para isso:
Nós a repetimos, mas sem compromisso.
Um depósito de ferro é onde ela se passa
Quem é o comerciante, quem é o boa-praça
O vendedor de tabaco e a mulher do sapato
Vocês todos vão ver, até mesmo o mais pato.
E quem carrega o ferro é o cliente
Que vocês vão ver logo mais à frente.
Entender a parábola é um exercício
Qualquer um pode fazer. E agora, vamos dar início.

Um depósito de ferro com uma mesa e uma porta, ambas de madeira.

1

Sobre a mesa de madeira barras de ferro, que o vendedor pole com um pano. Sobre uma lousa, um calendário enorme com a data 1938. Com caixas de charutos debaixo do braço, entra o Vendedor de Tabaco.

VENDEDOR DE TABACO — Bom-dia, seu Svendson. Que tal um tabaco? Belos charutos, trinta centavos cada, *austrillos* legítimos!

SVENDSON — Bom-dia, seu Austríaco. Vamos ver! O cheiro continua bom. O senhor sabe o quanto eu aprecio fumar seus charutos. Infelizmente o meu depósito de ferro não está tão bem quanto eu gostaria que estivesse. Isso significa fumar um pouco menos. Não, hoje eu não posso comprar nada. Não estou em condições. Não leve a mal, seu Austríaco. Talvez da próxima vez.

Vendedor de Tabaco — Isso para mim é uma pequena decepção. Mas é claro que eu entendo. *Guarda os charutos.*

Svendson — Fez boa viagem, seu Austríaco?

Vendedor de Tabaco — Nem tanto, seu Svendson. É que a sua loja fica um pouco afastada.

Svendson — O quê, afastada, a minha loja? É a primeira vez que ouço uma coisa dessas.

Vendedor de Tabaco — É, até hoje também nunca me pareceu assim. Nós todos moramos um pouco separados. Mas hoje, quando vinha para cá, encontrei um homem que me causou uma impressão bem estranha.

Svendson — Não diga. O senhor foi insultado?

Vendedor de Tabaco — Isso não, antes o contrário. O homem me tratou como um velho amigo. Foi logo me chamando pelo primeiro nome e me explicou que éramos parentes. Até hoje eu nunca soube, eu falei. O quê, você não sabe disso, foi o que ele disse, e me olhou como se eu fosse uma moeda falsa. E então ele me explicou tintim por tintim como é o nosso parentesco, e quanto mais ele falava mais a gente virava parente.

Svendson — E isso é tão grave assim?

Vendedor de Tabaco — Não, mas ele disse que me faria uma visita em breve.

Svendson — O senhor diz isso como se tivesse sido uma ameaça?

Vendedor de Tabaco — Sabe, as palavras eram bem comuns, ele disse ter talvez o defeito de possuir um senso de família muito forte. Se ele descobre que alguém, de alguma forma, é parente, não consegue mais viver sem essa pessoa.

Svendson — Mas essas palavras não são feias.

Vendedor de Tabaco — Não, mas ele berrava tanto quando falava.

Svendson — E isso o deixou assustado?

Vendedor de Tabaco — Para dizer a verdade, muito.

Svendson — O senhor está tremendo. No corpo todo.

Vendedor de Tabaco — Porque estou pensando nele.

Svendson — Nervos. O senhor tinha que morar no ar puro aqui de cima.

Vendedor de Tabaco — Talvez. A única coisa boa é que parece não estar armado. Senão eu teria que me preocupar mesmo. Bom, cada um tem seu fardo para carregar, e ninguém pode ajudar.

Svendson — Ninguém pode.

Vendedor de Tabaco — Eu também estranhei que, antes de me deixar ir, ele tenha sugerido um pacto: nunca falaria nada contra mim e eu nunca falaria nada contra ele.

Svendson — Mas isso soa mesmo muito honesto. Isso é reciprocidade absoluta.

Vendedor de Tabaco — O senhor acha mesmo?
Pausa.

Vendedor de Tabaco — Talvez eu devesse ter algum tipo de arma.

Svendson — Claro. Isso não faz mal a ninguém.

Vendedor de Tabaco — Infelizmente armas custam dinheiro.

Svendson — Isso é.

Vendedor de Tabaco — Bom, então até logo, seu Svendson.

Svendson — Até logo, seu Austríaco.

O Vendedor de Tabaco sai.
Svendson levanta-se e, ao som de uma música monótona, faz ginástica sueca com as suas barras de ferro.
Entra um Cliente. Um homem vestindo um terno que não lhe serve.

CLIENTE *com voz rouca* — Quanto custa o ferro?

SVENDSON — Uma coroa a barra.

CLIENTE — Caro.

SVENDSON — Eu também tenho que viver.

CLIENTE — Sei.

SVENDSON — Seu rosto não me é estranho.

CLIENTE — O senhor conhecia o meu irmão. Ele vinha muito aqui.

SVENDSON — Como vai ele?

CLIENTE — Morreu. Eu herdei o negócio dele.

SVENDSON — Ouço isso com pesar.

CLIENTE *ameaçando* — Tem certeza?

SVENDSON — Não estou falando do negócio que o senhor herdou, mas sim que ele morreu.

CLIENTE — O senhor parece ter sido muito amigo dele.

SVENDSON — Nem tanto. Ele era um bom cliente.

CLIENTE — E agora eu sou seu cliente.

SVENDSON — Às ordens. O senhor também vai querer duas barras, como o seu irmão?

CLIENTE — Quatro.

SVENDSON — Então são quatro coroas.

CLIENTE *tira algumas notas do bolso. Hesitante* — Estão um pouco manchadas. São manchas de café. O senhor se incomoda?

SVENDSON *examinando as notas* — Mas isso não é café.

CLIENTE — O que é, então?

SVENDSON — É avermelhado.

CLIENTE — Então deve ser sangue. *Pausa.* Eu cortei o dedo. *Pausa.* O senhor quer o dinheiro ou não quer?

SVENDSON — Eu não acho que vou ter dificuldades em passá-lo adiante.

CLIENTE — Não. Nenhuma.

SVENDSON — Então está bem. *Guarda as notas na caixa, enquanto o Cliente coloca as barras debaixo do braço. Em tom mais suave* — Acaba de me ocorrer uma coisa. Há pouco esteve aqui um vendedor de tabaco que eu conheço há muito tempo. Ele se queixou de ter sido muito importunado por um estranho que o abordou no caminho para cá. O senhor encontrou alguém que o importunasse?

CLIENTE — Não. Ninguém me importunou. E também ninguém falou comigo, o que, a propósito, me admirou um bocado. Seu conhecido deve ser um mentiroso da pior espécie.

SVENDSON *ofendido* — Não diga uma coisa dessas.

CLIENTE — O mundo está cheio de mentirosos, ladrões e assassinos.

SVENDSON — Essa realmente não é a minha opinião. Meu amigo parecia estar sinceramente preocupado. Eu até me perguntei se deveria ceder uma barra de ferro a ele, para que ele pudesse eventualmente se defender.

Cliente — Eu não aconselharia uma coisa dessas. Isso sem dúvida provocaria derramamento de sangue na região, se o senhor armasse todo mundo de graça. Pois eu estou dizendo: é um bando de ladrões e assassinos. E mentirosos. Pode acreditar que o melhor para o senhor é evitar qualquer impressão de que está se metendo em rixas e não vendendo seu ferro pacificamente. Digo isso como homem de paz. Não se pode dar armas para essa gente! É um bando de famintos, e quando uma arma vai parar nas mãos de um sujeito faminto...

Svendson — Eu entendo.

Cliente — A propósito, não somos parentes?

Svendson *admirado* — Nós? Como assim?

Cliente — Bom, eu achei. Por parte dos nossos bisavós ou coisa assim.

Svendson — Acho que é engano.

Cliente — Essa é boa. Bom, então eu vou indo. O seu ferro é bom. Eu preciso dele. Mesmo sendo tão caro. Fazer o quê, se eu preciso dele. O senhor não acha que vai ficar mais barato?

Svendson — Duvido.
O cliente dirige-se à porta. Ouve-se um ronco.

Svendson — O senhor disse alguma coisa?

Cliente — Eu? Não. É só o meu estômago que está roncando. Numa certa época eu comia muita gordura. Agora estou de jejum.

Svendson *ri* — Ah bom! Então, até logo!
O Cliente sai.

Svendson *telefona* — Dansen, é você? Olha, aquele sujeito novo esteve aqui. — Ah, ele também esteve aí... Ele fez compras comigo. — Ah, com você também... Enquanto ele pagar, para mim está bom. É claro que para você também está bom que chega enquanto ele pagar.
Escurece.

2

O calendário do depósito de ferro indica o ano de 1939.
Entra uma Vendedora de Sapatos, com caixas de sapatos debaixo dos braços.

Vendedora de Sapatos — Bom-dia, seu Svendson. Vai querer sapatos? *Desembrulha grandes sapatos amarelos.* Bonitos, resistentes, sapatos de legítima fabricação tcheca, onze coroas o par.

Svendson — Bom-dia, dona Tcheca. A senhora sabe o quanto me alegro com suas visitas. Meu negócio não está tão bom quanto poderia estar, de modo que no momento eu não quero comprar sapatos novos, mas é claro que eu só compro com a senhora. Mas a senhora parece um pouco exaltada, dona Tcheca.

Vendedora de Sapatos *olhando timidamente em volta, de modo intermitente* — E não é de admirar. Então o senhor não soube da história terrível que aconteceu com o vendedor de tabaco?

Svendson — Que história?

Vendedora de Sapatos — Um vendedor de tabaco, um tal de Austríaco, foi assaltado em plena rua. Assassinado e roubado.

Svendson — Não diga! Mas isso é terrível.

Vendedora de Sapatos — Não se fala em outra coisa na redondeza. Agora eles querem organizar uma polícia. Todos devem fazer parte. O senhor também, seu Svendson.

Svendson *desagradavelmente tocado* — Eu? Mas isso é totalmente impossível. Eu não dou para policial, dona Tcheca, de jeito nenhum. Eu sou pacífico demais. E o meu depósito nem me dá o tempo para isso. Eu quero vender o meu ferro em paz e pronto.

Vendedora de Sapatos — O homem que assaltou o vendedor de tabaco devia estar bem armado. Eu também quero uma arma, eu estou com medo de verdade. Seu Svendson, me mande uma barra de ferro.

SVENDSON — Claro. Com o maior dos prazeres, dona Tcheca. Uma barra de ferro, uma coroa.

VENDEDORA DE SAPATOS *examina a carteira* — Então, tem que ter uma coroa aqui.

SVENDSON — Mas as suas mãos estão tremendo, dona Tcheca.

VENDEDORA DE SAPATOS — Está aqui. *Tira uma coroa da carteira.* No caminho para cá um homem me parou e me ofereceu proteção. Isso me assustou muito, demais.

SVENDSON — E por quê isso?

VENDEDORA DE SAPATOS — É... sabe, eu não tenho um único inimigo entre as pessoas que eu conheço. Só esse homem eu não conhecia. E ele queria ir na minha casa, para me proteger, como ele disse. Isso é muito estranho. Me diga: e o senhor não se sente ameaçado?

SVENDSON — Eu? Não. Sabe, comigo todo mundo tem que se entender, porque todos precisam do meu ferro nesses tempos inseguros. Mesmo se estiverem todos se engalfinhando, eles têm que ter respeito por mim. Porque eles precisam do meu ferro.

VENDEDORA DE SAPATOS — É, o senhor está bem fora disso. Até logo, seu Svendson. *Vai embora.*

SVENDSON *grita atrás dela* — Até logo, dona Tcheca! Eu mando a barra! *Levanta-se e faz novamente ginástica sueca, ao som de uma música monótona.*

O Cliente entra. Esconde algo sob o casaco.

CLIENTE — Quanto custa o ferro?

SVENDSON — Uma coroa a barra.

CLIENTE — Ainda não ficou mais barato. Dá aqui.

SVENDSON — Mais quatro barras?

CLIENTE — Não, oito.

SVENDSON — São oito coroas.

CLIENTE *devagar* — Tendo em vista o fato de que somos um pouco parentes, quero lhe fazer uma sugestão.

SVENDSON — Não que eu soubesse, meu caro...

CLIENTE — Se o senhor ainda não sabe, tudo bem. Eu quero sugerir que passemos para um novo procedimento, um procedimento de troca: mercadoria contra mercadoria. Tenho certeza que o senhor fuma charutos. Pois bem, aqui estão os charutos. *Tira uma caixa de charutos grandes do casaco.* Posso fazer um precinho bem barato para o senhor, já que não me custaram nada. Eu herdei de um parente. E eu não fumo.

SVENDSON — O senhor não fuma. O senhor não come. O senhor não fuma. E isso aí são *austrillos.*

CLIENTE — Dez centavos cada. São dez coroas pela caixa com cem. Entre primos, eu deixo por oito, quer dizer, pelo ferro. Concorda?

SVENDSON — Eu conhecia o vendedor de tabaco. Como foi que ele morreu?

CLIENTE — Na maior paz. Na maior paz, homem. Tranqüilo e em paz. Um homem de paz. De repente ele mandou me chamar. E então um mais acima mandou chamá-lo. Foi tudo muito rápido. Ele ainda disse: irmão, não deixe o tabaco secar, e finou-se. Coloquei sobre seu túmulo a coroa que ele tinha pendurado na porta para me dar as boas-vindas. *Enxuga uma lágrima. Nisso cai um revólver de sua manga. Guarda-o rapidamente.* Foi chamado de um mundo perverso. Um mundo onde ninguém confia em ninguém. Um mundo de assaltos, de insegurança nas ruas. Eu mesmo carrego uma arma comigo nos últimos tempos. Descarregada, só para assustar. E como fica com os charutos?

SVENDSON — Eu não posso me dar ao luxo. Se eu pudesse comprar alguma coisa, compraria sapatos.

Cliente — Eu não tenho sapatos. Eu tenho charutos. E eu preciso do ferro.

Svendson — E para que o senhor precisa de tanto ferro?

Cliente — Ah. Ferro é sempre bom. *O seu estômago solta outro ronco oco.*

Svendson — Talvez fosse melhor o senhor comprar algo para comer.

Cliente — Logo mais. Logo mais. Tenho que ir andando, parece que vai chover e eu estou com um paletó de lã, que eu mesmo descobri, não agüenta chuva. Talvez eu possa lhe oferecer uma peça desse maravilhoso tecido pelo ferro?

Svendson — Está bem. Eu fico com os seus *austrillos*. Meu negócio não anda tão bem quanto eu queria. *Pega a caixa.*

Cliente *ri sarcasticamente e pega as suas oito barras de ferro* — Até logo, seu Svendson.

Svendson *telefona, apreciando um* austrillo — É você, Dansen? O que você me diz dos últimos acontecimentos? É, eu também digo o mesmo. Não falo nada. — Hã — Hã, você também não chama a atenção? É, eu também não. — Sei, você também ainda vende para ele? É, eu também ainda vendo. — Sei, você também não está assustado? É, eu também não.
Escurece.

3

O calendário no depósito de ferro mostra fevereiro de 1939. Svendson está sentado e fuma um austrillo. *Entram uma senhora e um senhor.*

Senhor — Caro senhor Svendson. Se o senhor tiver um tempo de sobra, a senhora Gall e eu queremos pedir-lhe um conselhozinho.

Svendson — Senhor Britt, o senhor pode ter certeza de que para o meu maior cliente eu estou disponível a qualquer hora.
Senhor e Senhora sentam-se.

Senhor — Trata-se do horrível assalto à senhora Tcheca.

Svendson — A dona Tcheca foi assaltada?

Senhor — Ontem à noite a nossa vizinha, a senhora Tcheca, foi assaltada, assassinada e roubada por um homem fortemente armado, aquele tal fulano lá.

Svendson — O quê? A dona Tcheca assassinada? Como pôde acontecer isso?

Senhor — Isso, como? Nós também estamos totalmente transtornados e ainda nem conseguimos entender. A senhora Gall era particularmente muito amiga dela. Ontem à noite, de repente, ouviu-se uma gritaria por socorro da casa dela. A senhora Gall veio imediatamente à minha casa e ficamos horas deliberando o que poderia ter acontecido a ela. Então fomos até a casa da infeliz e a encontramos em árdua disputa com o tal fulano lá. Ele exigia algo que supostamente pertencia a um parente dele, e nós a aconselhamos a entregar o que ele pedia se ele prometesse deixá-la em paz. Ela concordou e ele prometeu. Mas parece que mais tarde da noite ele voltou de repente e simplesmente matou a pobrezinha.

Senhora — É claro que jamais teríamos saído se não tivéssemos confiado na promessa dele.

Senhor — Trata-se agora de juntar todos os vizinhos numa união que possa cuidar para que isso não volte a acontecer. Aproveitamos para perguntar também se o senhor não quer se filiar a uma união para a manutenção da ordem como essa e incluir seu nome na lista dos organizadores. *Entrega-lhe uma lista.*

Svendson *recebe-a hesitante, inquieto* — Bom, mas eu sou apenas uma pequena loja de ferro. Eu não posso me meter na briga das firmas grandes. Meu ingresso numa união dessas poderia irritar alguns dos meus clientes.

Senhora — Ora, o senhor só quer saber de vender o seu ferro, tanto faz para quem?

Svendson — De maneira nenhuma! Como a senhora pode dizer uma coisa dessas! Eu acho que tenho consciência tanto quanto a senhora. Eu só não sou um sujeito de briga, entende? Não estou nem pensando no meu negócio. Vamos conversar mais cordialmente. *Para o Senhor* — O senhor fuma?

Senhor *observa os charutos* — *Austrillos!*

Senhora — Eu seria grata aos senhores se não fumassem.

Svendson *irritado, guarda a caixa e o seu charuto* — Desculpe.

Senhor — O senhor falava da sua consciência, senhor Svendson.

Svendson — Falava? Sim, claro. Posso dizer que abomino profundamente qualquer violência. Desde os primeiros acontecimentos que não durmo mais à noite. Na verdade, eu só fumo tanto agora por causa do meu nervosismo, madame.

Senhora — Então, em princípio, o senhor não descarta a idéia de uma união contra o emprego da violência?

Svendson — Descartada ou não, em todo caso, as razões que me movem são apenas as mais ideais possíveis.

Senhor — Naturalmente, estamos convencidos do seu ponto de vista meramente ideal. Com certeza o senhor não vende o seu ferro ao fulano porque simpatiza com o comportamento dele!

Svendson — De certo que não. Eu o reprovo.

Senhor — E também não se sente parente dele, como ele afirma, sente-se?

Svendson — Absolutamente.

Senhor — O senhor vende, pura e simplesmente, porque é pago e enquanto for pago.

Svendson — Isso mesmo.

Senhor — E o senhor acha que o fulano não iria mais precisar do seu ferro se o senhor estivesse na nossa união pela paz, que garante segurança ao senhor e a todos os outros?

Svendson — É claro que ele precisa do meu ferro. Na verdade, eu não sei o que ele faz dele...

Senhora *amável* — Metralhadoras!

Svendson *disfarça imediatamente* — Como eu disse, eu não sei, mas nesse caso ele também teria que comprar. Só que, como eu disse, ele poderia ficar irritado, sabe, e eu sou de índole pacífica. Falando francamente, estou esperando por ele agora e eu preferiria que ele não encontrasse vocês aqui no meu depósito. É que ele é extraordinariamente sensível, e se ofende com enorme facilidade. Portanto façam-me o favor de...

Entra o Cliente, um pacote debaixo do braço.

Cliente — Quanto custa o ferro?

Svendson — Uma coroa a barra.

Cliente — Ah, temos aí um clube inteiro reunido. São seus amigos, Svendson?

Svendson — Hmmm. Sim. Não. Mais ou menos. Uma visita de negócios.

Senhor — Estávamos falando do assassinato da dona Tcheca pelo senhor.

Cliente — Por mim?

Senhora — É.

Cliente — Mentira! Desaforo! Calúnia!

Senhor — O quê, o senhor nega o assassinato da dona Tcheca?

CLIENTE — E como eu nego! A dona Tcheca, que me foi recomendada por parentes próximos que eram seus hóspedes, pediu que eu cuidasse de sua proteção pessoal. Atendendo aos pedidos insistentes dos meus parentes eu concordei, e ontem assumi sua proteção. Foi a última grande alegria dela nesta terra. Pouco depois ela expirou em paz nos meus braços, de velhice. Essa é a verdade, e disso os senhores e os outros logo fazem um assassinato! E além disso foram vocês que me entregaram a dona Tcheca! Vocês a deixaram na mão e vão deixar todos os seus amigos na mão. Caro Svendson, isso deveria dar a você o que pensar!

SENHORA — Quer dizer que apenas cuidou da senhora Tcheca?

CLIENTE — Por que eu haveria de ter feito mal a ela? *Seu estômago ronca.*

SENHOR — E o senhor quer mesmo negar que é uma ameaça a todos que moram na redondeza?

CLIENTE — E como eu nego isso! Vim aqui para comprar dezesseis barras de ferro, senhor Svendson. Mas vejo que aqui impera uma atmosfera hostil à minha pessoa. É claro que não se pode exigir do senhor que venda ferro a alguém que o ameaça. E por isso eu lhe pergunto, pense bem na sua resposta: o senhor se sente ameaçado por mim?

SVENDSON — Eu? Por que essa pergunta? Quantas barras o senhor queria? São dezesseis? Se me sinto ameaçado pelo senhor? Mal posso crer que isso possa ser exigido de mim. Quer mesmo uma resposta?

O SENHOR, A SENHORA E O CLIENTE — Sim.

SVENDSON *juntando as barras de ferro* — Então eu lhes digo que não. Não me sinto ameaçado.
O Senhor e a Senhora saem, indignados.

CLIENTE *enquanto Svendson limpa para ele as barras com a lista dos organizadores* — Bravo. Isso é que ainda é coragem, pelo menos. Nós temos alguma coisa de parente sim, Svendson. Ainda que o senhor negue. Nós negamos muito mesmo. Além disso: será que nós dois, que amamos a paz incondicionalmente, não poderíamos fazer um pequeno pacto que autorizasse o senhor a agredir todos com barras de ferro, etc., menos eu, e que me autorizasse a agredir todos, menos o senhor?

SVENDSON *com a voz sufocada* — Eu não gostaria de fazer isso. Meu maior cliente...

CLIENTE — Mas eu tenho que ter mais ferro, Svendson. Estão tramando contra mim. Querem me assaltar. Todos querem me assaltar. Porque não suportam ver como estou bem. *Seu estômago ronca outra vez.* Dizem que eu dei um fim nela! Mentira! Mentira! Mentira! E sabe o que eu encontrei com ela depois? Uma barra de ferro! Ela queria me atacar. O senhor faz bem em se manter fora dessas encrencas asquerosas. O senhor é um vendedor de ferro e não um político, seu Svendson. Vende o seu ferro a quem paga. E eu compro aqui porque o senhor me agrada e porque vejo que vive do seu negócio. Por não estar contra mim e não se deixar insuflar pelos meus inimigos, é por isso que eu compro o seu ferro. Por que mais haveria de comprar? Comigo o senhor não precisa se agastar. Outro dia o senhor queria sapatos, não queria? Aqui estão seus sapatos. *Desembrulha grandes sapatos amarelos.* Justamente o que o senhor precisava, seu Svendson. Posso fazê-los bem baratos. Sabe o que me custaram?

SVENDSON *fraco* — O quê?

CLIENTE — Nada. Está vendo, isso vem a seu favor. Ainda seremos os melhores amigos, principalmente se ficarmos totalmente de acordo quanto ao preço do ferro. E vamos chegar lá, vamos sim. Então me ajude com as barras, Svendson.
Svendson ajuda-o a pegar as barras. Ele põe seis debaixo de cada braço e as restantes nas costas e sai se arrastando, sobrecarregado.

SVENDSON — Até logo!

CLIENTE *já na porta, volta-se com dificuldade, sorrindo* — Logo, logo.

4

O calendário do depósito de ferro indica 19??.
Svendson circula por ali, fumando um austrillo *e calçando os sapatos da senhora Tcheca. De repente, estrondo de canhões. Svendson, muito inquieto, tenta, em vão, telefonar. Não há mais linha. Liga o rádio. Não há mais transmissão. Olha pela janela. Clarão.*

SVENDSON — Guerra!
Corre até a tabela de preços, apaga o número três com a esponja e mais do que depressa escreve o número quatro. Pálido como cal, entra o Cliente carregando muita coisa debaixo do casaco.

SVENDSON *escutando* — Sabe de onde vem esse estrondo de canhão?

CLIENTE — Vem do ronco do meu estômago. Quer saber? Estou indo buscar comida. Mas para isso preciso de mais ferro. *Joga o casaco para trás e mostra pistolas automáticas engatilhadas.*

SVENDSON — Socorro! Socorro!

CLIENTE — Quanto custa o ferro?

SVENDSON *acabado* — Nada.

NOTA

A pequena peça deve ser encenada no estilo *knockabout*. O comerciante de ferro deve usar uma peruca com cabelos que possam arrepiar-se; os sapatos devem ser muito grandes, os charutos também. Moldurando a decoração, citações de discursos de governantes nórdicos são os mais indicados.

Apêndice para as Peças de Um Ato de 1939

I[1]

Dois escandinavos tomam café-da-manhã.

1

OTIMISTA — Você é um pessimista incorrigível.

PESSIMISTA — E você é um otimista incorrigível.

OTIMISTA — Se você só não viesse com os seus vaticínios, e sempre quando estou comendo...

PESSIMISTA — Então quando eu devo falar? Você está sempre comendo mesmo!

OTIMISTA — Mas quando escuto você eu perco o apetite.

PESSIMISTA — Eu perco o meu quando vejo você.

OTIMISTA *grunhe, aborrecido.*

PESSIMISTA — Isso não pode acabar bem. Pense só no que aconteceu!

OTIMISTA — Mas o que foi que aconteceu?

PESSIMISTA — Quer que eu repita numa fabulazinha? Quer?

OTIMISTA — Tenha a bondade.

---

[1] Nos manuscritos de Dansen há três diálogos curtos, sem indicação de seqüência, que possivelmente foram pensados por Brecht como ambientação para essas peças de um ato. Neste caso, viriam antes das cenas 1, 2 e 3.

2

Pessimista — É ou não é assim?

Otimista — Visto de maneira bem pessimista! E muito antipática no que se refere a Dansen! Nem mencionando seu indiscutível amor pela liberdade e coisas assim!

Pessimista — Meu querido amigo! Bajular o Dansen, eu bajulei! Agora é que vem o melhor dele!

Otimista — Não diga! Isso soa bastante promissor!

Pessimista — É só eu continuar contando.

3

Otimista — E daí?

Pessimista — Daí o quê?

Otimista — Daí, o que é que tem de errado nesse contrato? Talvez dessa vez você me deixa contar até o fim! Vou mostrar a você como esse contrato vai funcionar! Você vai ficar pasmo!

Pessimista — Ah, então você quer contar a fábula até o fim?

Otimista — Isso mesmo. Preste atenção!

II[2]

Casa de Norsen, mesa redonda sobre o chão. Norsen está na janela e observa um incêndio. Svendson entra, perturbado. Trovão distante.

Norsen — É você mesmo, Svendson?

Svendson — Que pergunta idiota. É claro que sim. Quem é o sujeito que fica vadiando aí na sua porta?

Norsen — Que sujeito?

Svendson — Um baixinho que estava na sua porta quando eu cheguei e saiu correndo quando me viu.

Norsen — Não faço idéia. Mas me incomoda terem visto você entrando aqui.

Svendson — Que bela recepção! Entre velhos amigos.

Norsen — Quieto!
Ouvem bater na porta.

Norsen — Entre.
Dansen entra, perturbado.

Svendson — Dansen! Era você que estava parado na porta?

Dansen — Era. Eu só reconheci você quando vi suas costas.

Norsen — Como você pode vir aqui numa hora dessas?

Dansen — Você não foi informado?

Norsen — De maneira alguma! E também não me conformo! O que será que o fulano vai dizer se souber que estamos aqui conspirando?

Svendson — Mas ele quis que viéssemos para cá! Foi por isso que ele escreveu para mim!

Dansen — Para mim também.

Norsen — Mas isso é muito estranho.

Svendson — Isso é.

---

[2] Esta cena, cujo manuscrito contém correções de Brecht, pertence tematicamente às peças de um ato de 1939 e deve ter sido escrita na mesma época.

DANSEN — Assustadoramente estranho.

NORSEN — Por que ele precisa escrever, se não sai da casa de vocês?

SVENDSON — Eu também não entendo. Ele me trata pessimamente. Carrega todo o ferro e paga com pedacinhos de papel.

DANSEN — Ele também não paga os meus porcos.

NORSEN — Eu achei que você não receberia mais ração se ele tocasse a sua loja.

DANSEN — Foi o que eu também pensei. Por isso achei que ele me deixaria tocar a minha loja sozinho, mas ele arranja ração não sei onde e manda para mim.

NORSEN — Deveríamos ter-nos associado em tempo.

SVENDSON — Nós éramos fracos demais.

NORSEN — Que nada. Nós tínhamos uma arma na mão. Poderíamos ter dito que ele não ganharia mais nenhum pedaço de ferro, de carne ou de sardinha se atacasse algum de nós! E poderíamos ter juntado as nossas forças. Ele já tem inimigos demais para ainda querer nossa inimizade.

SVENDSON — E não podemos mais fazer isso agora?

DANSEN — Impossível. Ele já está dentro da casa de cada um de nós.

NORSEN — Você poderia ter ameaçado afundar o ferro quando ele entrou. Agora é tarde.

SVENDSON *para Dansen* — Se você não tivesse dado a chave do meu depósito!

DANSEN — Se você tivesse chegado a tempo, antes de ele vir buscar! Ele veio com pistolas automáticas, feitas com o seu ferro!

SVENDSON — Como é que você pôde acreditar num contrato com ele?

DANSEN — E você, que no fim ele ainda ia pagar pelo seu ferro!

NORSEN — Não gritem tão alto. Ele pode chegar a qualquer instante!

SVENDSON — Mas uma associação é que teria sido o certo.

DANSEN — Agora é tarde!

NORSEN — Quieto!

Passos pesados. Arrombam a porta. Entra o Cliente, usando um capacete de ferro.

CLIENTE *aproximando-se da mesa* — Sentem-se. Não tenho nenhum minuto a perder.

Sentam-se em torno da mesa. O cliente preside.

CLIENTE — Talvez vocês já estejam imaginando por que os chamei até aqui. Não? Bando de idiotas! É preciso dizer tudo para vocês. Sozinhos não chegam a lugar algum. Preciso de uma pano verde na mesa.

NORSEN — Serve uma vela?

CLIENTE — Serve, mas cuidado para não rasgar, eu preciso de todas as suas velas.

Norsen estica uma vela sobre a mesa.

CLIENTE — Muito bem, em resumo: desejo — e faço questão que os meus desejos sejam realizados — que finalmente vocês cheguem a um acordo e formem uma associação.

SVENDSON — O quê?

CLIENTE — Silêncio! Uma associação. Eu assumi a proteção de vocês. Vocês estão achando que eu tenho seguranças às pencas? Eu posso dar um, mais não. É para isso que eu preciso da associação. Senão nem o ferro, nem a carne nem a sardinha chegam pontualmente na minha casa. É preciso acabar com esse desmazelo e com essa economia doméstica.

NORSEN — Mas...

CLIENTE — Eu disse: silêncio. De pé! Sentido! Dar as mãos! É para hoje? Povos irmãos: uni-vos e assim por diante. *Os três se levantam e se dão as mãos.* É um momento histórico! E assim está fundada a união. De agora em diante as mercadorias serão fornecidas em conjunto. E com isso eu os declaro unidos. O que já deveria ter acontecido há muito tempo.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
YANGRAF
GRÁFICA E EDITORA LTDA.
WWW.YANGRAF.COM.BR
(11) 2095-7722